

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

GIORGIA ENAE MARTINS

**A EXPERIÊNCIA DE PROFESSOR NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL:
reflexões sobre o Estágio Supervisionado em Educação Física**

FLORIANÓPOLIS, 2010.

GIORGIA ENAE MARTINS

**A EXPERIÊNCIA DE PROFESSOR NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL:
reflexões sobre o Estágio Supervisionado em Educação Física**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física – Habilitação: Licenciatura, do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Ms. Carlos Luiz Cardoso

FLORIANÓPOLIS, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A comissão examinadora, abaixo-assinada, aprova a monografia

“A Experiência de Professor no Primeiro Ano do Ensino Fundamental: reflexões sobre o Estágio Supervisionado em Educação Física”,

elaborada por

Giorgia Enae Martins,

como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso (Orientador)

Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires (Membro)

Prof. Mdo. Rodrigo Duarte Ferrari (Membro)

Prof. Manoel Alair Knabben Jr. (Suplente)

Florianópolis, Junho de 2010.

"Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo".

Hermann Hesse

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Kênia pela oportunidade de viver e contar com seu amor eterno; ao homem que me completa Kiko por me mostrar os caminhos da “ética física”, pela cumplicidade e pelo amor; a meu irmão Ighor e a minha cunha Milene, pela sensibilidade, sensibilidade e também pelos churrascos no Campeche; ao papi Geraldo pelo carinho e por me querer como filha; à vó Pepê pela dedicação e por ser minha segunda mãe; à vó Mery e ao vô Walter (*in memorian*) pela inspiração, companheirismo e pelo tempero baiano; ao meu Pai Emanuel pela segurança e pelo amor; ao Enzo, por ser tão importante para mim; à Jussara por nos ter dado o Enzo; aos “candidatos” a sogros Irene e Manoel por me aturarem e me aprovarem para ser mulher de seu filho; às cunhas Carla e Patrícia pelos verões nos Ingleses e pelo carinho; aos primos (Emanuella, Pâmella, Gustavo, Pedro, Guga, Kalil, Luiza, Matheus, Dezirê) pela amizade verdadeira; à meus tios (Jorge, Beto, Júnior, Sebastião, Roberto (*in memorian*), Edson e César) e às tias (Lorena, Marília, Francy, Marisa, Rosângela) pelo exemplo de vida e pelos extintos finais de semana em São Miguel; ao Thor e família Rio Apa, pelas poesias e fins de semana na Pinheira; aos tios-avós Conceição, Norma e Edgard, em nome dos demais tios por serem tão bons comigo, e aos demais familiares que aqui não foram citados mas que com certeza foram importantes neste processo.

Dizem que os verdadeiros amigos são irmãos que nos permitiram escolher. Agradeço às minhas amigas do peito Cecília, Alice, Paulinha e a Xanda (mais que prima, uma super amiga) por nosso crescimento juntas, pelas festas, pelos desabafos e conselhos e por serem parte do que me tornei e do que ainda virei a ser; à Letícia, minha anjinha da guarda, por ser linda e por ser minha amiga não só nessa vida; à Maty por ser a outra metade do meu casadinho e pela amizade sincera; à Marietou Bintou Yarassolulai Brancher Gueye, por ter esse nome e por ser muito especial pra mim; à Ana Lice por ser minha mãe substituta; à Carol Noronha pela parceria, amizade, e pelo sorriso que iluminou meus dias durante a graduação; à Marcinha (meio prima, meio tia e muito amiga) pelo tempo que estamos distantes não influenciar em nossa amizade que é do coração, e por fim, à galera da Juvenal, pelos melhores anos da minha vida.

A meus professores/mestres, Giovani (mui amado e todo poderoso), por ter estado ao meu lado durante toda a graduação (me aturando no PET-Educação Física e em várias disciplinas), mais do que me aconselhando e ensinando, sendo um paizão; ao Cardoso pelas valiosas (des)orientações, em conversas que me provocaram e abriam caminhos para um saber de mim mesma, por vivenciarmos a Experiência do ensinar/aprender mútuo, e por rir ao Edgard por ter aceitado a batalha de ser tutor do PET-EF, pela sensibilidade e pela vontade de mudar o mundo, e aos demais professores que tive a oportunidade de trocar ideias e tumultuar suas aulas, muito obrigado.

Ao Programa de Educação Tutorial, que me oportunizou o exercício da pesquisa-ensino-extensão e também me ensinou a viver sem muito consumo através dos longos meses de atraso no pagamento das bolsas. Gostaria de agradecer, em especial a todos que já passaram pelo grupo PET – Educação Física, mas principalmente ao tutor Giovani, à Gabriela, Sabrina, Xixa, Roberta, Rafael (Gaspar, Góes e Spinelli), Arthur, Vítor, Bruno, por formarmos juntos uma turminha ótima para dialogar, produzir, discutir e rir, e aos atuais petianos Carol, Filipi, Simone, Farofa, Pati, Daienne, Dani, Keysi, Genérico, Felipe, Lucas, Priscila e Edgard por traçarmos juntos novos objetivos e darmos maior significado a nossos encontros e ações.

À meus cães (Maya, Noa, Bob, Fidel, Jacó, Morena, e Apolo, Luana e Ursa, *in memoriam*) por serem meus filhos e ficarem muito felizes com minha presença e não se cansarem de demonstrar seu amor; à praia da Daniela, aos Garapuvus floridos, aos macaquinhos sagüis, ao criador do chocolate, ao basquete, aos livros e seus escritores; aos sonhos que já tive, ao amor e à Deus, por representar para mim, com toda a perfeição, a unidade de todas as pessoas, seres e lugares que aqui foram citados. Obrigada por tudo que tenho e, essencialmente, por todos que tenho em minha vida, todos estes a quem dedico meu profundo

Muito obrigada!

RESUMO

Com a obrigatoriedade da matrícula de crianças de 6 (seis) anos de idade no Ensino Fundamental a partir de 2006, em atendimento à Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005, que altera os Artigos 6º, 32º e 87º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/1996), novas Experiências tem se dado desde então nas Escolas, tanto no que diz respeito a organização escolar, quanto para professores e alunos. Este trabalho é justificado por esta recente mudança e nas poucas pesquisas que existem buscando compreender e interpretar essa situação, sobretudo na Educação Física, mas também pela busca por uma aproximação entre o conhecimento do campo da Educação Física e a ação pedagógica na escola. Tem-se como objetivo deste trabalho conhecer a Experiência de professor nas aulas de Educação Física do 1º ano, tendo como cenário uma escola que tem implementado o Ensino Fundamental com 9 (nove) anos de duração. Para isso buscou-se conhecer a forma como ocorreu a preparação dos professores para essa nova situação e também estudar sobre como foi implementada essa nova Lei em uma escola da rede municipal de Ensino de Florianópolis. A pesquisa se deu no próprio contexto escolar, utilizando o registro e interpretação das aulas do Estágio Supervisionado II do curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, assim como entrevistas com um representante do corpo pedagógico/administrativo da escola e com a atual professora de Educação Física da referida série. Quanto à natureza, a presente pesquisa tem abordagem qualitativa e caracteriza-se como um estudo de caso; quanto aos objetivos, tem caráter exploratório-descritivo. Como método de interpretação dos dados foi utilizada a hermenêutica, tendo sempre referenciais teóricos para fundamentar e legitimar o estudo. Assim, pela interpretação das aulas e das entrevistas, balizada pelos referenciais teóricos, compreendemos melhor como essa situação tem sido apresentada na Experiência de ser professor. Para concluir, apontamos alguns questionamentos a fim de propor continuidade aos estudos acerca dessa temática, com a finalidade de indicar possibilidades pedagógicas que superem os desafios observados neste trabalho durante as aulas de Educação Física com o 1º ano do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Experiência. Educação Física. Primeiro ano do Ensino Fundamental.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 JUSTIFICATIVA	13
1.2 OBJETIVOS.....	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 EXPERIÊNCIA	15
2.2 O MUNDO DE MOVIMENTO DA CRIANÇA	23
2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	25
2.3.1 A História da Educação Física Escolar e Concepções.....	25
2.3.1.1 Concepção de Ensino Aberto às Experiências.....	31
2.3.2 A Obrigatoriedade da Matrícula de Crianças de 6 anos de Idade no Ensino Fundamental	35
2.4 O PAPEL DE PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	37
3 METODOLOGIA.....	42
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	42
3.2 PARTICIPANTES	42
3.3 MÉTODO DE LEVANTAMENTO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	43
4 DESCRIÇÃO DO CAMPO	45
4.1 ASPECTOS GERAIS DA ESCOLA COMO CAMPO DE INTERLOCUÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	45
4.2 EVENTOS OCORRIDOS DURANTE O PERÍODO DE OBSERVAÇÃO	47
4.2.1 Olimpíadas da Escola	48

4.2.2 Conselho de Classe	49
4.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DA ESCOLA.....	50
4.4 ASPECTOS DA TURMA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	54
5 DESCRIÇÃO DOS DADOS	56
5.1 DESCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM COORDENADORA PEDAGÓGICA	57
5.2 DESCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ...	59
5.3 DESCRIÇÃO DAS AULAS MINISTRADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO ...	62
6 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	67
6.1 AÇÕES ADMINISTRATIVAS E PEDAGÓGICAS ADOTADAS PELA ESCOLA COM A INSERÇÃO DE MAIS UM ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	67
6.2 PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ALGUMAS IMPRESSÕES	69
6.3 IMPRESSÕES DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	72
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ensino Aberto e Ensino Fechado.....	33
Quadro 2 – Situações Relevantes das aulas de Educação Física do 1º ano	64
Quadro 3 - Experiências relevantes das estagiárias na Educação Física do 1º ano	74

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento da Educação Física em sua constituição como campo científico traçou uma trajetória diversa, tomada por pensamentos direcionados à objetividade e fundamentados na racionalidade. Hoje se percebe a necessidade de retomar alguns pressupostos deixados de lado em sua constituição como campo científico e como saber. Neste trabalho é realizado um estudo sobre a trajetória da Educação Física até sua institucionalização e seu decorrente desenvolvimento – inclusive no que se refere à concepções pedagógicas e didáticas de ensino para, desta forma, compreender melhor a Experiência *de professor*¹ de Educação Física nas aulas com crianças de 6 (seis) anos de idade no Ensino Fundamental.

A produção de conhecimento influencia a orientação pedagógica e a formação profissional dos professores. Na Educação Física houve grande influência dos caminhos traçados pelo conhecimento no decorrer da história do Brasil (tempos de ditadura militar, valorização do esporte de rendimento, busca por qualidade de vida e saúde, etc.) no que se refere à forma de reconhecer e aferir significados ao corpo e ao movimento humano, principalmente no ambiente escolar.

Segundo Kunz (2002), as pesquisas em nossa área geralmente estão fundamentadas num paradigma científico reducionista, que se limita em verificar, analisar e compreender os mecanismos fisiológicos dos seres humanos, visando o aumento da eficiência, do condicionamento físico ou da qualidade de vida, promovendo uma compreensão limitada do movimento humano. Atualmente, o conhecimento da Educação Física tem se ampliado, buscando, à luz de teorias científicas e interpretações mais complexas, conhecer, compreender e interpretar, com maior propriedade, seu objeto de estudo. Tais estudos têm refletido diretamente na formação em Educação Física e, por consequência, no campo de atuação destes profissionais/professores. Para compreender melhor a Experiência de

¹ Utilizou-se neste trabalho o termo *de professor* para dar ênfase ao papel que este ser humano representa, no sentido de compreender as Experiências de ser professor. Podendo não ter essa conotação caso utilizássemos “*do professor*”, pois não remeteria o devido sentido, explícito com mais clareza no capítulo que trata da Experiência como conceito, neste trabalho.

professor, no sentido de contemplar maiores explicações e estudos acerca de nosso maior campo de atuação, que é a escola na função de professor de Educação Física, este trabalho é orientado.

A Experiência de professor nesta relação com os alunos, com o contexto e consigo mesmo merece a devida atenção daqueles que buscam ampliar a produção do conhecimento no campo da Educação Física. E agora, mais do que nunca, essa aproximação entre conceitos e ação pedagógica deve ser feita, haja vista a mudança na estrutura curricular das escolas brasileiras, e por consequência na ação pedagógica deste ser humano que representa esse papel de professor. A homologação da Lei nº 11.114/2005, que obriga a matrícula de crianças de 6 anos de idade no Ensino Fundamental, agora com 9 (nove) anos de duração (BRASIL, 2010a) determina às escolas novas e significativas responsabilidades.

Estudar sobre como estas mudanças têm ocorrido administrativa, estrutural e pedagogicamente em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis que tem implementada esta nova lei, foram nossas metas neste trabalho, conforme consta neste primeiro capítulo. No sentido de dar subsídios à compreensão deste cenário, buscando estudar as teorias de estudiosos do fenômeno da Experiência associadas a teorias e didáticas de outros especialistas em educação, compreensão do ser humano, e Educação Física, o segundo capítulo foi fundamentado. Buscou-se, neste capítulo, descrever brevemente a trajetória da Educação Física no Brasil e colocar alguns fundamentos das diferentes concepções de ensino de Educação Física. Também procuramos descrever sucintamente o parecer homologado referente a lei que obriga crianças de 6 anos a serem matriculadas no Ensino Fundamental, agora com nove (9) anos de duração. Ainda foram utilizadas neste capítulo contribuições de estudiosos sobre o mundo de movimento das crianças e sobre o papel de professor de Educação Física.

No terceiro capítulo foi abordado sobre a metodologia deste estudo, onde consta sua caracterização, uma descrição dos participantes do trabalho e os métodos utilizados no levantamento e interpretação dos dados.

Uma descrição da escola campo de interlocução no estágio supervisionado foi feita no capítulo de número quatro, já que a interpretação da Experiência nesse estágio caracteriza-se a maior fonte de dados deste trabalho. Uma descrição dos aspectos gerais da escola, um relato sobre alguns eventos importantes que ocorreram durante o período de observação e reconhecimento daquele ambiente, como é a Educação Física na e para esta escola e aspectos da turma do 1º ano do Ensino Fundamental também foi realizada.

No quinto capítulo, contamos com a descrição da entrevista com a Coordenadora Pedagógica da escola foco neste estudo, da entrevista com a professora de Educação Física deste 1º ano composto de crianças de 6 anos, e ainda com quadros que resumem a ação no estágio supervisionado com essa turma, onde estão colocados as principais situações relevantes durante as aulas ministradas e as Experiências relevantes que as estagiárias vivenciaram. E para concluir, no sexto capítulo foi realizada a interpretação dos dados de forma dialogada com a fundamentação teórica que ilumina nossa orientação pedagógica e científica.

Repensando os paradigmas da ciência moderna atual, embasados na racionalidade e na objetividade, e reconhecendo essa influência sob a formação acadêmica e, portanto, no ensino nas escolas, nas considerações finais deste trabalho pontuamos alguns questionamos sobre a necessidade de uma forma de interlocução nas aulas de Educação Física que busque ressignificar a ação pedagógica do professor e suas Experiências. Práticas corporais permeadas pelas emoções durante o “se-movimentar” pode representar um indicativo para uma nova didática nas aulas de Educação Física, influenciada pela valorização da sensibilidade, de Experiências estéticas, aferindo sentido na percepção do que nos ocorre internamente.

1.1 JUSTIFICATIVA

Questões de formação humana e de educação sempre me foram de interesse. A aprendizagem em si, seja ela formal ou não, me instigaram a estudar o ser humano, através dos conhecimentos da Educação Física, e o que o faz sentir, pensar e agir de formas tão diferentes em circunstâncias diversas, e como essa Experiência realmente significativa influencia no aprender. No curso de graduação de Licenciatura em Educação Física, graças a alguns professores, tive contato com autores² que me fizeram uma apaixonada pela busca incansável por compreender o ser humano e as Experiências diversas que passamos dependendo do papel social que interpretamos nestes momentos, e também me instigaram a contribuir de alguma forma com o conhecimento no campo da Educação Física, tendo este olhar como norteador.

Refletir sobre meu primeiro contato com a ambiente escolar, nesta circunstância como estudante, e relacionar com meu outro importante contato com a escola, agora no papel

² Humberto Maturana, Edgard Morin, Paulo Freire, Reiner Hildebrandt-Stramann, entre outros.

de estagiária/professora, me instigou a investigar o que influencia a Experiência do aluno e do professor neste mesmo ambiente, sob perspectivas e pontos de vista diferentes. E diante do distanciamento entre as pesquisas sobre a Educação Física Escolar e a prática pedagógica concreta, vemos a necessidade desta aproximação, de onde por meio deste trabalho, buscaremos compreender a Experiência da aula de Educação Física tanto para o aluno quanto para o professor, no sentido de investigar elementos e interpretá-los.

Este estudo também e, principalmente, justifica-se por investigar uma situação recentemente criada na Educação Básica Brasileira e que tem sido pouco avaliada e interpretada. A inserção de mais um ano no Ensino Fundamental, com um total agora de 9 anos, implicou em crianças de aproximadamente 6 anos de idade não mais comporem o Ensino Infantil, mas o primeiro ano do Ensino Fundamental. Essa mudança nos fez perceber a necessidade de se compreender as Experiências que ocorrem neste “novo” primeiro ano do Ensino Fundamental, tanto para a criança, quanto para o professor, e no caso desse estudo, com foco nas aulas de Educação Física.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Conhecer a Experiência de professor nas aulas de Educação Física do 1º ano, tendo como cenário uma escola que tem implementado o Ensino Fundamental com 9 anos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Estudar a forma como foi implementado o Ensino Fundamental de 9 anos em uma escola da rede municipal de Ensino de Florianópolis, tendo em vista a obrigatoriedade do ingresso de crianças seis anos de idade no Ensino Fundamental.
- Conhecer a forma como ocorreu a preparação dos professores para lecionar neste primeiro ano do Ensino Fundamental.
- Compreender as Experiências de professor de Educação Física no 1º ano do Ensino Fundamental.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 EXPERIÊNCIA

As palavras com o passar do tempo assumem significados que podem afastar-se de sua origem, em sua maioria latina ou grega. Conforme sua utilização em cada cultura pode ter um sentido, e com o termo *Experiência* não é diferente. Como por exemplo:

- a) em espanhol, “o que nos passa”;
- b) em português se diria que a Experiência é “o que nos acontece”;
- c) em francês a Experiência seria “ce que nous arrive”;
- d) em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”;
- e) em inglês, “that what is happening to us”; e
- f) em alemão, “was mir passiert” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Continuando com o mesmo autor, também autor do exemplo anterior, vamos ver agora alguns significados:

- a) Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a Experiência é “o que nos passa”, o sujeito da Experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos;
- b) Se escutamos em francês, em que a Experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da Experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar;
- c) Em português, em italiano e em inglês, em que a Experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da Experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos (BONDÍA, 2002, p. 24).

Com essas traduções é possível perceber que trata-se do que passa em nós, o que nos acontece, e não simplesmente o que ocorre ou que simplesmente se passa, pois todos os dias muitas coisas ocorrem mas quase nada nos acontece, nos influencia de alguma forma. A

pobreza de Experiências que caracteriza nosso mundo já era refletida por Walter Benjamin, quando nos faz refletir que ao mesmo tempo em que inúmeras coisas se passam, a Experiência se torna cada vez mais rara (BENJAMIN *apud* BONDÍA, 2002).

Para entender melhor o conceito desta palavra – Experiência - para assim compreendê-la no sentido educacional, conforme este trabalho é orientado, Bondía (2002, p.25) explica que sua origem latina *experiri* refere-se a provar, experimentar, propondo relação com algo que se experimenta. Sua raiz *per* conduz a idéia de travessia e secundariamente a idéia de prova. Em grego, algumas palavras derivadas desta raiz também marcam o mesmo sentido: *peirô*: atravessar; *pera*: mais além; *peraô*: passar através; e em nossa língua, um bom exemplo de utilização deste radical é a palavra *peiratês* que significa pirata.

O autor coloca que a palavra Experiência ainda conta com ex de *extranjero* e *extraño* (do espanhol) e também de exterior, de existência que remete a passagem da existência, do ser que simplesmente “ex-iste” de forma singular, finita. Em alemão, *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar, e do alto-alemão *fara* deriva de *Gefahr* que significa perigo.

A etimologia das palavras são fontes para o reconhecimento do real significado. Este pode ser melhor explicitado com as características expostas por Bondía (2002) ao referir-se sobre os maiores influenciadores da deturpação, se assim pode-se dizer, da expressão Experiência na vida cotidiana do homem moderno. O excesso de informação que não deixa lugar à Experiência, pois os acontecimentos se dão de forma excitante, mas são logo sucedidos por outros que também nos excitam por aquele momento e este ciclo nos torna curiosos incansáveis por mais informação e não nos permite viver integralmente as situações, a “Experiência em si”. E desta forma acarreta na conseqüente da informação, a opinião, provinda de seres humanos cada vez mais informados e opinativos, contudo de forma superficial e até arrogante, causando um sentimento naquele que não opina, de desinformação e rebaixamento.

Esta situação tende a ocorrer inclusive nos ambiente educacionais, familiares, e principalmente por meio das tecnologias, onde tornamo-nos insaciáveis por informação incapazes de reconhecer o silêncio, envolvidos neste processo cada vez mais veloz de destruição generalizada da Experiência.

Para Bondía (2009) esta aceleração que rege o cotidiano do homem moderno, também impede o cultivo da Experiência, e essa velocidade atingiu os ambientes de formação, sobre tudo da escola, onde cadê vez tem-se menos tempo, levando essa forma de desenvolver-

se por toda a sua vida, em todos seus locais de convivência. Para o autor, esse sujeito em formação acelerada, da constante atualização e produção, acaba por reconhecer o tempo de forma meramente numérica, de forma a mercadorizar o tempo, tempo este que não se pode perder, que não se é proveitoso parar, pois tem que se aproveitar o máximo de tempo possível.

A Experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Ainda no sentido de contribuir no que se refere ao conceito de Experiência, utilizamos Meinerz (2008), por fazer um estudo com profundidade acerca dessa temática na visão do conceituado autor e estudioso da Experiência, Walter Benjamin.

Em Filosofia, Experiência significa o conhecimento transmitido pelos sentidos, ou seja, a apreensão sensível da realidade externa, cuja confirmação ou possibilidade de confirmação é empírica. Experiência é também concebida em caráter interno como fato de viver algo dado anteriormente a toda reflexão (MEINERZ, 2008, p. 20).

O conceito benjaminiano de Experiência (*erfahrung*) se opõe a vivência (*erlebnis*) que em alemão, esta última significa estar vivo quando um fato acontece, pressupondo presenciar um evento. Para o autor, a Experiência torna-se pobre por não aferirmos importância e sentido ao que nos ocorre durante o que ocorre, mas também por não conseguirmos reproduzi-las no sentido de passar adiante, de contá-las. No ensaio escrito em 1986, intitulado “Experiência e pobreza”, Benjamin coloca que a pobreza da Experiência é sintoma da modernidade, juntamente com a capacidade de compartilhar as Experiências, de narrá-las (MEINERZ, 2008).

Em 1913, com somente 21 anos de idade e militante da associação Juventude Livre (*Jugendbewegung*) que buscava reforma espiritual das instituições tradicionais como família, escola, igreja, etc., Benjamin desenvolve um pequeno ensaio intitulado justamente “Experiência” onde critica de forma radical os adultos (filisteus) que se auto-identificam como experientes por seu tempo vivido na brutalidade da vida, sem perceber e dar sentido ao que nos acontece, em detrimento da pouca Experiência do jovem (MEINERZ, 2008, p. 31).

Benjamin viveu em tempos de guerra em um cenário de crise e embrutecimento de Experiências, seja pelas pobres narrativas, ou pelo excesso de mecanicidade e de técnica do cotidiano urbanizado de uma metrópole da época. Percebemos que sua obra também é atual e pode ser discutida a partir da modernidade de hoje, pois uma continuidade desta forma de viver, reduzida à “praticidade” no fazer, no experimentar, é cada vez mais vigente e dominante.

Para Hildebrandt-Stramann (2003) a Experiência, considerada categoria central na Concepção de Aulas Abertas³, significa um meio de conhecimento, como um produto acumulado e como um processo acompanhando a vida. Este autor fundamenta-se também no filósofo Kant, ao afirmar que todo conhecimento começa da Experiência, porém, as possibilidades de fazer Experiências dependem das condições materiais e sociais em que os sujeitos aprendizes estão envolvidos, no contexto social em que vivem.

O mesmo autor ainda coloca a Experiência do mundo da vida como a “Experiência dos sentidos, com isso, a Experiência do mundo da vida é ligada ao corpo” (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2003, p. 86)

Outro autor clássico que trata da Experiência é Heidegger (1987), onde encontramos uma definição de Experiência que dialoga com a real origem da palavra e também com o que foi descrito acima. Ele coloca que não fazemos uma Experiência, mas sim sofremos, padecemos, tomamos, nos submetemos a algo.

Fazer uma Experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais Experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, 1987, p. 143).

Neste sentido reconhecemos o poder formador e transformador que a Experiência proporciona, quando nos toca, quando nos submetemos, quando nos damos conta, e esse processo de transformação, segundo Bondía (2002) é uma paixão. A Experiência não parte da lógica, da racionalidade, mas sim da passionalidade, da reflexão sobre o si mesmo em um momento integral, reconhecendo todos os níveis de possibilidades daquela Experiência. A palavra paixão aqui não se refere ao termo utilizado cotidianamente, mas sim de forma a buscar uma primeira e real aceitação do que é e está externo a mim, está em assumir um

³ Ver mais nos seguintes capítulos deste trabalho:

2.3.1 A História da Educação Física Escolar e Concepções e 2.3.1.1 Concepção de Ensino Aberto às Experiências.

padecimento, como um viver, experimentar, suportar, se doar de forma passional para algo que está além de mim e que justamente é capaz de me apaixonar.

Na paixão, o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele. Por isso, o sujeito apaixonado não está em si próprio, na posse de si mesmo, no autodomínio, mas está fora de si, dominado pelo outro, cativado pelo alheio, alienado, alucinado. (BONDÍA, 2002, p. 26)

Maturana (2002) também coloca esta forma de viver a Experiência de forma mais profunda e embasada na emoção. Ele entende que a Experiência da interação humana que faz do outro um legítimo na convivência, se dá através da emoção chamada amor. Todo e qualquer processo cognitivo que resultará em uma conseqüente ação inicia-se internamente e é determinante em nosso cotidiano, nossa realidade. A racionalidade do ser humano sempre busca explicar esses motivos pelos quais agimos de tal maneira, desprezando a razão sensível que nos fez ter aquela (re)ação. O domínio de ações que nos faz agir no mundo, somente é possível em um convívio com um outro, sendo este humano ou animal. É nessas interações recorrentes que este autor fundamenta o amor como a emoção que constrói a legítima convivência.

O homem moderno busca na velocidade dos acontecimentos, na valorização somente das Experiências que acontecem embebidas na racionalidade pura, uma vida que lhe traga resultados e ganhos materiais, e para isso é capaz de reduzir a ciência, o tempo, e a própria Experiência a meras superficialidades. Para Santin (1995):

Desde a instalação do pensamento racional ou da identificação da racionalidade com a humanidade do homem, estabeleceu-se que a sabedoria recomendada que se deve pensar de cabeça fria, denunciando o efeito perturbador que as emoções fortes provocam nos atos de pensar, de agir ou de sentir. Diante de tantas barbaridades provocadas em nome da racionalidade científica, entretanto, constatou-se que as capacidades racionais de conhecer do homem encontram-se totalmente desorientadas em sua conduta ética. A incapacidade de sentimento, de indignação, de enternecimento diante dos fatos gerou nos indivíduos uma verdadeira loucura moral.” (SANTIN, 1995, p. 61)

A emoção faz parte da realidade humana já que altera intimamente nossa relação com o mundo. Através de nosso olhar percebendo e interpretando a Experiência do convívio, que comunicamo-nos de forma coordenada e consensual, utilizando a linguagem como instrumento de comunicação. Este fenômeno não ocorre somente na minha cabeça, ou através

da interpretação de regras e símbolos, mas no espaço de relações que pertencem ao âmbito das coordenações de ação, como um modo de fluir nelas. Meu linguajar se modifica quando modifico meu modo de estar em relação aos outros (MATURANA, 2002).

Essas explorações do que seria Experiência e a forma como realmente se vive a Experiência, percebendo sua influência em nosso cotidiano, de forma a nos transformar, esta forma de viver e estar no mundo pode representar significativas contribuições também para o campo da Educação Física, já que a Experiência no ambiente educacional é legitimada na convivência em grupo e na Experiência formadora do ensino. Aceitar e respeitar o outro como legítimo na convivência é viver o fenômeno comunicativo e social, e desta forma aceitar-se, aceitar o outro e realmente viver essa Experiência formadora. Para a criança isso ocorre naturalmente, por sua espontaneidade nata e maneira intensa e apaixonada de viver o mundo, com as emoções mais “cruas”, ainda pouco afetadas pelas situações como o excesso de informação, opinião, aceleração, entre outras citadas anteriormente.

Neste sentido Bondía (2002) coloca-se sobre o saber da Experiência, onde o ser passional não se torna passivo de conhecer, mas sim, tem sua própria força de saber. Isto se dá através da busca por um conhecimento não estritamente científico e/ou puramente racional, ou ainda através do saber que ocorre somente fundado em informações, mas ocorre na incerteza, na relação contínua e instável entre o conhecimento e a vida humana, onde a Experiência nos ocorre nesta mediação.

O conhecimento desenvolvido a partir do pensamento positivista somente reconhece como legítimo o saber científico puramente racional, desconsiderando a Experiência sensível e apaixonada neste processo de construção. Reafirmar nossa racionalidade significa desvalorizar o entrelaçamento recorrente em nosso cotidiano entre razão e emoção, e desta forma não percebemos a influência que o sistema emocional tem em todo sistema racional (MATURANA, 1998).

O que nos ocorre durante as Experiências, inclusive nas voltadas ao campo da construção do saber, do conhecimento, não é considerado, e mais que isso, deve ser descartado e ignorado. A ciência atual somente reconhece como verdade, como válido, o conhecimento objetivo e comprovado por métodos próprios a esta mesma forma de fazer ciência. Desqualifica formas alternativas, que integrem tudo que se relaciona neste processo, e isso inclui, sobretudo o pesquisador, o ser humano que investiga e constrói o conhecimento e o contexto.

Para Morin (2002) o conhecimento é pertinente quando consegue colocar as coisas de forma conectada com o que se relaciona com elas. Perceber o contexto e o complexo

é necessário em todos os âmbitos, já que somos estimulados cada vez mais a não ver o global, a especializar-se sem conseguir contextualizar. O interrogar e o refletir nos fazem repensar. As grandes interrogações humanas como pensar sobre o cosmo, sobre a vida, e sobre o ser humano deram lugar à fragmentação do saber, à compartimentalização do conhecimento, para buscar aprofundar-se sobre algo, mas de forma desprendida do todo.

A complexidade, para Morin (2001) garante a incerteza no que ocorre, para além das explicações racionais. Para ele a grande reforma na ciência é perceber que as certezas fundamentadas em pensamentos lógicos e em simples leis naturais não representam a realidade. Os imprevistos, a incerteza, e a instabilidade estão presentes a todo instante, já que enquanto seres humanos, não podemos perceber e definir a realidade com previsões racionais, pois, segundo este autor, nossa realidade não é outra senão nossa idéia de realidade.

Estes conceitos somam ao campo da Educação Física quando repensamos a forma fragmentada que o ser humano tem sido visto em nossa área, e principalmente quando pensamos na Educação Física escolar e na forma como os professores tem tratado (conceitual e didaticamente) o ensino. Fortalecer o corpo, treinar habilidades físicas e motoras, desenvolver técnica e tática, sem considerar todos os âmbitos (emocional, familiar, educacional, sentimental, profissional, etc.) em um mesmo complexo influenciador deste ser, é desconectá-lo de si mesmo, é desqualificar suas Experiências.

No sentido educacional, para Morin (2001), o eu que pensa e aprende deve perceber a incerteza das possibilidades, já que a influência do todo é instável, e este tipo de pensamento leva a não frustração dos acontecimentos, mas sim a percepção de que a visão do ser acerca das coisas é influenciada pelo que este ser sente e pela própria complexidade das coisas. O professor deve buscar e estimular a seus alunos a superação do pensamento restrito as objetividades e as fragmentações, pois desta forma alcançamos o conhecimento do conhecimento, no aprendizado real do sujeito que é capaz de compreender a realidade complexa e de então, concretamente, aprender a ser cidadão. Neste sentido, uma mudança de paradigma parece ocorrer, pois a abordagem científica que exonera a Experiência sensível e valida-se somente no racional, e no que se refere ao campo da Educação Física, ao corpóreo, é uma base científica que não se sustenta mais.

Para entender melhor o que utilizamos como conceito de paradigma, orientamos em Brito (1996) que se utiliza do conceito de Kuhn, que afirma que paradigma:

(...) são realizações científicas universalmente reconhecidas que durante um período de tempo fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes da ciência. Assim, sob

o ponto de vista sociológico, o conceito de paradigma indica um conjunto de crenças, valores, procedimentos e técnicas partilhadas no consenso de uma determinada comunidade (BRITO, 1996, p. 62).

A substituição ou superação de paradigma se dá segundo este autor, quando novas propostas mais apropriadas para a teoria e prática científica são criadas no sentido de superar um conflito a partir do reconhecimento de um grande equívoco ou falhas sucessivas, ou ainda explicar uma nova área de ignorância.

Desta forma, é explícito o conflito que emerge na construção do conhecimento científico atual, e em especial na Educação Física, onde o paradigma do pensamento racional e da invisibilidade das Experiências sensíveis, assim como a visão de homem somente biológico tem sido superado ao longo da história. Uma vez que percebemos um(a) corpo(reidade) que é biológico(a), racional, mas principalmente perceptivo, passivo a Experiências, sentimentos e emoções, de forma integral e indivisível, fica clara a necessidade de mudança.

Para reforçar esta idéia, Gonçalves (1994) complementa:

A Educação Física, lidando com a corporalidade e movimento, não tem diante de si um corpo simplesmente biológico, que seria um instrumento da alma, nem apenas um feixe de reações a estímulos externos ou internos, mas a exterioridade visível de uma unidade que se esconde e se revela no gesto e nas palavras. Conceber a corporeidade integrada na unidade do homem significa resgatar o sentido do sensível e do corpóreo na vida humana. A práxis humana se efetiva porque o homem é um ser corpóreo, que possui necessidades materiais e espirituais. Sua relação com o mundo não é simplesmente a relação de uma consciência que pensa o mundo, sem deixar-se tocar, mas é a relação de um ser engajado no mundo – que tem emoções, que ama, que odeia, que tem fome, que tem dor, que vive a solidão, a amizade, o desprezo, etc. –, enfim, um ser que sente (GONÇALVES, 1994, p. 176).

Nesta perspectiva, a Educação Física deve propor condições de que o aluno, e o próprio professor, vivam a Experiência da aula, do se movimentar somado a percepção subjetiva de se estar no mundo (cada um no seu papel) buscando uma união, que pode ser harmônica ou conflituosa, das dimensões biológicas e simbólicas que formam a corporeidade. Perceber-se como corpo que também é mente, é família, é natureza, é parte de um todo, e até mesmo de um além do todo, é tomar consciência de si e do todo, é reconhecer a corporeidade.

2.2 O MUNDO DE MOVIMENTO DA CRIANÇA

O brincar é determinante na vida de um ser humano e na criança, seu mundo⁴ de movimento é bastante constituído em meio ao brincar. Fantin (2000) coloca que por meio da brincadeira e dos momentos de imaginação e ludicidade, exploramos e conhecemos a nós mesmo, aos outros e ao mundo. Vivenciar realmente a Experiência do brincar é para a criança um conhecer de si mesma, onde através de uma situação imaginária a criança interage com outros, mas também convive com seus diferentes sentimentos, vive as emoções.

Quanto menor a criança, maior sua abertura para a Experiência das coisas, já que a tendência em nossa sociedade moderna e nos ambientes educacionais brasileiros é a de descaracterizar e desvalorizar, cada vez mais, os momentos de sutilezas, de incertezas, de brincadeiras, de imaginação. Os adultos dentro da própria instituição da família, muitas vezes acabam por utilizar a brincadeira, o brinquedo e o jogo para que as crianças fiquem entretidas naquela atividade e não atrapalhe o adulto na realização de algum trabalho ou tarefa doméstica. Cada vez mais é evidente a falta de conexão entre adulto e criança, incluída aí a relação entre professor e aluno. A dificuldade de interação, de Experiência conjunta, de considerar o outro (criança) como legítima na convivência está evidente no seio familiar sim, mas, sobretudo na escola.

As formalidades, ações de repressão, a seriedade do mundo adulto, parecem tomar conta também da vida das crianças, inclusive no ambiente escolar. Não se oferece mais reais possibilidades de se desenvolver uma brincadeira tendo o lúdico como inerente nesse brincar. Segundo Fantin (2000), pensar hoje, que as crianças não brincam mais como antigamente, é limitar as crianças de hoje a brincadeira presa, enclausurada, e indica a falta de propostas lúdicas e de condições para que a brincadeira possa acontecer, mesmo em meio aos conteúdos necessários para a continuidade do ensino escolar.

Muitas vezes, não só é desconsiderado o brincar pelo brincar (criado a partir do que a criança traz consigo e que surge espontaneamente), mas sim é associado à funcionalidade de aprender algo referente às disciplinas, reduzindo as amplas possibilidades nesta Experiência. Sobre esta perspectiva Fantin (2000) coloca que o uso da brincadeira como ferramenta extremamente didática na educação, com o intuito de aprendizagem de determinado conteúdo, restringe todo seu potencial a uma funcionalidade, a um instrumento

⁴ Adotamos aqui o conceito de *mundo de movimento* derivado da categoria *mundo vivido* formulada por Habermas em seu conceito de modernidade societária e racionalidade comunicativa, traduzida do termo alemão *Lebenswelt*. Kunz (1994) utiliza o termo *cultura de movimento* também derivado da categoria referida.

de sedução para trabalhar conteúdos preparatórios para o ingresso no Ensino Médio, através do discurso de se aprender brincando.

É necessário o entendimento de que a educação é para além dos conteúdos e das disciplinas, mas deve ser permeada, principalmente durante a infância por métodos e didáticas que estimulem a convivência legítima, em respeito e valorização ao outro e a este momento. “Na infância, a criança vive o mundo de convivência na aceitação e no respeito pelo outro a partir da aceitação e do respeito a si mesma” (MATURANA, 2002, p. 29). Este pensador entende a educação permeada pelo amor, e este como sendo reconhecer o outro como legítimo na convivência.

Desde o nascimento, perpassando pelo primeiro contato com espaços coletivos, como a escola, passando também pela vida adulta, até concluir esse ciclo, estamos em um processo educacional. Mas dependendo do nível em que nos encontramos (referente a idades) alguns acontecimentos se dão de forma diferenciada, e no caso da criança, devem ter um olhar especial. O Grupo de Estudos Ampliado de Educação Física (1996) nos orienta sobre as especificidades de crianças neste nível educacional, situando a Educação Física neste sentido:

As crianças e, em especial, aquelas muito pequenas, impõem esse desafio de compreender seus interesses e necessidades, o que faz com que o professor necessite redimensionar suas concepções de currículo, planejamento, conteúdo, entre outros. O ponto de partida do planejamento em Educação Física deve ser, por isso, o interesse que as crianças demonstram em suas Experiências de movimento realizadas espontaneamente, assim como nos fenômenos da cultura popular que fazem parte de seu universo (GRUPO DE ESTUDOS AMPLIADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1996, p. 55).

Nas formas tradicionais de ensino, o foco é nos conhecimentos que o professor traz por ter sido formado para isso, e devendo ter responsabilidades referentes a detenção do conhecimento que deve ser transmitido. Em formas críticas e reflexivas de educação, principalmente no ensino aberto às Experiências é importante valorizar e interpretar o que as crianças trazem através de suas Experiências de movimento, mesmo que estas não sejam descritas pela fala, portanto, exigindo do professor observação e atenção.

O agir da criança, principalmente até a adolescência se dá de forma espontânea e com bastante facilidade através do brincar. Nos jogos e brincadeiras ela se configura no seu pensar e sentir de criança que imagina e cria facilmente. Contudo, no sentido de controlar as crianças para que elas se submetam e obedeçam as regras dos pais e/ou dos professores, esta sensibilidade, este emocionar, é quase que vetado. Portanto a Educação Física, por ser um dos

momentos na realidade escolar em que os jogos e brincadeiras são considerados parte do próprio conteúdo deste saber, esta forma de lidar com o controle e a obediência nas aulas, deve ser estudada e reavaliada.

A compreensão do mundo expressa por meio de movimentos, representa o mundo/cultura de movimento que a criança traz consigo e que de ser estimulado através de possibilidades em aulas que promovam Experiências significativas tanto para professores quanto para os alunos. Mesmo as crianças menores têm algo a acrescentar, algo que condiz com sua história, com sua bagagem de movimento, com sua forma de interagir e se-movimentar no e com o mundo.

2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

2.3.1 A História da Educação Física Escolar

A Educação Física é legalizada como componente curricular nas escolas a partir das Leis de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, onde através da lei nº 9.394 se institucionaliza. Contudo, pelo caráter amplo e por possibilitar interpretações divergentes, o artigo 26, parágrafo 3º, o qual se refere à Educação Física, é alterado em 2001, onde a palavra “obrigatório” é incluída e desta forma legaliza de forma mais concreta a Educação Física como componente curricular.

Em 2003 é alterado novamente e vigente até hoje o mesmo artigo que integra a Educação Física a proposta pedagógica da escola em caráter obrigatório e como componente curricular, sendo sua *prática* (grifo meu) facultativa a determinados grupos, como de pessoas maiores de 30 anos de idade, quem tiver prole, entre outros. No entanto a palavra prática instituída neste dado momento acaba por gerar questionamentos acerca do papel enquanto componente curricular que a Educação Física assume, pois qualquer saber institucionalizado e legalizado nas escolas deve ser compreendido e desenvolvido no âmbito teórico-prático e da forma que foi posto o entendimento de que a Educação Física é somente prática é afirmado.

Boscatto e Kunz (2007) colocam que as práticas pedagógicas da Educação Física atualmente, tendem a legitimar uma perspectiva teórico-prática centrada em um padrão funcionalista. O sentido de ter um propósito que não seja o de formação do ser humano em sua totalidade, são resquícios da forma conturbada como este saber se constituiu e que, invariavelmente, ainda é desenvolvido em determinadas escolas nos dias atuais. No mesmo sentido, Daolio (1995) escreve que a Educação Física, assim como todas as práticas

institucionais que envolvem o corpo humano, devem ser pensadas a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista e sim que se considere o homem como sujeito da vida social.

Até merecer certo destaque no sistema educacional brasileiro e perante a sociedade, o campo da Educação Física passou por um interessante e singular processo de construção e desenvolvimento. O processo desde seu reconhecimento enquanto saber até sua institucionalização deve ser conhecido, de forma a contextualizar a atual situação da Educação Física, e dar elementos para a compreensão de como a escola entende, vivencia e legitima este componente curricular hoje.

Oliveira (1983) relata em sua obra, de forma sucinta e introdutória e ao mesmo tempo competente, como a Educação Física se constituiu no mundo e na sociedade brasileira e para isso faz um histórico relatando fatos e acontecimentos que influenciaram este processo.

Na pré-história o movimento do ser humano é que o subsidiava para sua sobrevivência, pois de forma natural e motivada por suas sensações, buscava comida, moradia, fugia dos perigos e até mesmo brincava. Os jogos e da dança presentes em rituais antigos também exemplificam este se movimentar espontâneo, mas que em um futuro próximo foram negados pela Educação Física, que posteriormente, associaria a área médica e suas especificidades (OLIVEIRA, 1983).

Para o autor, esta identificação com a Medicina fez por tornar a Educação Física um foco de interesse, no entanto, lamentavelmente, distanciou-a de seus objetivos maiores, dentre eles a prática corporal percebida e embasada nas emoções. Com este cunho médico e de prevenção que a Educação física é institucionalizada nas escolas, e somente através do esporte que esta visão se modifica, mas continua funcionalista, só que o objetivo agora era de formar atletas a partir de uma visão objetiva de treinamento e identificação de talentos.

Um tempo de “abafamento” no que diz respeito ao desenvolvimento da ciência e da educação se deu por conta das repressões religiosas fortalecidas na era Medieval, já que a igreja instituíu um horizonte cultural onde este saber não era desejado por entender o corpo como caminho ao pecado, afastando os exercícios físicos da realidade da época.

Mas com alguns pensadores Renascentistas a situação se reverteu por meio de um olhar mais humano que percorria todos os ares da época, inclusive para a prática de exercícios, no caso, fundamentalmente através da ginástica e consolidado por prescrição médica. Em épocas de guerra e com o militarismo muito presente, o movimento ginástico se fortaleceu, dando características de higienismo, ordem e disciplina para a Educação Física e influenciando com esta visão de exercícios físicos durante longa data. Oliveira (1983) coloca

que Rousseau contribuiu muito com a introdução de uma perspectiva naturalista para a Educação e inclusive para a ginástica, compreendendo-as de forma não mais repressora e modeladora. Mesmo assim, não foi um movimento suficientemente forte para re-significar a Educação Física até os dias atuais, tendo em vista inúmeros profissionais da área que atuam hoje de forma a somente disciplinar e treinar o físico, sem considerar o ser humano integralmente, em sua complexidade, e esta atuação também é encontrada dentro da Educação Física Escolar.

Outros autores também percebem que a ligação da Educação Física com a Medicina foi o que impulsionou sua inclusão no currículo escolar que também foi caracterizada pelo militarismo. Bracht (1999) coloca que a instituição militar utilizava exercícios sistematizados que foram re-significados por meio de um olhar voltado para a medicina, no sentido de promover além de força e resistência, saúde e hábitos higiênicos.

Além da ginástica, um dos elementos mais vivenciados e relacionados com a ciência do movimento, senão o mais presente deles é o esporte. Conforme Kunz (2000) o esporte representa hoje um dos mais importantes objetos de análise, não apenas das ciências do esporte, mas de múltiplas abordagens literárias. Perceber as condições em que a cultura esportiva é reconhecida atualmente requer estudo e conhecimento, já que a sociedade pós-moderna se utiliza do esporte de maneiras adversas, como através de um pensamento ideologicamente contraditório, que passa a colocar no esporte da forma em que é pensado e trabalhado, uma imagem unicamente positiva, indicando sua capacidade de contribuir para uma sociedade melhor e de humanizar os cidadãos, sem mesmo reconhecer o sentido de humanidade e de ser humano de forma a contemplar todos seus âmbitos.

A partir de estudos denominados críticos em relação a Educação Física, os conceitos foram sendo modificados, e outros conteúdos foram sendo considerados como parte do campo da Educação Física. Daolio (2003) coloca que o patrimônio cultural composto pelos jogos, ginástica, esporte e dança, que são elementos da cultura corporal, deve ser garantido a todos os alunos para que eles possam compreender a dinamicidade da realidade social e que esta está passível a transformações.

Para Kunz (2000) movimentar-se é necessidade do ser humano, é inerente a sua existência. Contudo esta necessidade tem sido associada a funcionalidades externas ao ser humano. Nas aulas de Educação Física o estímulo a objetividade em atividades esportivas, ou em jogos e brincadeiras que acabam por limitar a criatividade ou deixar de estimular a criação por parte das crianças, reduz as possibilidades de ocorrer uma Experiência com profundidade, as vistas da complexidade daquele momento.

É conhecido o grande número de professores que enfatiza suas aulas na prática em busca do desenvolvimento e aprimoramento de habilidades motoras e técnicas sustentadas pelo paradigma da aptidão física e esportiva (DEBORTOLI *et al*, 2001). A história da Educação Física escolar, por sua contribuição na construção do projeto de Brasil dos militares e pelo investimento na aptidão física dos brasileiros, e que também através do esporte se fortalece, justifica, em parte, essa orientação pedagógica. Contudo, desde a década de 80, a imensa contribuição para o campo da Educação Física, que se iniciou através do chamado movimento renovador da Educação Física Brasileira, tem acrescido no sentido da crítica a este paradigma da aptidão física (BRACHT, 1999).

Segundo Bracht (1999) a primeira crítica deste movimento veio no sentido de garantir cientificidade ao campo da Educação Física, partindo das Ciências naturais. Contudo essas críticas não rompiam com este caráter físico, mas somente davam continuidade e atualização aos conhecimentos. Após isso, o desenvolvimento de teorias com base no desenvolvimento motor e na aprendizagem motora, vem à tona, fortalecendo ainda mais as críticas que viriam a seguir, na década de 70 com o advento das universidades e o fortalecimento do campo da Educação Física no Brasil e no mundo.

Bracht (1999) coloca que durante as décadas de 70 e 80, estes professores se especializavam em conceitos embasados pela filosofia e sociologia, em um viés marxista. Neste sentido esta corrente, denominada de crítica e progressista assim se justificava com indagações como:

O eixo central da crítica que se fez ao paradigma da aptidão física e esportiva foi dado pela análise da função social da educação, e da EF em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças (injustas) de classe (BRACHT, 1999, p.78).

Mesmo que as críticas tenham sido realizadas e contextualizadas, ainda há um distanciamento entre o que se produz de conhecimentos e a prática pedagógica na escola. Em virtude deste processo contínuo de transformação e na busca por essa aproximação, algumas propostas de concepções de Educação Física tem se fortalecido nas duas últimas décadas.

Bracht (1999) expõe algumas delas com propriedade e clareza, e serão aqui referidas para melhor compreensão. A proposta desenvolvimentista tem:

A sua idéia central é oferecer à criança – a proposta limita-se a oferecer fundamentos para a EF das primeiras quatro séries do primeiro grau – oportunidades de Experiências de movimento de

modo a garantir o seu desenvolvimento normal, portanto, de modo a atender essa criança em suas necessidades de movimento. Sua base teórica é essencialmente a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, e seus autores principais são os professores Go Tani e Edison de Jesus Manoel, da USP, e Ruy Jornada Krebs, da UFSM (BRACHT, 1999, p. 78).

Outra proposta, com base na psico-motricidade, bastante presente em escolas nos dias atuais, é criticada por não conferir especificidade a Educação Física, mas sim servir de suporte para demais aprendizados relacionados a conhecimentos, por exemplo, matemáticos ou gramaticais. Nesta forma de se trabalhar a Educação Física na escola, o movimento representa mero instrumento para outro aprendizado, como meio para chegar a outro objetivo, que não a Experiência do se movimentar em si. Neste sentido também foi desenvolvida a proposta de João Batista Freire⁵, pois mesmo focada na cultura de movimento especificamente infantil, também refere-se ao desenvolvimento humano, podendo ser classificada com proximidade a citada anteriormente (BRACHT, 1999).

Outra proposta, neste caso com vistas na busca da promoção da saúde do ser humano, em função da renovação de estudos, cada vez mais atualizados, no sentido de fugir do sedentarismo buscando a realização de atividades físicas, e neste caso, o espaço das aulas de Educação Física, deveriam ter este propósito, de certa forma acaba por afirmar o paradigma da aptidão física, tendo como base agora um maior número de estudos sobre essa temática.

Bracht (1999) argumenta que estas propostas distanciam-se da reflexão acerca da sociedade capitalista e seus moldes, não tendo como objetivo criticar ou reconsiderar certos conceitos. No sentido dessas discussões pedagógicas críticas da Educação Física, um coletivo de autores, publicou em 1992 um livro chamado Metodologia do Ensino da Educação Física, que propõe uma concepção auto-intitulada de crítico-superadora, com base na proposta histórico-crítica de Dermeval Saviani e colaboradores.

Entende essa proposta que o objeto da área de conhecimento EF é a cultura corporal que se concretiza nos seus diferentes temas, quais sejam, o esporte, a ginástica, o jogo, as lutas, a dança e a mímica. Sistematizando o conhecimento da EF em ciclos (1º - da organização da identidade dos dados da realidade; 2º - da iniciação à sistematização do conhecimento; 3º - da ampliação da sistematização do conhecimento; 4º - do aprofundamento da sistematização do conhecimento), propõe que este seja tratado de forma historicizada, de maneira a ser apreendido em seus movimentos contraditórios. (BRACHT, 1999, p. 79-80)

⁵ Foi professor da UNICAMP, posteriormente da UDESC, e hoje está aposentado.

Segundo Bracht (1999), outra proposta que também se aproxima deste espectro, criada por Elenor Kunz (UFSC), chama-se crítico-emancipatória, e tem como pressupostos o se movimentar humano como forma de comunicação com o mundo. Com influência na fenomenologia de Merleau Ponty e em Trebells, este último seu orientador no doutorado na Alemanha. Seu estudo também indica proximidade com os pressupostos da Escola de Frankfurt, quando pensa no sujeito capaz de críticas e de atuações autônomas.

Outra importante menção feita pro Bracht (1999) que não se insere em nenhuma outra classificação feita por ele, é sobre a Concepção de aulas abertas às Experiências, do Alemão Reiner Hildebrandt.

Essa proposta está consubstanciada principalmente em dois livros: um de autoria do professor Hildebrandt em conjunto com seu colega alemão R. Laging (Hildebrandt e Laging 1986); o outro, resultado da divulgação e do trabalho do professor Hildebrandt no Brasil, o qual foi publicado por dois grupos de estudo, o da UFPE e o da UFSM (Visão Didática 1991). Trabalhando com a perspectiva de que a aula de EF pode ser analisada em termos de um continuum que vai de uma concepção fechada a uma concepção aberta de ensino, e considerando que a concepção fechada inibe a formação de um sujeito autônomo e crítico, essa proposta indica a abertura das aulas no sentido de se conseguir a co-participação dos alunos nas decisões didáticas que configuram as aulas (BRACHT, 1999, p. 80).

Cardoso (2004, p. 109) coloca que as concepções de Hildebrandt-Stramann/Grupo de Trabalho Pedagógico⁶ e Kunz, “nos apresentam um início, por um lado, de ‘abertura’ e ‘emancipação’, e por outro, de possibilidades de ‘ampliação’ da ‘compreensão’ sobre o fenômeno ‘esporte’ e ‘movimento humano/corporeidade’”. Essa nova visão antropológica do ‘movimento humano’, proposta nesses dois trabalhos, reconhece o se-movimentar como um diálogo com o mundo, onde o sujeito se movimenta em algum lugar e por determinada influência gerada internamente por consequência de estarmos interagindo no/com o contexto. “Ao ‘se movimentar’ o homem, não só se relaciona com algo fora dele, exterior a ele próprio, mas também ao seu interior, ‘a si mesmo’” (CARDOSO, 2004, p. 109).

Hildebrand-Stramann (2003) amplia os comentários acima no sentido de aferir implicações mais significativas à escola, já que esta deve reconhecer o “se-movimentar” como inerente ao ser humano, e não somente restrito as aulas de Educação Física, e sim a toda a escola. Ainda coloca que quando a escola é considerada como espaço pra Experiência, para o se-movimentar, e não somente reprodutora de conhecimentos, em busca do desenvolvimento

⁶ Criadores e divulgadores da ‘Concepção de Aulas Abertas às Experiências’, no Brasil, a partir do curso de Mestrado em Educação Física na UFSM, e também outros cursos na UFPE e UFAL, no período de 84/90.

da cognição, esta escola re-configura sua ação pedagógica (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2003).

O próximo capítulo foi escrito para melhor explicar as características da Concepção de Ensino aberto às Experiências, o qual acreditamos ser, juntamente com a concepção crítico-emancipatória, a concepção que mais alcança os objetivos para além da transmissão de conteúdos, buscando valorizar o que a criança traz em sua bagagem de Experiências. Também buscamos escrever o capítulo a seguir no sentido de auxiliar na interpretação dos dados utilizados neste estudo, haja vista a proximidade dos objetivos da interlocução realizada na referida Experiência de Estágio Supervisionado, assim como para divulgar mais essa concepção pedagógica para o ensino da Educação Física.

2.3.1.1 Concepção de Ensino Aberto às Experiências

A concepção de ensino de Aulas Abertas tem poucas contribuições teóricas quando comparada às demais concepções, tendo no Brasil sua maior difusão com a presença de Reiner Hildebrandt-Stramann como professor convidado do Programa de Pós-Graduação da UFSM, contribuindo para sua consolidação enquanto concepção de ensino de Educação Física.

Segundo ANTUNES (2004)⁷, a concepção de Aulas Abertas teve sua primeira obra – “Concepções abertas no ensino da Educação Física” - por Hildebrandt e Laging (1986) na Alemanha, com pensamentos que embasaram esta concepção e tidos como referência até os dias atuais. No Brasil foi publicada a obra “Visão Didática da Educação Física”, pelo Grupo de Trabalhos Pedagógicos UFPe-UFSM (1991) e contou com participação do professor Dr. Reiner Hildebrandt, que atuou como professor convidado, a partir de 1984, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Outras importantes considerações, acerca desta concepção de ensino, foram escritas por Massih & Prudêncio, em 1996, que relatam sua Experiência com o ensino aberto no livro “Ponto de Encontro: ensaios da prática de ensino de Educação Física”, organizado por Wiggers, também em 1996, que reúne artigos referentes às Experiências de estágio de graduandos em Educação Física da UFSC. Outros trabalhos, como o de Oliveira, em 2000,

⁷ Antunes (2004) coloca em seu trabalho de conclusão de curso (TCC), um histórico bastante didático no que diz respeito aos autores que fundamentaram esta concepção de ensino, histórico este referido neste trabalho para contextualizar e auxiliar na interpretação dos dados (para maiores informações, ver referência bibliográfica do TCC da autora). Também achamos importante ressaltar que esse tópico que resume a concepção de Ensino Aberto às Experiências também tem a finalidade de divulgar esta concepção, principalmente para alunos de graduação, que por ventura vierem a utilizar este trabalho de conclusão de curso para aprofundar seus estudos.

que escreve sobre uma Experiência com a metodologia de ensino aberto no ensino médio noturno, propondo mudanças metodológicas no cotidiano escolar. Ainda Santos & Arruda, baseiam-se no referencial, ao publicarem, em 2001, a obra “Jogos, Brincadeiras e Criação de Brinquedos numa Concepção de Aulas Abertas - Um Relato de Experiência”, contribuindo, desta forma, com um olhar mais recente em uma Experiência de Aulas Abertas (ANTUNES, 2004).

Hirai e Cardoso (2006) colocam que na concepção de Aulas Abertas, não se pretende um conceito didático “já pronto”, pois este é desenvolvido de forma participativa e dinâmica, com constantes revisões e continuidade no aprendizado.

Neste sentido Taffarel (1985), em contato com Hildebrandt-Stramann quando este esteve no Brasil, publicou um livro chamado “Criatividade nas Aulas de Educação Física”, mas no decorrer de sua contribuição para o campo científico da Educação Física, traçou outros caminhos, podendo ser observado na sua participação na construção da Concepção crítico-superadora com o livro “Metodologia do Ensino da Educação Física”. Mas neste primeiro momento Taffarel (1985) contribuiu colocando sobre a importância da valorização das idéias de todos, reconhecendo as divergências, mas incentivando o respeito e a liberdade de opinião, para que em comum acordo sejam eleitos os critérios desenvolvidos primeiramente individualmente, consigo mesmo, para então, com responsabilidade, compartilhar estes objetivos e anseios.

O foco da aula, nesta perspectiva de ensino, deve ser o aluno, e o professor neste caso, deve estar bastante atento ao direcionamento que a aula vai tomando, buscando sempre refletir e problematizar o conhecimento e as atividades a partir de formas de interagir que reconheçam a legitimidade das Experiências do outro e de si mesmo, como um outro nessa convivência. Hirai e Cardoso (2006) colocam, partindo dos pressupostos da obra de Hildebrandt-Stramann, uma maneira de perceber como são orientadas as aulas em uma concepção Aberta de ensino. São estas aulas orientadas: nos *alunos*, no *processo*, na *problematização* e na *comunicação*.

A aula é orientada no aluno quando este participa das decisões, desde o planejamento até a realização e avaliação das aulas. O aluno é o ponto de partida⁸, e ao mesmo tempo, o ponto central das reflexões no processo ensino-aprendizagem. Estes autores ainda colocam que a atenção deve direcionar-se para o conhecimento interior, para então se

⁸Paulo Freire, em Pedagogia da Esperança (1992) afirma que “partir” (colocado acima com o termo “ponto de partida”, significa deslocar-se, ir-se pôr-se a caminho.

ver como um “ser-no-mundo”, que relaciona-se e posiciona-se e compreende o outro a partir da Experiência.

Quadro 1 – Ensino Aberto e Ensino Fechado

<i>Ensino Fechado</i>	<i>Ensino Aberto</i>
AULAS ORIENTADAS	
NO PROFESSOR	NO ALUNO
1. Nas aulas orientadas no professor, ele é o centro da configuração da aula, com um monopólio absoluto do planejamento e da decisão. Ele decide em definitivo o que se faz, como se faz e como se avalia.	Nas aulas orientadas ao aluno, o professor abandona seu monopólio absoluto do planejamento e da decisão e oferece aos alunos espaços substanciais de ação e de decisão. Nas aulas, os alunos podem apresentar suas imagens, idéias e interesses, com respeito ao movimento, jogos e esporte, para participar da decisão sobre planejamento e realização da aula.
NO PRODUTO	NO PROCESSO
2. A aula orientada no produto é dirigida para um melhoramento do movimento técnico, das capacidades táticas e do nível da capacidade específico-esportiva. Por exemplo, uma aula com o tema “pique na barra” procura melhorar a rapidez e a elasticidade. A aula é interessante para o professor, que só espera alcançar mais rapidamente possível e sem muitas dificuldades o objetivo do movimento técnico.	Na aula orientada no processo, o andamento da aula e as ações desenvolvidas é que estão no centro do interesse didático e, com isso, o modo pelo qual os alunos têm relação conjunta e relação com a matéria esporte. Trata-se das diversas maneiras para aprender e fazer esporte, das possibilidades diversas para resolver problemas motores e sociais dos alunos e do professor e, com isso, da ação autônoma e social dos alunos.
NAS METAS DEFINIDAS	NOS PROBLEMAS
3. A aula orientada nas metas definidas é construída para conseguir objetivos de aprendizagem bem definidos, que são formulados como atitudes motoras que os alunos devem realizar. Por exemplo, quando um aluno deve acertar a bola de futebol no meio do peito do pé direito e, ao mesmo tempo, a perna de apoio deverá estar ao lado da bola. Fixará a articulação do pé e avançará meio corpo sobre a bola. Para alcançar a meta, os caminhos da aprendizagem já são especificados e as formas de organização de aula, também. O professor só deverá realizá-la. No final da aula há uma avaliação da aprendizagem, na qual o sucesso da aula é julgado.	A aula orientada nos problemas tem origem numa situação problemática. Por exemplo, criar um jogo com uma situação apresentada pelos alunos na aula ou com um problema resultante da própria aula. O importante é que as soluções não são fixadas anteriormente. Os alunos devem criar, experimentar e avaliar conjuntamente e com a ajuda do professor as várias possibilidades de solução.
NA INTENÇÃO RACIONALISTA	NA COMUNICAÇÃO
4. A aula orientada na intenção racionalista é determinada pelo planejamento, organização e orientação rigorosa das ações. Estas têm um objetivo bem definido, tanto no âmbito motor quanto tático e físico. Todas as ações do professor servem para dirigir e alcançar o objetivo da aula rapidamente e sem problemas.	A aula orientada na ação comunicativa tem um interesse didático na comunicação entre os alunos e o professor, sobre o sentido do esporte, e, ao mesmo tempo, sobre os objetivos, conteúdos e formas da aula. O mais importante com isso é a interação de alunos e professor. Nesta aula, o professor renuncia o monopólio do planejamento e será apenas um orientador do aluno. Com isso, os alunos podem integrar suas idéias, necessidades e impressões na aula e discuti-las com o professor.

FONTE: GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE-UFSM (1991, p.39-40).

As aulas orientadas no processo incitam a uma reflexão sobre “o como” e “o modo” que as Experiências se dão, entendendo a vida e/ou a educação como um processo contínuo. Já as aulas orientadas na problematização, segundo os mesmos autores, os alunos

deverão ser conduzidos, muitas vezes até por meio de ações mais diretivas, há uma busca de soluções, orientadas por diálogo e participação. E, por fim, aulas orientadas na comunicação compreendem um ensino dialógico⁹, onde o professor e os alunos, por meio do diálogo, constroem o conhecimento. Para melhor visualização, apresenta-se um quadro construído pelo Grupo de Estudos Pedagógicos UFPE-UFSM (1991), ilustrando e dando subsídios a esta discussão.

Para o referido grupo acima, um professor que propõe o ensino aberto às Experiências, reconhece as opiniões e Experiências dos alunos, que atuando juntos, configuram entendimento quanto ao sentido de suas ações. Esse tipo de situação educacional torna as aulas mais pessoais, mais humanas, rompendo barreiras impostas pela impessoalidade da racionalidade iniciada em Descartes, com a famosa frase “penso, logo existo, que acaba por separar o sentir, do pensar e do agir. Os esclarecimentos em épocas de iluminismos foram importantes para o advento de especialidades e de difusão do conhecimento, contudo, isso é um instrumento que pode ser usado tanto para o bem quanto para o mal, já que a ausência de sentimentos pode levar a barbárie (GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE-UFSM, 1991).

Como colocado por Hirai e Cardoso (2006), as aulas abertas não mostram novos aspectos de movimentos e de corporeidade, mas sim resgatam aspectos perdidos, muitas vezes, por forma repressivas de se expressar e de pensar o ser humano nos dias atuais, talvez reflexo destes momentos passados, em que era necessária certa frieza e frieza. Deve-se buscar uma forma de configurar a aula de Educação Física de maneira que permita que os alunos entrem, de forma autônoma, em contato com o tema da aula, com os outros participantes e sobretudo, consigo mesmo, acrescentando neste bojo suas individualidades.

2.3.2 A Obrigatoriedade da Matrícula de Crianças de 6 anos de Idade no Ensino Fundamental

A partir da alteração dos Artigos 6º, 32 e 87 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), foi instituída no dia 16 de maio de 2005 a Lei nº 11.114/2005 que torna obrigatória a matrícula de crianças com 6 anos de idade no Ensino Fundamental (BRASIL, 2010a). O Parecer 18/2005 homologado em 15/09/2005, coloca como ampliados os direitos e deveres do cidadão, desta maneira exigindo providências das famílias,

⁹Como também aborda Trebells (2006) quando coloca sobre a concepção dialógica do movimento.

das escolas, das mantenedoras públicas e dos órgãos normativos e de supervisão dos Sistemas de Ensino. Coloca como importante a mobilização também de educadores e líderes comunitários na construção de novos Projetos Políticos Pedagógicos que respeitem esta obrigatoriedade e orientem essa implementação, que abrange o Ensino Fundamental, mas também é extensivo a um redimensionamento do Ensino Infantil.

Conforme a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, no documento referido acima, essa mudança representa antiga e importante reivindicação no campo das políticas públicas relacionadas à educação, e são justificadas, neste documento, por esta medida contribuir com a democratização do direito à educação e no sentido de capacitar os cidadãos para o projeto de desenvolvimento social e econômico da nação brasileira.

A matrícula e frequência à escola a partir dos 6 (seis) anos de idade, com a ampliação do Ensino Fundamental obrigatório para 9 (nove) anos de duração, para todos os brasileiros, é uma política afirmativa da equidade social, dos valores democráticos e republicanos (BRASIL, 2010b).

A responsabilidade desta ampliação do Ensino Fundamental, segundo tal documento, fica a cargo dos sistemas de ensino que devem buscar:

(...) refletir e proceder convenientes estudos, com a democratização do debate, envolvendo todos os segmentos interessados, antes de optar pela(s) alternativa(s) julgada(s) mais adequada(s) à sua realidade, em função dos recursos financeiros, materiais e humanos disponíveis (BRASIL, 2010b).

Outra importante consideração deste documento, relativa exatamente aos propósitos dos primeiros anos do Ensino Fundamental, refere-se a necessidade da definição no projeto pedagógico da escola se o primeiro ano, ou os primeiros anos de estudo/série se destinam ou não à alfabetização dos alunos. Esta informação supõe certa liberdade ao sistema de ensino e a instituição que implementa essa obrigatoriedade, no sentido dos objetivos educacionais e propostas político pedagógicas, conforme suas orientações e metodologias, desde que estas estejam de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases Educacionais Brasileira.

Estas questões propõem uma investigação e avaliação do que se fez no sentido de instituir essa nova Lei de ampliação do Ensino Fundamental, no que diz respeito a divulgação para com a comunidade, alteração de estrutura física e organizacional escolar, mas sobretudo, o que tem-se feito para dar subsídios (principalmente formativos) ao professor que agora tem

novas metas, novas responsabilidades e novas Experiências com crianças agora ainda mais novas no Ensino Fundamental.

Conforme uma cartilha criada pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, intitulado “Ampliação do Ensino Fundamental de Nove Anos: relatório do programa”, encontros regionais para difusão e informação sobre essas mudanças foram realizados em sete municípios (Belo Horizonte/MG, Campinas/SP, Florianópolis/SC, São Luís/MA, Recife/PE, Rio Branco/AC, Goiânia/GO), participando desses encontros 247 Secretarias de Educação de municípios de todo o território brasileiro. Acreditamos em uma maior aproximação das entidades responsáveis por essa mudança nos municípios que ocorreram essas reuniões, incluindo Florianópolis-SC (BRASIL, 2010c), município onde a escola desse estudo é residida e, portanto estarem cientes do programa para poder informar às escolas e prepará-las para esta nova ação.

Ainda no documento acima referido, consta que cabe ao Ministério da Educação, em colaboração com os Estados, garantir subsídios financeiros e de assistência técnica para garantir um mínimo de qualidade educacional á estas escolas após implementarem os regimentos do Ensino Fundamental de 9 anos. Sugestões e questionamentos foram feitos nestes encontros e estão nesta cartilha, e muitas das sugestões indicavam aprofundamento nos estudos sobre infância, lúdico e o brincar, por exemplo, demonstrando interesse em estarem preparados não só estruturalmente, mas pedagogicamente, para atuar com propriedade com essas crianças.

Ter o contato com documentos como os citados neste capítulo, assim como com a Resolução¹⁰ que descreve esta lei após a homologação do Parecer referido neste capítulo, dá propriedade sobre o assunto, para assim fundamentar a ação pedagógica dessas escolas. Se propõe com esse trabalho indicativos para maiores estudos sobre essa mudança, principalmente no que diz respeito a Educação Física, já que o foco, quando se fala do Ensino Fundamental de 9 anos, vai no sentido da alfabetização e da apropriação dos conhecimentos, ou no sentido estrutural do currículo.

2.4 O PAPEL DE PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Difícil definir o papel do professor de Educação Física, haja vista as diferentes concepções de ensino e ainda o distanciamento entre a definição e a real ação deste

¹⁰ Não foi possível encontrarmos a resolução que obriga a implementação do Ensino Fundamental de 9 anos.

profissional. Mas nosso propósito neste tópico é colocar, a partir da fundamentação teórica que nos orienta, o que envolve sua didática e a função nesta Experiência no papel de professor de Educação Física.

Boscatto e Kunz (2007, p. 103) pensam que o papel do professor de Educação Física deve inclinar-se a uma didática comunicativa “por meio de processos de ensinar e aprender que proporcionem aos sujeitos/educandos iniciativas autônomas, iniciando no contexto escolar para, então, os sujeitos agirem de forma esclarecida em seu mundo da vida.” Neste sentido os autores consideram que todos os processos de ensino se dão através de relações inter-pessoais, no mínimo entre dois sujeitos “que compõem o processo de transmissão ou comunicação de saberes: um emissor/professor e um receptor/aluno”, (BOSCATTO; KUNZ, 2007, p. 104) e esta relação produtora de conhecimento pode se constituir, conscientemente ou não, a partir de uma posição conservadora ou uma posição comunicativa.

As conseqüências da forma de interagir através desta relação podem ser determinantes para o aprendizado, assim como para o estímulo a Experiências, e a formação humana. Quando o professor assume posturas conservadoras, expõe-se a visão de conhecimento, de mundo e de ser humano que se tem, no que se refere ao pensamento positivista puramente racionalista e ao reducionismo, respectivamente.

Boscatto e Kunz (2007), baseados em autores como Paulo Freire, Fensterseifer, Habermas e teorias do próprio Elenor Kunz, pensam que a didática comunicativa apresenta-se em duas perspectivas epistemológicas distintas, mas que não se excluem: o *agir comunicativo/ação comunicativa e a concepção dialógica do movimento*. No que se refere ao agir comunicativo os autores colocam-se sobre a importância da linguagem no processo de comunicação e de interpretação das subjetividades entre os que se relacionam.

As “ações comunicativas” permitem, constantemente, a reflexão, o diálogo intersubjetivo e, nesse caso, principalmente *a linguagem verbal* é considerada de extrema importância. Com isso, os sujeitos, através da reflexão crítica, obtêm a possibilidade de re-constituir “novos” entendimentos intersubjetivamente, na busca de esclarecer as estruturas que compõem o contexto sócio-cultural (BOSCATTO; KUNZ, 2007, p. 106).

Assim, nesta concepção o foco maior não está somente na orientação do professor, mas na comunicação que se tem através da problematização dos conteúdos e na “busca de sentido e significado aos elementos que se encontram na dimensão substancial” (BOSCATTO; KUNZ, 2007, p. 106).

É neste sentido que aproxima-se a dialogicidade verdadeira que Freire (FREIRE *apud* BOSCATTO; KUNZ, 2007) explica, onde se cresce e aprende a partir do respeito as diferenças entre os sujeitos dialógicos, nos tornando radicalmente éticos. Assim, os autores propõem a concepção dialógica do movimento como a utilização da comunicação não verbal como forma de estar no mundo e complementar-se com o outro. Desta maneira, com este conceito, busca-se ampliar as possibilidades de movimento para além daquelas estereotipadas e instrumentalizadas, considerando o corpo em conectado com o contexto.

(...) a concepção dialógica do movimento humano considera o corpo em uma totalidade com os elementos do mundo. Assim sendo, compreendem-se as relações de corpo e mundo e/ou ser humano e sociedade sob uma ótica em que não há uma separação entre eles, mas, sobretudo, um ser humano que constrói seu mundo da vida na medida em que se constitui mutuamente com os outros, desenvolvendo e transformando o contexto sócio-cultural (BOSCATTO; KUNZ, 2007, p. 109).

Estas citações, que explicam os pressupostos desta teoria, auxiliam na definição do papel de professor de Educação Física no sentido de orientar e fundamentar sua atuação pedagógica. O papel do professor pode variar conforme a Concepção de Ensino, ficando restrito à transmissão de conteúdos com o fim de incentivar somente o desenvolvimento cognitivo e, no caso da Educação Física, buscando desenvolvimento motor e técnico-esportivo, ou pode ter uma ação aprofundando a orientação nas aulas para a formação e emancipação humana. Neste sentido Bracht (1999) contribui:

Tanto as teorias da construção do conhecimento como as teorias da aprendizagem, com raras exceções, são desencarnadas – é o intelecto que aprende. Ou então, depois de uma fase de dependência, a inteligência ou a consciência finalmente se liberta do corpo. Inclusive as teorias sobre aprendizagem motora são em parte cognitivistas. O papel da corporeidade na aprendizagem foi historicamente subestimado, negligenciado. Hoje é interessante perceber um movimento no sentido de recuperar a “dignidade” do corpo ou do corpóreo no que diz respeito aos processos de aprendizagem (BRACHT, 1999, p.71).

Esta forma de se pensar a importância do(a) corpo(reidade), de se desenvolver uma didática para o ensino da Educação Física com estes pressupostos de valorização das subjetividades e de percepção da Experiência em sua perspectiva interior, só é reconhecida pelos pares que entendem essas teorias como legítimas, sendo estes os que superam a dimensão do professor como mero transmissor de conhecimentos. Torna-se importante, cada

vez mais, que o professor de Educação Física reconheça o movimentar-se em sua totalidade e complexidade.

No sentido de ampliar a compreensão do objeto de Educação Física, como resultado da valorização das ciências sociais e humanas para essa fundamentação, Bracht (1999) coloca que:

(...) é fundamental entender o objeto da EF, o movimentar-se humano, não mais como algo biológico, mecânico ou mesmo apenas na sua dimensão psicológica, e sim como fenômeno histórico-cultural. Portanto, essa leitura ou esse entendimento da educação física só criará corpo quando as ciências sociais e humanas forem tomadas mais intensamente como referência. No entanto, é preciso ter claro que a própria utilização de um novo referencial para entender o movimento humano está na dependência da mudança do imaginário social sobre o corpo e as atividades corporais (BRACHT, 1999, p. 81).

Essas mudanças, quando tomadas como ponto de partida para o planejamento da ação pedagógica do professor, auxiliam no fortalecimento de novas estratégias e novas formas de se orientar a aula. Uma ação que estimule a autonomia no sentido de proporcionar uma atenção do aluno em si mesmo com vistas a seu papel em sociedade é comentada por Hildebrandt-Stramann (2003):

Educação para a auto-educação é o objetivo educacional. Com esta idéia básica a educação visa sempre o indivíduo, o educando. Entretanto, o seu interesse não pode ser reduzido a uma concepção individualista, mas sim, deve permanecer claro o seu sentido histórico-social, sem, contudo, renunciarmos ao seu aspecto individual. A educação deve ser colocada em uma amplitude normativa, que vai da autorealização individual à emancipação da sociedade. Esses aspectos fundamentam o ideal pedagógico de um sujeito capaz de tornar-se atuante através da educação – um indivíduo que possa atuar nos diversos setores existentes da sociedade, e, ao mesmo tempo, seja um sujeito interessado no desenvolvimento de uma sociedade democrática, capaz de participar racionalmente dessa mudança (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2003, p. 99).

No mesmo sentido dos pensamentos do autor citado acima, pensa-se em uma forma de educação que não tenha por objetivo transmissão dos conhecimentos acumulados historicamente pela sociedade, mas sim a compreensão do seu mundo por parte da criança, do seu modo de agir e de comunicar-se, desta forma sendo uma educação em busca da atenção, sobretudo, em si mesmo, estimulando a autonomia.

Para Maturana (2002) a educação representa um sistema de formação, de transformação que perdura por toda a vida, na convivência com outro, em busca da congruência com o modo de viver deste outro neste espaço de convivência. A aceitação do outro e de si mesmo, resulta no fenômeno social construído através da legitimidade desta convivência. Quando o professor auxilia a criança a perceber seu próprio fazer, está estimulando a atenção desta em si mesma, mas quando julga o ser de uma criança¹¹, esta vive em negação de si mesmo e, portanto também dos outros.

Mas questões como estas são determinadas, muitas vezes, pela formação profissional que esse professor recebeu e buscou ter. Muitas das Experiências durante o período da graduação são propiciadas pelo próprio aluno que busca novos cursos e projetos de ensino, pesquisa e extensão, sendo estas muitas vezes mais formativas que a própria formação das disciplinas somente. Cremos na importância da formação da graduação em Educação Física para o futuro do professor, pois esta pode influenciar na ação pedagógica mais ou menos fundamentada.

Darido (2001), em um de seus estudos, fala da Formação Profissional em Educação Física. A autora coloca, partindo de uma reflexão acerca de textos de estudiosos da área, mas também de opiniões de alunos dos primeiros 4 anos do Ensino Fundamental e de professores de Educação Física que lecionam nessas turmas e, que a formação profissional pode ser reformulada a partir de seu currículo. Professores chegam despreparados para lecionar resultando na falta de critério no ensino da Educação Física, seja pelo assistencialismo da Educação Física para o aprendizado de outras disciplinas ou ainda em aulas livres, onde só se pratica esportes sem intervenção pedagógica do professor. Para isso, Darido (2001) propõe uma formação profissional baseada na reflexão durante o processo de ensino na graduação.

A perspectiva que questiona o modelo da racionalidade técnica, e no qual encontramos mais subsídios para pensarmos a questão do afastamento teoria/prática é o modelo de formação profissional reflexiva. Este modelo se baseia na teoria crítica e entende que o professor elabora seu próprio conhecimento, o qual incorpora e transcende o conhecimento científico. Nele, o aluno deveria refletir antes, durante e após a ação de ensinar (DARIDO, 2001, p. 68).

É preciso perceber-se no aprendizado durante a graduação, mas também e, sobretudo, no fazer pedagógico com os alunos, buscando refletir sobre o que ocorre com o

¹¹ Com frases como: “você é malandro” ou “você não é inteligente”.

outro (seja ele colega de classe ou aluno) durante a aula e sobre o que ocorre consigo mesmo no papel de professor. A Experiência de ser professor é influenciada pela formação que este profissional teve, mas também é balizada pelos acontecimentos e situações que ocorrem a cada dia, com cada aluno, em diferentes Experiências.

3. METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo se caracteriza quanto a sua natureza, em uma abordagem qualitativa que oferece maior agilidade e liberdade para reflexão no tipo de análise estabelecida por nossa investigação (MOLINA NETO e TRIVIÑOS, 1999).

No que se refere aos objetivos é caracterizado, conforme as classificações propostas por Gil (1996), como exploratório-descritivo por contribuir cientificamente para com a compreensão acerca do que se propõe de forma a explorar o campo e também por buscar identificar os elementos que permitam o alcance dos objetivos da pesquisa, os descrever e interpretar. Segundo o autor, a pesquisa de caráter exploratório objetiva a aproximação com o problema, permitindo o aperfeiçoamento de idéias e ainda possibilitando a descoberta de intuições, e a pesquisa descritiva, deve ter como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, sendo esta forma de pesquisar bastante utilizada por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática.

3.2 PARTICIPANTES

A amostra é composta por um grupo de crianças entre seis e sete anos de idade que integraram o primeiro ano do Ensino Fundamental no segundo semestre de 2009, em uma Escola de Ensino Básico da rede Municipal de Florianópolis. Esta turma foi escolhida pelo interesse das estagiárias por crianças nesta faixa etária, por suas capacidades de criação, imaginação e espontaneidades inerentes a sua vivência, seja ela dentro ou fora da escola. Mas foi escolhida também por ser o grupo (crianças e professores) diretamente influenciado com a alteração da legislação referente à inclusão de mais um ano no Ensino Fundamental.

Como o professor de Educação Física que participou da intervenção do Estágio aqui relatado, não leciona mais nesta escola, e por impossibilidade de encontrá-lo para dar

continuidade neste estudo, faz parte dessa amostra a Professora atual do 1º ano do Ensino Fundamental no primeiro semestre de 2010, que participou deste estudo contribuindo na forma de entrevista semi-estruturada. Também foi entrevistada a professora de sala da turma do 1º ano, para ampliar nosso conhecimento acerca da especificidade de se trabalhar com crianças nessa faixa etária.

Ainda, para ampliar a compreensão da inclusão de mais uma série na Escola, uma entrevista com um membro da Coordenação da Escola (que neste estudo foi feita com a Orientadora Pedagógica) também foi realizada.

A Escola foi escolhida a partir da relação entre a Instituição UFSC, através do Centro de Desportos por meio da Disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física II, e desta forma permitir intervenção e diálogo com os graduandos de Licenciatura em Educação Física.

3.3 MÉTODO DE LEVANTAMENTO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O procedimento de coleta de dados foi realizado em etapas, onde a primeira delas foi analisar o relato das observações primeiras do “diário de bordo” e do Relatório de Estágio da Experiência do Estágio II em Educação Física. Estudou-se os cinco (5) primeiros momentos de caráter observacional, que envolveu situações importantes da rotina escolar, como as Olimpíadas da Escola e Conselho de Classe, relatados posteriormente em alguns capítulos desse trabalho¹². Estes momentos de observação dos aspectos gerais da Escola foram primordiais para melhor conhecer este ambiente escolar e desta forma interpretar com maior profundidade os momentos na aula de Educação Física.

Também foi realizado um estudo acerca das doze (12) aulas ministradas pelas estagiárias nessa Experiência, para melhor compreender a Experiência do professor de Educação Física, representando este papel. Estes estudos das observações primeiras e das aulas ministradas, assim como o estudo, também realizado, do Projeto Político Pedagógico da Escola, serviram como base para estruturar a interpretação do cenário, da estrutura física e

¹² Capítulo de número 4. Descrição do Campo, com os seguintes subtítulos:

4.1 Aspectos Gerais da Escola de Interlocação do Estágio Supervisionado

4.2 Eventos Ocorridos durante o Período de Observação

4.2.1 Olimpíadas da Escola

4.2.2 Conselho de Classe

4.3 A Educação Física no Contexto da Escola

4.4 Aspectos da Turma do 1º Ano do Ensino Fundamental

também pedagógica da Escola, sua rotina, e ainda a relação da Educação Física com este ambiente, já que o olhar voltava-se a nossa área de atuação.

A interlocução no Estágio Supervisionado II, utilizado neste trabalho como fonte de dados, ocorreu entre o período de 01 de Outubro (primeira aula) e 12 de Novembro (décima segunda e última aula), ocorrendo sempre durante o período das aulas de Educação Física do 1º ano do ensino Fundamental, que ocorreram no turno matutino, nas terças com a aula iniciando às 8h, sendo aula faixa, e nas quintas com apenas uma aula às 9h30min. Os relatos das doze (12) aulas realizadas pela dupla de estagiárias foi proveniente do registro escrito ao final de cada aula, no sentido de unificar a observação participante a partir dos olhares das duas estagiárias, para que, desta maneira, algumas situações e/ou falas importantes e significativas não ficassem de fora no momento de interpretação.

A forma como se observava caracterizava-se pelo uso de um caderno de anotações individual (diário de bordo) para registro do que a dupla achava relevante, para um posterior diálogo e troca de informações e desta forma integrar os dois olhares sucessivamente. Leituras criteriosas referendadas na fundamentação teórica deste trabalho foram realizadas no sentido de auxiliar na interpretação dos dados. Segundo Duarte (2004) no decorrer do processo de análise das informações, o material deve ser lido e interpretado à luz da literatura científica que o pesquisador utilizará como referência, para articular sua produção com as teorias pré-existentes sobre a temática.

A interpretação das informações obtidas foi realizada neste trabalho através da Hermemêutica, pois conforme Molina Neto e Triviños (1999), mesmo não existindo unanimidade sobre o conceito de investigação qualitativa, existe um consenso em reconhecer que o termo qualitativo abrange técnicas orientadas pela hermenêutica, que sucintamente consiste em descrever, refletir e interpretar os sentidos e significados que um grupo social dá a sua Experiência cotidiana em determinado contexto.

4. DESCRIÇÃO DO CAMPO

4.1 ASPECTOS GERAIS DA ESCOLA COMO CAMPO DE INTERLOCUÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A Escola utilizada neste trabalho fica localizada no Bairro Córrego Grande no distrito central da cidade de Florianópolis-SC e foi “fundada em 1957 e seu nome representa uma homenagem ao arqueólogo e também vigário da comunidade, por ter sido ele quem intercedeu pela doação do terreno para construção da escola (PPP, 2009).

Esta área foi colonizada por açorianos em meados de 1700, mas nas últimas décadas vem se modificando bastante, pois em função do crescimento e popularização da UFSC, os bairros que a cercam são bastante procurados para morada de estudantes, e isto tem feito com que antigos moradores vendam seus terrenos para a construção de empreendimentos imobiliários de maior porte. Nos arredores da escola encontramos também casas de alto padrão sócio-econômico (em bairros vizinhos, como Jardim Anchieta e Parque São Jorge) e condomínios de pequenos prédios e demais casas de pequeno e médio porte. Mas o público desta escola parece ser, em grande parte, residente em uma área do Córrego Grande com característica mais interiorana e até rural, se assim é possível referir-se, denominada de “Poção”, já que localiza-se nas mediações de uma cachoeira de mesmo nome.

Segundo o PPP desta escola, a comunidade parece ser composta basicamente por trabalhadores do comércio, prestadores de serviço, empregados de empresas públicas e privadas, e suas famílias, que organizados têm um centro comunitário bastante ativo e uma praça sempre tranqüila. Estes aspectos citados acima parecem influenciar no cotidiano da escola, pois são filhos destas famílias, com hábitos de vida e valores aprendidos no dia-a-dia em coletividade, como a união, solidariedade, humildade, entre outros, que passam seus dias vivenciando esta escola.

A escola compreende um espaço físico relativamente pequeno, mas parece ser suficiente para aquele número de frequentadores, pois por a escola estar sempre organizada e bem cuidada, estes poucos espaços são bastante aproveitados e respeitados pela comunidade escolar. É constituída por um pátio coberto, onde fica a sala da coordenação, sala dos professores, biblioteca, banheiros, cozinha e refeitório e ainda algumas salas de aula das séries mais avançadas. Este ambiente tem continuidade em um corredor onde se encontra a sala Multimeios¹³ e após uma grade se localizam as salas de aula das séries iniciais do Ensino Fundamental, tendo o término deste corredor em uma área descoberta que compreende a quadra poliesportiva com pequena arquibancada, uma área de brita que finda-se no portão lateral da escola por onde as crianças entram (já que o portão da frente fica em uma via de trânsito intenso de carros, tornando um perigoso acesso a escola), e ainda uma área de higiene com torneiras, equipamentos fixos com escorregador, parquinho e ainda algumas árvores.

Os ambientes são utilizados de forma bastante variada, e em muitas vezes tem sua utilidade resignificada. As mesas de tênis de mesa localizadas no pátio coberto são utilizadas como mesa para o lanche, ou ainda o palco que fica neste mesmo pátio é utilizado como local de conversa ou de brincar com jogos, e ainda a utilização da sombra de uma árvore como espaço para ficar no recreio, seu tronco utilizado como cadeira, seus galhos como suporte para balanço, entre outros exemplos.

A escola esteve tranqüila durante todo o período de observação e interlocução das aulas, principalmente no período da tarde, quando menos alunos estão em aula. Poucas situações de grandes conflitos e poucos alunos fora das salas, circulando nos corredores. As pessoas responsáveis pela limpeza estiveram em constante atividade deixando a escola extraordinariamente limpa, cheirosa e higienizada, resultando em um ambiente gostoso de estar, de vivenciar. Teve merenda todos os dias e foi muito bem feita, com frutas e suco sempre no cardápio e ainda bolo, torta salgada ou biscoitos para complementar. Um grande número de alunos come a merenda, não necessitando trazer lanche de casa, contudo alguns o trazem e outros complementam o lanche de casa com o da escola.

Sobre o direcionamento pedagógico adotado pela escola, o PPP se posiciona de forma a compreender o ser humano, a educação e a sociedade em uma realidade sócio-histórica. Exprime uma forma de educar que reflete sobre a realidade da sociedade capitalista de classes, travando lutas e uma buscando conscientizar os alunos sobre questões atuais e

¹³ Sala com jogos, atividades e orientações destinadas a toda a comunidade para trabalhos com crianças com necessidades especiais.

acerca da totalidade das coisas, de forma a não limitar-se somente ao conhecimento específico, mas mostrar construir uma análise ampla dos fatos concretos. Coloca a figura do professor como mediador do conhecimento e das relações sociais e incentivador de um processo de formação de opinião política em prol da transformação. Muito é tratado no PPP referente à educação inclusiva e aos portadores de deficiência, haja vista a aceitação da escola ao recebimento de alunos com necessidades especiais. Para isso, em 2006 foi fundada a sala Multimeios na escola, atendendo não somente ao público discente da escola, mas a toda a comunidade.

Nos primeiros dias de observação pudemos perceber alguns destes aspectos interessantes relacionados à rotina da escola. O fato de não ter quase crianças fora das salas de aula durante o período de aulas, nos levando a refletir sobre a valorização por parte dos alunos deste momento de aprendizado, e também por parte da escola, que parece estimular este tipo de postura. As relações entre alunos, entre trabalhadores da escola e entre alunos e trabalhadores mostrou-se respeitosa durante o tempo que realizamos o estágio. Mesmo tendo alguns professores que estão na escola faz pouco tempo, que é o caso da disciplina de Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental, o relacionamento pareceu ocorrer de forma tranquila.

Referente às questões administrativas da escola, como conselhos de classe, ou durante as olimpíadas¹⁴, essas situações parecem desenvolver-se de forma centralizada e/ou individual, onde somente uma ou poucas pessoas tem o conhecimento do planejamento dessas atividades, isto pareceu-nos alguma falha de comunicação ou de integração entre as partes da docência, podendo talvez ser superada com reuniões semanais entre coordenação e professores, direção coordenadores, etc., para que desta forma todos estejam cientes dos projetos e das ações que estão para acontecer, e assim incluir os alunos neste processo de forma consciente.

4.2 EVENTOS OCORRIDOS DURANTE O PERÍODO DE OBSERVAÇÃO

Nos parece importante ressaltar que tivemos a oportunidade de participar de alguns momentos significativos do cotidiano escolar da referida escola (mesmo que em determinados momentos, esta participação tenha sido somente como observadores/ouvintes)

¹⁴ Jogos internos da escola, que serão tratados no item 4.2.1 OLIMPÍADAS, deste trabalho.

pois estes momentos também nos deram elementos para perceber e interpretar a maneira como a comunidade escolar se modifica conforme as diferentes Experiências vividas.

4.2.1 Olimpíadas

A Olimpíada da escola teve grande significado para uma maior compreensão da Escola em geral, haja vista a fuga da rotina e ao mesmo tempo ser o auge da Educação Física neste ambiente, onde ela afirma-se e justifica os demais acontecimentos. A professora de Educação Física, responsável pelas turmas com idade mais avançada, organizou todo o projeto e pareceu bastante determinada e engajada neste processo, mesmo parecendo trabalhar quase que sozinha durante o evento, já que os demais professores estavam ou inseridos nas equipes no papel de participantes, ou não estavam presentes.

Pareceu-nos que os esportes eram sim bastante valorizados pela comunidade escolar, mas a Gincana teve proporções inesperadas a nossos olhos, já que parecia ter igual ou até maior importância que o campeonato esportivo para a maioria dos alunos. Isso ficou evidente na prova da gincana que tinha o objetivo de caracterização e interpretação de artistas (Falcão e Britney Spears), onde a maioria dos alunos e professores envolveu-se nesta atividade, com alegria e integração.

Em uma prova da dança, onde as crianças escolhiam a música e inventavam uma coreografia, alguns conteúdos de sensualidade e de erotismo ficaram bastante explícitos, com a escolha de músicas de *funk* com letra e gestos que afirmam essas impressões. Este fato nos deixou um pouco surpresos, pois algumas posturas da vida adulta já são muito presentes em algumas daquelas crianças, que mesmo ainda muito novas já se posicionam de forma sensual, mesmo que imatura e principiante, contudo, este não será um fator estudado neste trabalho, mas que merece reflexão e orientação.

Em algumas atividades esportivas e de gincana, determinadas questões de desacordo em relação aos resultados, aconteceram, o que já era esperado, contudo, uma excessiva competitividade provinda de alguns servidores e professores, enquanto as crianças somente observavam sem contestar ou preocupar-se com estes resultados, nos intrigou. Reportamos-nos a professora organizadora do evento, sobre esse ocorrido, que colocou que isso é normal, pois as crianças são tranquilas e querem mesmo é socializar e participar, mas

que a competitividade está, algumas vezes, mais evidente em algumas figuras da docência do que dos próprios estudantes.

Pudemos ainda fazer parte da comissão julgadora de algumas provas, o que nos deixou bastante lisonjeados por poder fazer parte daquele evento tão significativo para aquela comunidade. Apesar dos pontos de indisposição citados acima, esses jogos foram bastante importantes para que percebêssemos que mesmo em uma escola pública, com uma clientela não tão privilegiada economicamente, valores como solidariedade, participação, respeito e muita alegria ainda é possível por meio de ventos como este.

4.2.2 Conselho de Classe

Um chamado pré-conselho foi realizado com as turmas da escola pela coordenadora pedagógica, que com intervenções e questionamentos para os alunos, referente a aprendizagem e a metodologia de ensino dos professores daquela turma, buscou elementos para serem tratados no conselho de classe principalmente a ser realizado posteriormente.

Tivemos a oportunidade de participar do pré-conselho de uma das turmas, o 1º ano, pelo fato de ser a turma em que realizaremos a intervenção. Era estimulado pela Coordenadora Pedagógica que as crianças respondessem perguntas sobre o aprendizado dos conteúdos, desta forma já foi possível perceber a participação e a conduta da turma como um todo, já que alguns alunos eram bastante solícitos e agitados e outros receosos e pouco participativos.

A postura da coordenadora pedagógica nos intrigou, já que com uma grande régua de madeira na mão, apontava para os alunos e destinava suas atividades. Sua fala era bastante tranquila e atenta, mas sua expressão corporal e seu posicionamento em relação a turma expressava certo autoritarismo, se é possível assim interpretar.

No momento final a coordenadora pedagógica deu um espaço para que os alunos falassem sobre a Educação Física e um aluno reclamou que queria mais futebol nas aulas, e o professor justificou que realiza outras brincadeiras para contemplar todos os alunos nas aulas.

Outro momento importante foi quando o Conselho de Classe se reuniu para avaliar o processo de ensino e então pontuar questões referentes às turmas e aos alunos. Durante este dia não teve aula para que todos os professores pudessem participar desta

reunião. No desenrolar da conversa, algumas divergências aconteceram e uma comunicação confusa e até exaltada, entre coordenação e alguns professores, ficou explícita através de falas com acusação e interpretações em desacordo. A falta de cuidado no trato entre alguns colegas professores ficou evidente a partir da exaltação e tom de voz agressivo entre estes, contudo outros professores, como o de Educação Física, abstiveram-se e não participaram dessas conversas.

4.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DA ESCOLA

Com a inexistência de um material concreto que pudesse orientar a disciplina de Educação Física no PPP da Escola, como sua contextualização, sua organização, apontamentos importantes e até mesmo sua forma de trabalho, o mesmo foi construído pelos professores/supervisores da Disciplina de Estágio em Educação Física II e os alunos da graduação que fizeram o seu estágio II na referida escola no semestre 2009/1 e sendo complementado pelos estudantes que estagiaram em 2009/2.

Segundo os professores desta disciplina do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, um dos seus objetivos foi respeitar ao máximo a forma como também as demais disciplinas foram expostas no documento, construindo, desta forma, uma unidade de pensamento. Porém, mesmo os professores de Educação Física da escola já terem tido um contato anterior com este documento, o mesmo só foi apresentado aos demais professores somente em Outubro de 2009, sendo um momento importante para a visibilidade da Educação Física perante a administração da escola e aos demais professores, que não tinham conhecimento deste trabalho mais detalhado.

O PPP (2009) da Educação Física contextualiza esta disciplina, legitimando-a como componente curricular obrigatório da educação básica, portanto integrando suas especificidades ao documento escolar através da LDB (n. 9394/96, art. 26; s 3º.).

Para a escola, segundo seu PPP, o objeto de estudo da área/campo da Educação Física, a *cultura corporal*, as manifestações como o esporte, a ginástica, os jogos, lutas e danças, devem passar por um trato pedagógico para ser trabalhado no contexto escolar e passarem a ser conteúdos didáticos como desenvolvimento de um conhecimento específico.

Desta forma o conhecimento trabalhado na Educação Física escolar, deve reger-se com um “saber-fazer” (prática), um “saber sobre o saber-fazer” (teoria iluminadora da prática)

e um “saber porque fazer” (quais as razões e atitudes de nossa prática), o que torna legítima a área/campo da Educação Física escolar.

A organização curricular da Escola, que segue a nova legislação sobre o Ensino Fundamental em 9 anos e que orienta o PPP em ciclos, fez refletir e pensar a Educação Física em três ciclos, os quais levam em conta o desenvolvimento das Experiências corporais dos alunos, bem como suas capacidades e possibilidades, sendo então um trabalho desenvolvido de forma espiralada e contínuo, que o diferencia do modelo “etapista”, o qual segrega o conhecimento em “compartimentos”. São estas as etapas:

Primeiro Ciclo (do 1º. Até o 3º. Ano): *Ciclo da organização da identidade dos dados da realidade.*

Dificuldade do aluno em enxergar as partes, ou talvez de enxergar uma relação entre elas, vendo apenas o todo. A Educação Física tem o papel de trabalhar de maneira sensível duas Experiências corporais a fim de identificar e localizar na sua cultura corporal a percepção de si, do outro e suas relações.

Segundo Ciclo (do 4º. Ano até o 5º. Ano): *Iniciação a Sistematização do conhecimento.*

Como neste período a criança já tem uma maior consciência corporal e mental, há também uma maior relação entre as partes, sendo a Educação Física uma possibilidade de aprendizado das relações, comparações das situações vividas.

Terceiro Ciclo (do 6º. Ano até o 9º. Ano): *Ciclo da ampliação da sistematização do conhecimento, reorganização e síntese.*

Tendo o aluno uma maior consciência das atividades, os mesmos conseguem sistematizar os conhecimentos apropriados, sendo possível se trabalhar na Educação Física, Experiências mais complexas a fim de se desenvolver melhor a atividade mental e corporal, bem como sua sensibilidade perceptiva.

Para que seja garantido aos alunos no processo de ensino aprendizagem, um conhecimento formal e de qualidade, o qual deve ser trabalhado na Educação Física e na escola como um todo, isto é, diferente do conhecimento aprendido na rua com os amigos e demais relações, a metodologia de ensino deve ser pensada a partir da visão de mundo, de sociedade e educação já colocada também no PPP da escola, a fim de que o conhecimento sistematizado e aquele que o aluno já possui, possam fazer com que o mesmo torne-se uma pessoa autônoma em suas decisões e atitudes.

Neste sentido, alguns princípios pedagógicos podem ser considerados como base a uma atuação pedagógica de proposta crítico-reflexiva da Educação Física na escola, que se norteia segundo o documento sobre diretrizes curriculares da Prefeitura Municipal de Florianópolis (1996). São eles: *Princípio da totalidade* – onde a Educação Física deve proporcionar um entendimento mais crítico e ampliado das Experiências ocorridas nas aulas, sem dicotomizar as relações.

Princípio da continuidade e ruptura – onde o aluno consegue romper com que já foi trabalhado e assim forma um novo conhecimento que inclui o anterior, porém com mais complexidade.

Princípio da criticidade – situar o aluno enquanto sujeito histórico-social e fazer com que o mesmo entenda os valores estabelecidos em sua sociedade e amplie assim sua capacidade de intervenção no seu contexto social.

Princípio da co-gestão: oportunizar aos alunos uma participação no seu próprio processo de ensino-aprendizagem através de ações autônomas e coletivas visando a uma cidadania emancipada.

Princípio da cooperação: Proporcionar aos alunos situações onde os mesmo possam ser envolvidos em um processo educativo em que aja uma intencionalidade coletiva e individual na busca de solucionar os problemas que possam aparecer.

Princípio da dialogicidade: Construir uma práxis pedagógica, em que o movimento humano tenha seus sentidos dialogados com seus alunos, na relação professor, aluno e conhecimento.

Segundo o PPP (2009) da Escola, todos esses princípios citados devem ser trabalhados na atuação pedagógica da Educação Física, não só no planejamento das aulas, nas práticas pedagógicas e objetivos das mesmas, mas também na avaliação do processo ocorrido bem como a avaliação do desenvolvimento da turma como um todo, sendo assim as aulas devem gerar reflexões a fim de que um equilíbrio possa ser encontrado entre o foco da aula sendo centrado somente no professor bem como não seja somente centrada no aluno.

As instalações da escola que são utilizadas pela Educação Física, estão de maneira geral em um bom estado de conservação, como é o caso da sala onde são guardados os materiais, tais como bolas, colchonetes, pernas-de-pau, arcos, etc., sendo um local sempre bem organizado e mantido assim pelos professores responsáveis. A quadra poliesportiva poderia estar um pouco melhor conservada, pois no período de observação do momento de estágio II não havia cestas de basquetebol (há algumas penduradas nas paredes, mas são utilizadas mais pelos menores) e quase não se via a pintura dos limites da quadra, mas o que pode explicar este fato é que o local (quadra) é muito utilizado pelos moradores do bairro aos finais de semana, que mesmo com a escola fechada, literalmente pulam os muros da escola¹⁵

¹⁵ Informação fornecida pelo professor de Educação Física do primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental.

para dentro da mesma e muitas vezes devem não se preocupar em manter o local no estado encontrado.

Há alguns lugares que podem ser utilizados nas aulas de Educação Física e que são muito agradáveis para a realização da mesma, principalmente em época em que o calor se aproxima, como por exemplo, embaixo das árvores, sendo uma delas no canto da escola pouco lembrada até mesmo pelos alunos, mas que pode proporcionar um ambiente bastante propício para Experiências de aprendizado.

Dois professores compunham o quadro de Educação Física dentro da Escola, onde um deles era responsável pelas três (3) primeiras séries do Ensino Fundamental e a outra professora pelas demais turmas. O professor de Educação Física que acompanhou este período de interlocução na 1ª série era novo na escola, pois chegou no segundo semestre de 2009 para ali lecionar. Conforme observado, a prática pedagógica dos dois professores era bastante diversa, onde este professor agia de maneira menos opressiva e determinante para com a turma, de forma que a turma tinha certa autonomia na escolha e realização das atividades. Já a outra professora, realizava atividades mais orientadas e tinha uma postura mais decisiva durante a aula, com regras bem definidas e obrigatoriedade de serem cumpridas.

Nos pareceu uma desconexão entre o Campo da Educação Física na Escola, pois a postura do professor das séries iniciais do Ensino Fundamental, às vezes pode transparecer para a administração da escola, uma falta de compromisso com o conhecimento a ser passado para os alunos, pois o objetivo maior de Instituições de Ensino regidas com o objetivo de apropriação do conhecimento pura e somente, não valoriza a Experiência em si como processo de aprendizado. Esta consideração por parte da direção ficou evidenciada na reunião em que o PPP da Educação Física foi apresentado à escola, quando a própria diretora colocou-se contrária a esta forma de mediação professor/aluno realizada pelo professor de Educação Física, justificando que estas crianças precisam de ordem, regras bem definidas e resultados que devem ser cobrados para diminuir a incidência de violência e desta maneira não contribuir ou auxiliar no desenvolvimento de seres humanos com poucas referências do certo e do errado.

4.4 ASPECTOS DA TURMA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Observou-se uma relação muito agradável e até mesmo de amizade entre o professor de Educação Física e a turma do 1º. Ano, pois os mesmos demonstraram gostar

muito da disciplina e respeitam as intervenções do professor, que só o faz quando realmente necessário.

Esta turma de 20 alunos compunha 9 meninos e 11 meninas, onde todos estavam na faixa etária de 6 e 7 anos. As carteiras eram configuradas em forma de círculo, mas com os alunos mais agitados devendo sempre ficar nos acentos mais próximos ao quadro, de costas para os demais alunos. A grande maioria dos alunos da turma é natural de Florianópolis e reside no bairro Córrego Grande ou nos bairros vizinhos como a Trindade. Poucos alunos vieram de outros Estados que não de Santa Catarina, como é o caso de uma menina com deficiência auditiva, denominada neste trabalho de AL, que veio do Nordeste junto com os pais adotivos que também possuem deficiência auditiva.

A relação entre as 11 meninas pareceu calma, e por vezes dividida em um grupo de meninas que exercem maior liderança perante as demais, segregando-se em diversos momentos do grupo. Alguns casos específicos como o de uma menina muito tímida e retraída, neste trabalho chama de L, acabava por não se relacionar com as demais e ficava no início apenas observando, muitas vezes apresentando medo de realizar algumas brincadeiras. Percebemos também outro caso característico, que foi o caso de AL que com a ajuda de outra colega da turma que cuidava muito de AL e explicava alguns direcionamentos para ela com alguns sinais que já havia aprendido, facilitou que AL se inserisse nas atividades com menos dificuldade. AL ainda contou com uma acompanhante durante sua estada na Escola, mas esta não acompanhava as aulas de Educação Física durante nosso período de interlocução, o que dificultou muito a comunicação com ela, mas não impossibilitou de fazer um trabalho de percepção, compreensão e até mesmo de cooperação dela com os demais, já que esta se mostrou bastante participativa, muitas vezes até utilizando de sua deficiência auditiva para chamar mais a atenção.

Nas observações e mesmo durante o período de intervenção, pudemos verificar um gosto, por parte dos meninos, por brincadeiras mais violentas como de lutas, já proibidas pelo professor e pela coordenação pedagógica. Esta situação ocorria regularmente em sala de aula, no período em que o professor fazia chamada, no espaço que ficava dentro do círculo formado pela posição das carteiras, formando uma forma de local de combate, proporcionando a alegria dos pequenos, mesmo que alguma criança viesse a se machucar, já que o professor raramente intervinha nas lutas e a possibilidade de algum se machucar era grande. Isso nos mostrou a energia que há nas crianças e que deve ser trabalhada, sempre tentando envolvê-los em Experiências enérgicas e tomando maior cuidado principalmente nos dias chuvosos e que diminuem os espaços possíveis de ser trabalhados, evitando ao

máximo o prejuízo físico entre eles, porém sem controlar demais. O menino R não se envolvia nessas brincadeiras mais agressivas e parecia gostar de todos e não se importar de brincar com as meninas, diferente dos outros rapazes, contudo R dispersava-se com facilidade das atividades.

A prática do professor com a turma era feita de maneira livre, trabalhando pouco através de esportes (na maioria futebol), e a maior parte de suas aulas baseia-se nas brincadeiras (de roda, perna de pau, corda, etc.) e jogos de tabuleiro, desenhos, entre outros, estes mais utilizados quando o tempo não está favorável à prática na quadra, por exemplo. O professor não apresentou nenhum plano de ensino (documento), já que o mesmo é novo na escola e diz não ter se planejado ainda para o referido semestre. Como já foi citado, o professor prefere não interferir nas brincadeiras e atitudes dos alunos, o que pode estimular a criatividade e autonomia das crianças, mas pode ainda refletir no trato entre eles, através de brincadeiras mais violentas sem intervenção do professor.

5. DESCRIÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo serão expostos os dados referentes às entrevistas¹⁶ realizadas com um representante do corpo docente da escola, que neste caso foi a Orientadora Pedagógica e com a professora de Educação Física atual da turma do 1º ano do Ensino Fundamental, e ainda com a descrição, em forma de quadro, dos momentos de interlocução no período de Estágio Supervisionado¹⁷.

Para alcançar o objetivo de compreender o cenário desta escola que tem implementado o Ensino Fundamental com 9 anos, buscamos através da descrição da entrevista realizada com a Coordenadora Pedagógica, e análise do que foi dito, uma maior clareza acerca dos processos administrativos e pedagógicos realizados no sentido de incluir essa nova série (ano) no Ensino Fundamental e preparar os profissionais que atuam com essas crianças.

E para alcançar o objetivo principal desse trabalho, no sentido de compreender a Experiência de professor nas aulas de Educação Física com o 1º ano, a luz das teorias que nos fundamentam, neste capítulo descrevemos a entrevista realizada com o professor de Educação Física, e sua posterior análise, buscando conectar as Experiências do professor de Educação Física desta turma as da Experiência de Estágio, no intuito de realmente compreender essa nova Experiência para o professor de Educação Física desta faixa etária.

Ainda para dar maiores subsídios a essa parte do estudo, pretende-se com a descrição das aulas ministradas no período de interlocução do Estágio Supervisionado II, e sua posterior análise, uma conexão das Experiências das estagiárias, no papel de professoras, com a Experiência relatada pela professora de Educação Física dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental.

¹⁶ Para melhor compreensão da descrição dos dados referentes às entrevistas, ver anexo 1 (modelo das entrevistas com a Orientadora Pedagógica e com a professora de Educação Física).

¹⁷ Para melhor esclarecimento sobre cada aula ministrada, ver anexo 2 (planos de aula seguidos de comentários de cada aula ministrada).

5.1 DESCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA

Para a entrevista com um componente do corpo docente administrativo/pedagógico da escola, pensou-se em conversar com algum representante da administração, para conseguir a maior aproximação possível com as ações da escola no sentido de implementar o novo decreto em questão. Contudo, após algumas tentativas sem sucesso, por conta da atarefada e demasiadamente ocupada função que desenvolviam esses especialistas em todas as vezes que se tentou entrevistá-los, foi nos orientado para conversar com a Orientadora Pedagógica. Ela foi a pessoa entrevistada por estar disponível naquele momento, e por ser considerada pela professora de Educação Física uma pessoa acessível para esta conversa e também competente para responder as questões referentes a essas mudanças.

A entrevista foi realizada após o intervalo/recreio de uma manhã de sexta-feira chuvosa, com a aula de Educação Física acontecendo no pátio em frente a sua sala, e portanto em um momento com bastante barulho, porém a falta de silêncio não afetou a entrevista, haja vista a esperada dinamicidade e imprevisibilidade da realidade do dia-a-dia escolar.

Outra situação que marcou nossa conversa foi o fato de dois alunos do 6º ano terem sido encaminhados pela professora de Artes para a Orientação Pedagógica por terem conturbado a atividade que estava sendo realizada. Este momento foi interessante, pois a Orientadora Pedagógica conversou com os meninos durante o momento da entrevista me possibilitando a observação daquele momento. Sua intervenção foi realizada de forma bastante repressora no sentido de explicitar aos alunos que estes já tem notas tão ruins que deveriam prestar atenção na aula e estudar para recuperá-las ao invés de atrapalhar o andamento das aulas.

Mesmo após encaminhá-los de volta a sala de aula, os meninos retornaram após alguns minutos, interrompendo novamente nossa conversa. Então a Orientadora solicitou que ficassem sentados no lado de fora de sua sala e que a aguardassem enquanto terminava de me atender. Esta nova situação indicou certa pressa em responder as perguntas e dar continuidade a conversa que recém tinha iniciado, resultando em uma entrevista com respostas breves e concisas.

Com 25 anos de matrícula como funcionária do Estado de Santa Catarina, e Graduação em Pedagogia, a entrevistada já deu aula em escola e também é sindicalista colocando sua Experiência de militância como muito importante em sua formação.

Quando perguntada sobre o que pensa a respeito e sobre a posição da escola referente a inserção dessa novo decreto que obriga a matrícula de crianças de 6 anos de idade no Ensino Fundamental, coloca-se como alheia a esta decisão, assim como a escola. Entende que essa lei não veio ao encontro das necessidades da escola, mas sim como forma de aumentar o número de alunos na escola e desta maneira garantir mais fundos para a educação, contudo esses fundos não são repassados. A falta de orientação pedagógica, para a preparação de professores e de demais profissionais que atuam com essa faixa etária, e também na falta de subsídios (no que se refere a material escolar, a reforma e ampliação do espaço físico, etc.) que dêem suporte ao ensino, torna precário e dificulta esse trabalho.

Portanto, segundo a Orientadora Pedagógica, a escola teve que fazer adaptações nas instalações conforme o que estivera ao seu alcance, como por exemplo, o desmanche de um laboratório de ciências para criar uma sala de aula para abrigar a nova turma. Contudo, algumas modificações só poderiam ser feitas com aporte financeiro, como por exemplo nos banheiros, já que estas crianças têm dificuldade de utilizar o vaso sanitário e para lavar as mãos, por serem ainda muito pequenas.

Não somente mudanças estruturais deveriam ser feitas, pois os professores sentem-se angustiados no que diz respeito à didática utilizada nas aulas com essas crianças, e isso inclui a Educação Física. A Orientadora Pedagógica justifica essa angústia dos professores pela dificuldade de lidar com crianças que ainda não estão prontas para essa forma de ensino mais estruturada, exigida no Ensino Fundamental, e ainda entende a necessidade de alfabetizá-las mais cedo como sendo um grande desafio a ser cumprido, já que nessa idade só se quer brincar e se dispersam com facilidade. Manter as crianças sentadas e quietas, prestando atenção nos conteúdos, torna-se muito difícil para os professores.

No último questionamento feito a Orientadora Pedagógica, sobre como a escola foi informada sobre essa nova lei e de que forma foi orientada a informar a população, ela coloca que a escola ficou sabendo através de um documento do decreto passado pela Secretaria de Educação do Município. E a escola se encarregou de informar a comunidade através de reuniões feitas na escola para maiores esclarecimentos e através dos próprios alunos que já estudam na escola, avisando a seus pais e parentes. Ainda foi colocado que essa lei teve grande visibilidade através da mídia, e em muitos casos, o interesse em saber mais sobre a matrícula de crianças de 6 anos de idade na escola, partiu da própria família que veio até a escola se informar.

Ao final da conversa a Orientadora Pedagógica mostrou-se interessada sobre o trabalho e surpresa de este tema estar sendo discutido a partir da Educação Física, pois achou que este trabalho seria realizado para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia. Após estes esclarecimentos, foi comentado sobre a importância de trabalhos nesse sentido para dar maior visibilidade aos problemas e desafios que têm sido evidenciados.

5.2 DESCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nessa entrevista, um formato diferente foi adotado, em um pedido feito pela própria professora, justificando a falta de tempo disponível nos momentos em que estive na escola pra realizar a conversa. A professora sugeriu que fosse mandado o arquivo das perguntas para seu e-mail e desta forma as respostas seriam enviadas também por e-mail, para facilitar o processo. Mesmo acreditando na importância daquele momento de conversa/entrevista para melhor conhecer e interpretar as respostas, penso que o fato de eu já conhecer e ter certa intimidade com esta professora, acreditei na sua seriedade de que responderia às perguntas a partir de sua Experiência. Penso que desta forma foi possível à entrevistada, responder com mais calma e com maior atenção no que diria, um pouco diferente do que ocorreu na entrevista com a Orientadora Pedagógica, conforme relatado anteriormente.

A professora do 1º ano nesta escola tem 32 anos de idade, natural do estado da Bahia, é ACT (professor com admissão em caráter temporário) e leciona nesta instituição desde o início deste ano. Teve sua formação básica toda em escola particular e formou-se em e especializou-se na área de Educação Física na UFBA, onde até hoje participa do grupo de pesquisa LEPEL/ FACED/ UFBA. Desenvolveu trabalhos de monitorias e tutorias sobre a orientação da Professora Celi Taffarel e participou ativamente do Diretório Acadêmico de Educação Física, Diretório Central dos Estudantes (DEC) e do Movimento Estudantil da Educação Física (MEEF). Já estagiou com musculação, com esportes de rendimento em clubes desportivos, em hotéis e com educação no campo e hoje leciona nessa escola para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Fez o curso de Mestrado na UFSC, onde a temática abordada foi a formação de professores, ampliando seus estudos como membro do grupo de pesquisa Transformações no

Mundo do Trabalho (TMT/UFSC). Neste período foi eleita presidente da Associação dos Pós-graduandos (APG) da UFSC e eleita, em nível nacional para a direção da ANPG. Nesta época, iniciou os trabalhos junto ao Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional (MNCR) de Educação Física, além de participar da formação de um grupo de estudos na Educação Física de concepção marxista.

Dentre as concepções de Educação Física que existem, esta professora optou por trabalhar com a concepção crítico superadora, aliada à concepção histórico-crítica e à concepção marxista de mundo. Entretanto, coloca em sua resposta que também está aberta a diálogo com as demais concepções da educação, Educação Física e de mundo.

Quanto às propostas didáticas que utiliza, a professora coloca que optou em trabalhar com os conteúdos da cultura corporal, incentivando sobremaneira, o trabalho em grupo, a apropriação crítica da técnica, considerando as dimensões políticas, científicas, éticas, morais e pedagógicas no fazer pedagógico. Cita que em sua ação pedagógica utiliza principalmente os pressupostos “da escola alemã com a proposta das concepções de aulas abertas às Experiências sociais”.

No exercício de lecionar, a professora de Educação Física coloca que a escola representa um dos locais mais privilegiados para que a classe trabalhadora possa ter acesso ao conhecimento construído pelo conjunto da humanidade e que pelo sistema hegemônico capitalista, que segundo ela, somente permite esse acesso ao conhecimento sistematizado para poucos. No sentido de orientar sua prática conforme o explicitado acima, segundo suas próprias palavras: “A nossa intenção é socializar o conhecimento, de maneira a contribuir com a classe trabalhadora na sua organização, para isso desenvolvemos a disciplina funcional, a discussão sobre diversos temas. Para isso planejamos as aulas e as expomos para que os estudantes tenham consciência sobre o que estamos tratando e possam interferir na discussão dos conteúdos”.

Quando questionada sobre a lei que obriga crianças de 6 anos a se matricularem no primeiro ano do Ensino Fundamental, aumentando este para 9 anos de duração, a entrevistada coloca que “esta lei foi implementada de forma atabalhoada para seguir as metas impostas pelos organismos multilaterais para os países periféricos, como o Brasil”. Acredita que tal proposta tem se mostrado desastrosa na prática, pois há uma indefinição sobre muitas questões e, efetivamente, o aumento dos anos de escola somente no que diz respeito à quantificação, já que esse aumento não necessariamente signifique uma melhoria significativa na educação do povo brasileiro, desta forma acrescentando qualitativamente. Coloca também que não houve preparação para esta atuação por parte da

escola, ou de qualquer instituição com as devidas responsabilidades, desde que se tornou ACT. Ainda pontua que essa forma de contratação em caráter temporário tem ainda menores condições de qualificação profissional oferecida pelos órgãos competentes, já que sua responsabilidade com o ensino público tem contrato findado em no máximo dois anos caso não haja efetivação de contrato.

Ela conta que a turma tinha 31 alunos no início do ano letivo e, portanto foi desmembrada em duas turmas, onde essa professora entrevistada ficou responsável pela Educação Física com uma das turmas, com 13 alunos. Ela coloca que estes alunos, antes recebidos pelas creches, ainda não tem a maturidade necessária para compreender o que é uma escola, nos moldes como esta se apresenta hoje, e isso representa um choque para eles. A professora menciona o relatório Delors, criado em 2008 pela UNESCO, como documento que realmente exprime a realidade desta situação, por esta forma de educar adotada nas escolas, prepara as novas gerações para as incertezas e desde cedo ensiná-las as regras do sistema capitalista.

Para iniciar seus trabalhos na Educação Física, a professora nos contou que primeiramente, quis ver o que eles já traziam como Experiências que podiam ser desenvolvidas nas aulas a partir daí ampliá-las. Percebeu que essas Experiências eram baseadas em jogos, brincadeiras, cirandas e o futebol e a partir daí traçou seu planejamento para, ampliar e diferenciar os conhecimentos tratados, principalmente jogos, brincadeiras e danças, assim como, também deixar que eles explorem ao máximo o espaço/tempo/materiais/equipamentos que se tem acesso.

Quando montamos as perguntas orientadoras dessa entrevista, pensamos na possibilidade de a professora de Educação Física comentar mais sobre sua prática de forma a não relacioná-la com seu(s) estado(s) durante as aulas. Neste sentido bolamos uma última pergunta que se referia as sensações e formas de comunicação que permeavam a Experiência da professora neste processo. Contudo as respostas foram direcionadas para um olhar externo, no sentido de colocar o melhor para os alunos, sem comentar sobre seus estados e emoções como professora desses alunos.

Suas respostas nesta última pergunta confirmaram suas indagações anteriores, pois ela relata que estes alunos, de 6 anos de idade, devem ter o direito de serem recebidos em um ambiente escolar que considere essa sua inserção precoce no sistema de ensino formal. Turmas de no máximo 15 alunos representa para a professora, o limite para que o professor consiga dar a devida atenção aos alunos, a história que trazem de suas Experiências, história, e que se isso não for feito, se esse suporte não for dado, a situação pode sair de controle. Ela

crê que a escola pode auxiliar, mas também traumatizar e desestimular o aluno que não tiver recebido a orientação e cuidados necessários.

A entrevistada coloca que entre as funções e responsabilidades do professor, sobretudo o de Educação Física, não podem ser considerados trabalhos como o de médico ou psicólogo, para resolver todos os problemas das crianças. Este deve ter seu papel de professor que pode ser potencializado com todo o corpo docente da escola, no sentido de auxiliar a criança em todos os aspectos, mas não tirar a responsabilidade dos órgãos da sociedade o que cabe a eles, e determinar a escola, que seja o futuro da nação.

No que se refere à forma de trabalho da professora, ela tenta trabalhar sempre em grupos, misturando os gêneros, tentando incluir os estudantes portadores de necessidades especiais, e busca sempre estar em contato com as professoras de sala, em busca de unidade. Com as crianças, busca uma comunicação “olhando-os nos olhos, abraçando-os, escutando-os, agachando-me para falar com eles e em círculo, para que possamos nos olhar”. Também, tenta, sempre que possível, fazer atividades com matérias e/ou equipamentos de texturas, tamanhos, pesos, cores, desenhos geométricos diferentes para buscar explorar os sentidos.

Em suas aulas, relata que as decisões são tomadas em conjunto para que eles entendam as regras e os combinados e sintam-se co-responsáveis pelo que ocorre. Entretanto, segundo a professora, há decisões que cabem ao professor como formador dos sujeitos históricos que se encontram sob sua responsabilidade. Para ilustrar, deu como exemplo os pedidos de “quero jogar futebol”, ou quando dizem “não quero fazer isso ou aquilo”, onde neste sentido o professor propõe diálogo, e tenta orientar demonstrando autoridade, mas tomando o cuidado para não expressar autoritarismo.

5.3 DESCRIÇÃO DAS AULAS MINISTRADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A temática escolhida para se trabalhar na referida Experiência de estágio supervisionado, foi o Circo por representar um componente popular e criativo, de expressão artística, corporal e, por que não dizer mágica, criada na rua. A interlocução do estágio ocorreu na busca por propiciar práticas corporais que promovessem algumas habilidades motoras, acrobacias mais simples, brincadeiras, etc, mas com maior foco na Experiência de perceber-se naquele ambiente e experimentar seu corpo naquelas atividades, buscando reconhecer o outro como fundamental no convívio.

O Circo justifica-se como conteúdo escolar, pois está representado em quase todas as civilizações, sociedades e culturas desde o início até o presente da humanidade e faz parte da cultura corporal popular no Brasil (BORTOLETO e MACHADO, 2003). Para a Educação Física, além de seu caráter histórico, justifica-se pelo se movimentar com plasticidade, harmonia e estética. Tanto para quem assiste quanto para quem vive, essa experiência toca de uma forma sensível, abstrata e até misteriosa, mas bastante evidente. Personagens representados nas figuras do Circo, como o contorcionista, trapezista, malabarista e até mesmo o próprio palhaço, cada um a sua maneira e com suas especificidades, nos inspiraram para experimentar, junto com a turma, essas formas de aprender.

No momento de intervenção do Estágio Supervisionado utilizamos como idéias gerais do ensino da Educação Física uma forma de ação pedagógica para além dos conteúdos. Buscamos compartilhar conhecimentos e práticas corporais que incitassem o aprendizado permeado por valores que possibilitassem às crianças o exercício do se perceber na relação com o conhecimento, com o se movimentar, com o outro e com o todo, utilizando para isso a exploração do imaginário, da criatividade, da expressividade de cada uma delas.

Criar um espaço cultural legítimo, sujeito a Experiência e reflexão por meio dos conteúdos relacionados ao Circo, no sentido de buscar a valorizar o convívio e as relações de grupo, e as formas legítimas de convivência, foi nosso maior objetivo, a luz das teorias que temos como referência. Assim, aderimos à premissa de que “o educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência” (MATURANA, 1998).

A Pedagogia Crítico Emancipatória (KUNZ, 2006), que trata do “se movimentar” como nossa comunicação com o mundo, serviu como base para nossa atuação pedagógica, pois condiz com nossa concepção de Educação Física e de mundo, mesmo que esta esteja em intenso processo de desenvolvimento e aprendizado.

A seguir, a descrição das aulas realizadas no período de estágio, nos serviu como fonte de dados deste estudo no sentido de compreender melhor sobre como o professor, neste caso no papel de estagiários, deu significado a Experiência de lecionar com essa faixa etária. Com o quadro a seguir, pretendemos dar maior visibilidade e clareza sobre acerca das aulas ministradas pelas estagiárias a partir dos tópicos mais relevantes e situações que se destacaram durante estas aulas e assim, dando maior subsídio para o alcance dos objetivos deste estudo. Para comentários mais detalhados sobre as aulas, assim como para saber mais sobre os planos de aulas, ver anexo 2.

Quadro 2 – Situações relevantes das aulas de educação física 1º ano.

Aula	Data	Tema/Objetivo	Situações Relevantes
1	01/10/09 (Quinta-feira)	Iniciar a Experiência da intervenção propriamente dita, com as estagiárias já na figura de professoras, de forma que estimule a criatividade e o imaginário, onde cada criança a sua maneira realize as atividades de forma a se perceber nesta Experiência estética e sensível, no sentido de participar desta primeira se experimentando, estimulando a expressão e consciência corporal, percebendo a si mesmo e também tendo o outro como referência, para que no fechamento da aula, um registro em forma de desenho permita a reflexão sobre o ocorrido.	<ul style="list-style-type: none"> • Palhaço foi escolhido, turma participou na escolha do nome. • Crianças muito ativas, enérgicas (principalmente aluna surda) dispersavam com facilidade, bastante conversa paralela. • Ótima aceitação da turma e do professor ao tema (inclusive prof. de sala). • Meninos com brincadeira violenta, de lutas.
2	06/10/09 (Terça-feira)	Dar continuidade a primeira Experiência realizada na aula de Educação Física a qual teve as estagiárias como professoras e que foi introduzido a figura do palhaço “Lelé”, como “mediador” das ações. Tendo em vista também como foco da aula, possibilitar para as crianças o desenvolvimento da criatividade e o imaginário, estimulando a expressão e consciência corporal, a percepção de si mesmas e do outro, algumas propostas são feitas neste sentido, de deixar o imaginário solto e possibilitar a criação individual e a integração entre as crianças.	<ul style="list-style-type: none"> • Somente dois alunos trouxeram a tarefa do dever de casa (desenho do Palhaço). • Aluna L participou da mímica com iniciativa, surpreendendo os professores. • Atividade de imaginário para exploração dos ambientes da escola, foi de intensa participação da turma, e todos adoraram. • As crianças deram idéia da última brincadeira (telefone sem fio), e sempre tem iniciativa para criar novas brincadeiras.
3	08/10/09 (Quinta-feira)	Possibilitar às crianças atividades que estimulem sua criatividade e imaginação, de forma que as mesmas consigam trabalhar em grupo respeitando os colegas e se percebendo como parte de um coletivo, onde as diferenças acabam sendo superadas e os alunos se relacionem de maneira mais integrada e cooperativa.	<ul style="list-style-type: none"> • Turma muito dispersa desde o início da aula, mal conseguimos explicar as atividades. • Atividade de cooperação não funcionou, crianças só queriam disputar corrida. • Meninas não queriam sujar a roupa no chão. • Muitos não queriam participar das atividades, mesmo sem saber do que se tratava.
4	15/10/09 (Quinta-feira)	Inserir outros elementos do circo que, juntamente com o palhaço compõem este universo. Para esta aula foram pensadas atividades que já fazem parte da realidade das aulas de Educação Física desta turma mas que também tem grande significado no circo, que é o equilíbrio através da corda. Com exercícios de concentração, mas contando também com práticas corporais que exigem agilidade, esta aula relaciona a figura do equilibrista em nossas aulas.	<ul style="list-style-type: none"> • Alunos participativos cativam a atenção de alunos dispersos, que passam a participar da aula. • Atividade de pular corda tem unanimidade de interesse (é sempre praticada pelas crianças, que reclamaram ao trocarmos de atividade). • Para estimular outra atividade foi incentivada a imaginação, e assim todos entraram na brincadeira de equilíbrio.
5	20/10/09 (Terça-feira)	Promover conhecimento acerca dos personagens do Circo, suas funções e habilidades, assim como conhecer as práticas corporais que podemos experimentar nas aulas de Educação Física, relacionadas ao Circo e em que momentos em nosso dia-a-dia utilizamos estas formas de se movimentar.	<ul style="list-style-type: none"> • Encontramos dificuldades em explicar as atividades para aluna surda, mas ela imita o que os colegas fazem, e realiza a atividade a sua maneira. • Atividade mais calma no centro da quadra, em círculo, funcionou bem, todos participaram, mas logo a vontade de sair daquela formação ordenada surgiu, e dando continuidade a atividade, mas agora em movimento foi bastante rico. • Aluno B agiu de forma violenta com N, e agimos no sentido de proibir que participassem da próxima aula e a partir daquele momento, quem não cumprisse com os combinados deveria sentar e refletir sobre o que fez assistindo os colegas na aula.
6	22/10/09 (Quinta-feira)	Como na última aula, as crianças estavam bastante dispersas, pensamos uma aula com o objetivo de oferecer mais opções para que possam escolher e assim aumentar a participação na aula. O objetivo desta aula também é que os estagiários interfiram menos na ação dos alunos, deixando-os experimentar com maior espontaneidade as atividades propostas e desta forma compreender melhor e mais livremente os conteúdos relacionados ao circo, mais especificamente, direcionados ao equilíbrio.	<ul style="list-style-type: none"> • Nova estratégia de Circuito aberto foi utilizada. • Materiais de Educação Física antes esquecidos no depósito são (re)descobertos pelas crianças (ex: chinelão, perna de pau, etc.). • Mesmas crianças se envolvem em conflitos mas logo vão brincar.
7	27/10/09 (Terça-feira)	Como na última aula nosso objetivo foi alcançado, continuaremos com a estratégia de proporcionar para a turma várias atividades que já foram trabalhadas ou que os alunos podem estar criando, afim de deixarmos a aula com “a cara” mais das crianças, incentivando a criatividade e	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade de bambolê foi ressignificada onde as crianças criaram um trenzinho. • Quando um menino não quis fazer a mímica os demais meninos também não quiseram participar. • A atividade de malabares logo foi substituída por uma brincadeira em que todos participaram e

		cooperação entre eles. Esperamos assim que a turma participe mais, como na aula anterior, mas que se mantenha no tema do circo.	criaram, o “navio pirata” (meninos na árvore eram os piratas que iriam salvar as meninas princesas). <ul style="list-style-type: none"> • A conversa final foi difícil de se fazer pois as crianças estavam muito agitadas.
8	29/10/09 (Quinta-feira)	Proporcionar aos alunos uma vivência do “trapezista” do circo, utilizando os espaços de dentro e fora da quadra da escola. Porém as estagiárias irão direcionar diretamente as crianças para algumas atividades, mas as mesmas também poderão criar e propor outros exercícios e brincadeiras, como vem acontecendo nas últimas aulas ministradas.	<ul style="list-style-type: none"> • Meninos querem sempre brincar de futebol e de correr muito, e muitas vezes de forma violenta. • Aluna Lsurpreende ao envolver-se em toda a aula. • Aluna A quer chamar atenção de qualquer forma, e também quer girar a corda para que os demais pulem, mas a turma não quer pois ela não tem força, e essa comunicação ficou difícil.
9	03/11/09 (Terça-feira)	Dando continuidade ao projeto do circo, hoje será falado sobre a figura do “contorcionista”, que ultrapassa limites do próprio corpo realizando movimentos plásticos e belos. Com as crianças buscaremos realizar atividades de alongamento, mas tentando manter a aula mais ativa, para proporcionar além de exercícios de percepção corporal, a participação de todos em atividades de corrida e brincadeiras já conhecidas.	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades mais dirigidas, mas construídas com a participação do grupo. • Atividades com duração menor pareceu ter maior participação da turma. • Como todas as atividades foram realizadas, inclusive a de alongamento no papel de contorcionista, deixamos os meninos jogarem futebol no final da aula.
10	(05/11/09) (Quinta-feira)	Retornar a atividade de desenho feito na aula anterior, para quem deseja concluir este seu registro. E para a aula de terça-feira que vem, pensamos em realizar nosso próprio circo e, portanto, a aula de hoje servirá de planejamento para este momento, onde definiremos papéis e estratégias para representar as figuras de nosso circo.	<ul style="list-style-type: none"> • A realização do planejamento da aula seguinte, com a definição dos papéis, foi um pouco agitada e demorou a acontecer até os alunos se acalmarem. • Todos estavam muito eufóricos com o Circo e alguns queriam desenvolver mais de um papel. • Como durante as aulas os meninos que pediam para jogar futebol foram bastante participativos, deixamos que no final jogassem futebol.
11	10/11/09 (Terça-feira)	Como combinado na aula anterior, cada criança representará algum personagem que fará parte do <i>nosso grande circo</i> , como descrito abaixo. Através do ambiente circense, os alunos terão possibilidade de uma vivência “real” em que serão os atores principais, de forma lúdica, mas sem perder o fio condutor e também como consequência disso as habilidades motoras serão vivenciadas, como o equilíbrio na figura do equilibrista, a flexibilidade do contorcionista que se realiza através de “pontes” e até mesmo da criatividade em realizar mímicas imitando os animais.	<ul style="list-style-type: none"> • Poucas meninas trouxeram roupa ou já foram com a roupa que melhor caberia para interpretar sua personagem. • Algumas crianças quiseram interpretar vários papéis. • Após fazer seus papéis, o aluno M não quis mais ser público e se afastou do grupo, e a coordenadora pedagógica que estava assistindo o evento foi chamá-lo com uma bronca, que o fez vir contrariado para o grupo. • Algumas crianças ficaram com vergonha de mostrar o que aprendeu para o grupo. • Algumas crianças mais competitivas neste momento foram cordiais e cooperativas, pensando no melhor para a apresentação.
12	12/11/09 (Quinta-feira)	Como é nosso último dia de intervenção com a turma do primeiro ano, iremos avaliar o que foi construído e trabalhado com eles nesse período. Também vamos registrar um momento onde concluímos nossa intervenção, que foi a aula anterior, através de filmagem e fotos, deixando para os alunos o registro fotográfico.	<ul style="list-style-type: none"> • Vimos o vídeo da aula (anterior) do Circo, que foi solicitado pelos alunos muito eufóricos, para repetir a exibição. • Alguns alunos avaliaram que faltou futebol nas aulas. • Aluno W ficou chateado por não aparecer nas imagens. • A professora de sala e o de Educação Física gostaram muito da integração dos temas do estágio com os abordados por eles.

Esta maneira de descrever as aulas nos pareceu mais oportuna para este momento do trabalho por descrever as 12 aulas de forma resumida, contudo, para a interpretação dos dados foi feita uma análise deste quadro juntamente com o estudo dos comentários sobre cada aula, gerando um novo quadro (quadro 2) exposto no capítulo¹⁸ de interpretação dessa Experiência, a partir do que foi significativo e tocou as estagiárias enquanto ocorria a Experiência de Estágio Supervisionado no papel de professoras.

¹⁸ Capítulo 6.3 Impressões da Experiência do Estágio Supervisionado.

6 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

6.1 AÇÕES ADMINISTRATIVAS E PEDAGÓGICAS ADOTADAS PELA ESCOLA COM A INSERÇÃO DE MAIS UM ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Através da entrevista com a Coordenadora Pedagógica da escola, e também por meio de comentários feitos pela professora de Educação Física, e ainda por observações feitas durante a interlocução no Estágio Supervisionado II, pudemos perceber que poucas e gradativas medidas, orientadas no sentido de mudanças estruturais e organizacionais, mas não pedagógicas, têm sido feitas na escola após a implementação da lei que aumenta o Ensino Fundamental em mais uma turma. Organização do recreio, onde as crianças de 6 anos tem preferência para ganhar a comida do refeitório, e também utilizá-lo, já que este é pequeno, é um exemplo. Neste ano, por muitas crianças estarem matriculadas com 6 anos na escola, a turma foi dividida em duas, e a necessidade de uma nova sala, fez desmanchar o laboratório de ciências, para surgir mais uma sala de aula, entre outras ações neste sentido.

Para o professor de Educação Física, não houve significativas mudanças, até por que os professores dessas turmas de 1º ano têm sido trocados regularmente, a exemplo do final do ano passado onde o Estágio Supervisionado se deu na atuação de um professor que neste início de ano já havia sido trocado pela professora que participou como entrevistada nessa pesquisa. Conforme a fala da Orientadora Pedagógica, as medidas deveriam vir da Secretaria de Ensino Básico, no sentido de formar e orientar os professores e demais docentes da escola a lidar com essa faixa etária, mas isso não ocorreu.

Sua fala foi direcionada muito mais no sentido do aporte financeiro necessário para subsidiar a escola nesta nova configuração do que no aporte pedagógico, talvez por essa escola necessitar de medidas estruturais de emergência para a qualidade mínima necessária para dar condições de lecionar e de aprender nessa escola como, utilizando o próprio exemplo da professora, os vasos sanitários inapropriados para a altura de crianças de 6 anos.

Pensamos que a escola pode e deve ter certa autonomia quando não é oferecido o devido auxílio, mas sabemos que isso não é tarefa fácil, mas não é impossível. Reuniões de formação sobre as especificidades do ensino com crianças de 6 anos de idade, ou ainda solicitar auxílio a instituições parceiras, como é o caso da UFSC, no sentido de organizar tais reuniões, entre outros exemplos. Contudo é sabido que o professor de escola, pela pouca remuneração, busca outros trabalhos e ocupações para somar a sua renda final mensal, e assim poder dar conta de seus custos, e este fato prejudica seu interesse, sua disponibilidade e até mesmo suas condições para participar de momentos como os citados, sem que estes sejam remunerados.

Sobre a divulgação para a comunidade sobre a necessidade de agora trazerem crianças de 6 anos para serem matriculadas no Ensino Fundamental, a Orientadora coloca que reuniões foram feitas para comunicar e explicar para os responsáveis sobre essa mudança. Contudo tanto foi falado sobre essa nova lei na mídia, que a maioria das pessoas envolvidas já estava sabendo e veio até a escola em busca de maiores esclarecimentos. Achamos importante colocar aqui que essas informações que a comunidade trazia sobre a lei, eram provenientes do que escutavam na televisão ou liam no jornal, portanto opiniões veiculadas por meios de comunicação em que profissionais (jornalistas, políticos, etc.) opinavam e colocavam fatos sobre essa situação. No entanto, várias dessas opiniões, assim como quase tudo que nos é informado pelas principais e mais poderosas emissoras de televisão ou de jornal, tem seus fundamentos embasados em poder político e interesses que não os da população, no sentido de informar o receptor dessas mensagens, sem formá-lo, sem fazê-lo refletir ou questionar o assunto.

Entendemos que a família e as crianças envolvidas neste processo são prejudicadas com essas situações, já que não entendem como problema as conseqüências dessa inclusão despreparada de crianças de 6 anos na escola. A Coordenadora Pedagógica da escola em questão comenta que essa lei foi homologada por interesses do poder público em angariar maiores fundos relativos ao maior número de crianças na escola. Contudo isso não quer dizer que esses fundos serão repassados às escolas para que realizem as devidas mudanças. Informações como essa citada pela entrevistada, não são veiculadas pela mídia e não chegam até a comunidade, não resultando em ações de mobilização em prol de mudanças.

Assim como a comunidade e as crianças, o professor também passa por dificuldades, e segundo a Orientadora pedagógica, ficam angustiados pela dificuldade em lidar com crianças que não estão preparadas para este formato do Ensino Fundamental. Ainda coloca que a necessidade de alfabetizá-los também é dificultada por estarem em uma faixa

etária que se dispersa com facilidade e que só quer brincar. Contudo, segundo o Parecer homologado 18/2005, não há a obrigatoriedade de alfabetização, conforme o voto dos relatores que colocam sobre as implicações dessa alteração.

Promover, de forma criteriosa, com base em estudos, debates e entendimentos, no âmbito de cada sistema de ensino, a adequação do projeto pedagógico escolar de modo a permitir a matrícula das crianças de 6 (seis) anos de idade na instituição e o seu desenvolvimento para alcançar os objetivos do Ensino Fundamental, em 9 (nove) anos; inclusive definindo se o primeiro ano ou os primeiros anos de estudo/série se destina(m) ou não à alfabetização dos alunos e estabelecendo a nova organização dos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos termos das possibilidades dos Art. 23 e 24 da LDB (Parecer 18/2005, p. 3).

Percebemos com a citação acima que o que define essa atuação mais diretiva no sentido de alfabetizar ou de utilizar moldes de ensino mais “conservadores”, ou se buscam perceber as especificidades deste primeiro ciclo do Ensino Fundamental, no sentido de suas espontaneidades e necessidades como educandos e como seres humanos em desenvolvimento. Nesta perspectiva, achamos imprescindível a compreensão de como o professor de Educação Física atua em seu fazer pedagógico, onde no caso da Educação Física entendemos a alfabetização nas Línguas Portuguesas, como sendo a necessidade que o professor de Educação Física tem em transmitir fundamentos dos esportes e conteúdos alheios a realidade de crianças muito pequenas. Para tanto analisamos e interpretamos a entrevista com o professor de Educação Física da escola foco neste estudo, no capítulo seguinte.

6.2 PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ALGUMAS IMPRESSÕES

A entrevista com a professora de Educação Física pareceu-nos parte fundamental neste estudo, pois dessa forma pudemos ter e utilizar as contribuições da entrevistada como parâmetro para interpretação das Experiências na aula de Educação Física justamente com o professor responsável pelas aulas nessa faixa etária. Pudemos perceber que a professora dessa turma, divergindo do que encontramos na realidade nacional, tem uma formação diferenciada, com participação em projetos e inclusive com título de mestre. Essa situação nos sugere um diferencial na ação desta profissional, que se encontra melhor preparada e fundamentada para atuar no ambiente escolar, fato este que fica evidente em seus comentários durante a entrevista, fazendo referência a autores e também dialogando com critério a partir de concepções e diretrizes pedagógicas que trabalha.

Percebe-se em sua fala, que a professora fundamenta sua ação pedagógica em conteúdos que não somente o esporte. Para Hildebrandt-Stramann (2003, p. 143) “a maior parte da Educação Física e Universitária é caracterizada por um procedimento metodológico orientado nas destrezas motoras ou movimentos técnicos”, parecendo somente valorizar formas de se movimentar já prontas, como modelos a serem desenvolvidos e aprimorados. Contudo, conforme a descrição da professora sobre sua fundamentação nas aulas, sua Experiência docente parece ser permeada por outros valores, como formação humana no sentido de preparar as crianças para o mundo adulto, para que exerçam a cidadania.

A entrevistada coloca com clareza seu posicionamento marxista e embasado em teorias críticas da Educação Física, onde isso também é demonstrado em sua militância nos Movimentos sociais referidos por ela (por exemplo: MEEF e MNCR). Isso pode demonstrar sua capacidade de ver as coisas como externas ao que nos ocorre internamente, pois nesta visão de sociedade e de mundo se problematiza as dificuldades da Experiência vivida como sendo culpa do sistema capitalista, ou da classe burguesa, sem considerar os seres humanos e seus estados emocionais, que estão envolvidos neste processo. Nos anos 70 e 80, com o advento da Revolução Industrial na Europa e no mundo, Karl Marx e Friedrich Engels (1998) escreveram um manifesto para que os proletariados se unissem na luta contra a burguesia e por seus direitos. Cremos que as Experiências vividas em meio aquele contexto, criaram estados (internos) de indignação e de ira, que são explícitos nos textos desses autores e de quem reconhece esse tipo de leitura do mundo. São esses estados que não podem ser negados e devem ser considerados como fonte primeira, como pré-determinação da ação e dos pensamentos do sujeito.

Entendemos que muitas das questões da esfera econômica e política do Brasil, por exemplo, estão desmoronando e traçando caminhos que divergem aos interesses da nação, talvez pela ganância e/ou pela busca incessante do poder e do dinheiro. Contudo entendemos isso como principal conseqüência da desconexão com o ser, em suas múltiplas faculdades, só percebendo o que se adquire materialmente, sem valorizar o que nos ocorre internamente. Reconhecer a si mesmo como um outro capaz de realizar ações e interpretar papéis, em diferentes estados, e buscando desenvolver suas atividades da rotina diária, sem desfavorecer o estado primeiro que origina a ação, tanto minha quanto de quem está interagindo comigo é imprescindível para a valorização da humanidade. Situações como a busca pela maneira mais fácil de atingir os objetivos, em algumas situações em detrimento de outrem, é um caminho traçado pelos sujeitos formados por esta racionalização e percepção superficial das Experiências. As dificuldades de comunicação, de interação, de socialização são imensas.

(...) sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera. Não nos enganemos. Não estamos moralizando nem fazendo aqui uma prédica do amor. Só estamos destacando o fato de que biologicamente, sem amor, sem aceitação do outro, não há fenômeno social. Se ainda convive assim, vive-se hipocritamente, na indiferença ou na negação ativa (MATURANA; VARELA, 2001, p. 269).

Essas palavras dos referidos autores demonstram que o fenômeno social só ocorre de maneira legítima, que essa Experiência só é essencialmente significativa, quando permeada pelo amor, pela aceitação do outro, pelo reconhecimento e valorização do que se pode contar no contexto da aula. A partir das idéias de Hildebrandt-Stramann (2003) entendemos que a Experiência pode ser facilitada e influenciada também pelas condições sociais e materiais disponíveis para que esse fenômeno ocorra. Fatores externos podem reduzir ou favorecer as possibilidades de dar-se conta de seu estado, da interação com o outro e também com os materiais disponíveis para esta Experiência da aula, portanto o professor deve buscar concepções e didáticas que explorem as possibilidades com criatividade e reflexão.

É interessante refletir sobre os comentários da professora quando esta se refere às aulas de Educação Física, que neste caso, é citada, inclusive, a concepção de aulas abertas às Experiências. É perceptível a valorização das idéias dos alunos como importantes no andamento das aulas, assim como a valorização do que estes trazem como Experiência de seu mundo de movimento. Percebe-se na ação pedagógica da professora o reconhecimento do movimento como sendo o movimento realizado por alguém, e não somente o movimento em si. Neste sentido, nos parece que a professora reconheça seu papel também de observador daquele momento e daquelas pessoas, e não mero avaliador da repetição ou da padronização naquele fazer das crianças, conforme concebem concepções de ensino de Educação Física embasadas na apropriação da técnica do esporte como principal objetivo.

Neste sentido utilizamos como referência a seguinte contribuição:

(...) quando nós, por exemplo, observamos crianças numa aula de Educação Física, não podemos observar movimentos, mas sim crianças se movimentando. Nós não podemos observar um salto, mas sim crianças saltando. Nós temos aqui um sujeito que se movimenta e um mundo (uma situação) com o qual essa criança se relaciona ao movimentar-se (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2003, p. 99).

Quando questionada sobre as sensações e formas de interagir que percebia durante as aulas de Educação Física, a professora voltou sua atenção sob os alunos, conforme colocado anteriormente neste trabalho. Suas considerações foram relacionadas ao prejuízo desse despreparo da escola para as crianças que entram com 6 anos de idade na escola. Segundo a entrevistada, esta lei acaba por prestar um serviço embasado na quantidade de conteúdos e de conhecimento que as crianças mais cedo têm que receber, sem perceber o valor qualitativo do processo educacional, na constituição do saber e da formação humana.

Acreditamos que em uma entrevista fica complicado relatar com profundidade o que o pesquisador pergunta, por representar uma forma um pouco superficial para falar justamente sobre as Experiências, tão simbólicas e subjetivas, que conforme dito anteriormente por Benjamin (*apud* MEINERZ 2008) fica dificultado um relato que realmente consiga descrever o que nos passa. Portanto um acompanhamento da professora em seu fazer pedagógico, conversando a cada aula, oportunizando a reflexão e o relato diário, seria bastante valioso para analisar suas Experiências e compreendê-las.

Percebemos também que se este tipo de acompanhamento tivesse sido realizado com a professora de sala da turma do 1º ano, ou até mesmo somente uma entrevista, já nos daria resultados ricos respostas que poderiam fundamentar essa pesquisa no que diz respeito ao alcance dos objetivos, já que esta profissional tem a experiência diária com essas crianças e foi também diretamente influenciada com a mudança da Lei 11.114/2005.

6.3 IMPRESSÕES DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Durante todo o período de interlocução no estágio Supervisionado II houve uma troca de Experiências entre as estagiárias, onde cada uma das duas, a cada semana tinha a função principal de direcionamentos durante a aula (como a professora) e na outra semana tinha o papel maior como observadora das situações e também de auxiliar em momentos de dispersão. Esse formato também foi adotado pela duração das aulas serem diferentes, onde um dia da semana era somente uma aula e no outro, aula faixa.

Após cada aula foram realizadas conversas¹⁹ sobre aquelas Experiências, e nesses momentos percebemos, que independente da função na aula (como estagiária que ministrava a

¹⁹ A conversa era feita entre as estagiárias, e algumas vezes com o professor de Educação Física, e em outras com alguns comentários do professor da Disciplina do Estágio Supervisionado, e ainda, nas sextas-feiras, eram realizados pontos de encontro com todos os estagiários daquela disciplina, para trocarmos e compartilharmos nossas Experiências e também contar com contribuições dos professores da disciplina na UFSC.

aula ou como estagiária auxiliar), as impressões e os sentimentos que nos ocorriam eram bastante semelhantes. Este fato pode ser analisado como um indício de que realmente a Experiência nos tocou de forma parecida e que, portanto nossa atuação conjunta estava coesa e no mesmo caminho. Compreendemos também que as conseqüências desta influência em cada estagiária tinham suas peculiaridades, pois eram somadas as suas Experiências anteriores. Essas diferenças também eram percebidas nas formas de agir (posteriores às sensações e estados emocionais diversos) refletidas na forma como eram conduzidas as aulas após passarem pelo mesmo acontecimento.

Os comentários acima confirmam nossas indagações, embasadas no referencial teórico utilizado neste trabalho no sentido de valorizar as Experiências para além dos acontecimentos e que, portanto devem ser valorizadas e reconhecidas. O que podemos observar é uma super valorização do conhecimento teórico-científico racionalizado em detrimento do conhecimento adquirido empiricamente, tendo como base o que nos causa quando vivenciamos uma Experiência. No processo da constituição da Experiência, a redução destes momentos do mundo da vida, tem trazido algumas conseqüências ao sujeito aprendiz, que hoje já não percebe os significados e as modificações que as Experiências nos causam.

Para melhor visualização e compreensão do que as Experiências representam para o professor de Educação Física, utilizamos os comentários das aulas ministradas no Estágio Supervisionado II por uma das estagiárias, que também é a autora deste trabalho, para relatar com maior detalhamento e profundidade sobre as Experiências que ocorreram e forma percebidas e tocadas nesta estagiária durante sua interlocução com as crianças de 6 anos do 1º ano. Estas Experiências foram situadas em uma tabela, juntamente com o papel que a estagiária exercia em cada aula, para desta maneira associarmos certas considerações acerca do cenário da aula em cada dia.

Os dados que constam na tabela a seguir foram descritos tendo como base o referencial teórico deste trabalho, valorizando desta maneira, subjetividades e sentimentos que caracterizam que realmente a Experiência de lecionar se deu significativamente, sejam eles positivos ou negativos.

Em um primeiro momento, surpreendeu o fato de as crianças serem bastante ativas e que se dispersavam com facilidade. Neste caso o impulso da estagiária foi de manter o controle da turma, no sentido de manter a atenção de todos sobre o que ela falava, já que eram os momentos iniciais da interlocução e uma apresentação era necessária.

Quadro 3 – Experiências relevantes das estagiárias na EF do 1º ano.

Aula	Função da estagiária	Experiências relevantes para as estagiárias:
1	principal	<ul style="list-style-type: none"> • Nervosismo e ansiedade do primeiro contato com as crianças que demonstraram bastante agitação. • Dificuldade de observação de mim mesma e minha forma de interagir.
2	auxiliar	<ul style="list-style-type: none"> • Sensação de fracasso pelos alunos não terem trazido a tarefa. • Satisfação pelo fato dos alunos terem participado da aula e entrado na brincadeira conosco, criando e improvisando.
3	auxiliar	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade no controle das situações (alunos dispersos). • Dificuldade de explicar as atividades e de conversar com eles, que estavam muito ativos e nem sequer nos ouviam. • Certa explosão por nossa parte ao reprimi-los em voz alta para que nos escutassem, o que nos causou grande desconforto.
4	principal	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a imaginação dos alunos, para que se envolvam com a atividade representou nova estratégia.
5	principal	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de percepção no que refere-se a atividades com muita complexidade de regras, de forma desnecessária. • Alegria em poder propiciar atividades que os deixem livres para explorar os locais e a si mesmos. • Tentativa falha de reflexão com as crianças em forma de brincadeira nos deixa com dificuldade.
6	principal	<ul style="list-style-type: none"> • Oferecer uma aula com menos obrigações e mais oportunidades a serem exploradas, nos contempla no que diz respeito a didática e estimula a participação de todos.
7	auxiliar	<ul style="list-style-type: none"> • Ver as crianças recriarem a brincadeira nos faz perceber e valorizar mais a participação deles na criação das aulas. • Sentimos grande dificuldade em fazê-los refletir sobre nossas aulas.
8	auxiliar	<ul style="list-style-type: none"> • Dúvida no que fazer em relação a vontade dos meninos de jogar futebol a invés de realizar as atividades propostas. • Participação da aluna L chamou a atenção de todos, inclusive do professor de Educação Física, que comentou nunca ter visto tal envolvimento por parte dela.
9	auxiliar	<ul style="list-style-type: none"> • Aceitamos a vontade dos meninos de jogar futebol e nos dividimos, onde uma estagiária ficou no futebol e a outra com as meninas no alongamento, e essa situação ocorreu tranquilamente, proporcionando maior interação da estagiária com cada aluno individualmente.
10	principal	<ul style="list-style-type: none"> • Se fazer ouvir para definirmos os papéis no circo foi difícil, pois ficaram muito eufóricos e participativos com a proposta, tornando esse momento cansativo. • Solicitar que a auxiliar da aluna AL traduzisse para LIBRAS o que queríamos dizer a ela, nos deixou bastante contentes por termos certeza de que A integrava-se aos demais.
11	principal	<ul style="list-style-type: none"> • Muita realização por nossa parte por ver o envolvimento dos alunos e a conclusão de um trabalho com êxito. • Sentimento de impotência e falta de autonomia ao ver a Coordenadora Pedagógica intervir com o aluno M, que dispersou-se da atividade, de forma autoritária, trazendo-o completamente contrariado de volta ao grupo.
12	Funções iguais	<ul style="list-style-type: none"> • Tristeza com aluno W que não pode vir na aula anterior e ficou decepcionado por não se ver no vídeo, nos chateando também. • Reflexão em forma de avaliação com a professora de sala e com o professor de Educação Física que elogiaram muito a interlocução.

Notou-se também uma grande dificuldade de observar-se enquanto dirigia alguma atividade, caracterizando falta deste exercício de auto-observação, para melhor auto-avaliação posterior e para também valorizar a Experiência no papel de professor naquele momento.

Nestes casos, o fazer pedagógico foi realizado preso ao planejamento nestas primeiras aulas, sem muitas possibilidades de flexibilidades, haja vista a dificuldade de se observar para então observar o outro com maior critério, pois estávamos presas as objetividades práticas da aula, pela nossa falta de prática.

Em outros momentos percebemos nossa forma de interagir um pouco inadequada, pois algumas atividades não davam certo (como achávamos ser o melhor a ocorrer). Nossa comunicação, por vezes, travou-se com certa dificuldade, ou para descrever e até demonstrar algumas atividades ou para organizar a turma para determinada brincadeira, por exemplo. Nestes momentos percebemos hesitação e indignação por nossa parte, muitas vezes que dominava nosso modo de agir com as crianças, prejudicando o diálogo ainda mais.

Tivemos certa dificuldade em perceber que a emoção faz parte da realidade humana, pois altera intimamente nossa relação com o mundo. Através de nosso olhar percebendo e interpretando a realidade do convívio, que comunicamo-nos de forma coordenada e consensual, utilizando a linguagem como instrumento de comunicação. Este fenômeno não ocorre somente na minha cabeça, ou através da interpretação de regras e símbolos, mas no espaço de relações que pertencem ao âmbito das coordenações de ação, como um modo de fluir nelas. Meu linguajar se modifica quando modifico meu modo de estar em relação aos outros (MATURANA, 2002).

Após mudar algumas estratégias nas formas de agir, de comunicarmos e de propor as atividades, certas mudanças se configuraram, agora tendo maior participação das crianças na construção e no andamento das aulas. Utilizamos estratégias de provocar o interesse dos alunos pela aula e por nossas orientações, com circuitos abertos às possibilidades e as Experiências. Diversos materiais e espaços foram utilizados nesta aula, e muitos deles resignificados, melhorando nossa interlocução assim como diminuindo algumas sensações de impotência e incapacidade por nossa parte.

O Futebol foi solicitado por alguns meninos durante as aulas e em algumas delas foi aceita a solicitação. Nestes momentos a turma se dividia, meninos e meninas não mais queriam brincar juntos e os valores se alteravam. A competitividade se ressaltava e alguns comportamentos de violência surgiam. Pelos esportes exigirem regras e padrões de movimento já estabelecidos, exigem certos combinados que às vezes podem perpassar os combinados da turma, com a professora. Contudo, percebemos também que algumas

atividades quando começavam, todos esqueciam dos esportes e ficavam a aula toda criando e participando das brincadeiras. Acreditamos que a participação no andamento das atividades e na escolha destas, auxiliou na valorização da aula, já que todos a construíram.

Outra situação é determinada pela diferença nos alunos, exigindo perspectivas co-educativas nas aulas, com a aceitação do outro e si mesmo como legítimo e como diferente nesse processo de aprendizagem, onde cada um atinge as metas conforme suas limitações. Alguns alunos como AL e L representavam essa diferença, e toda a turma percebia, contudo, após as estagiárias perceberem certas ações de exclusão, algumas atividades foram desenvolvidas no sentido de valorizar a todos, independente de habilidades, mas sim no sentido da participação e do grupo, onde cada um tinha seu papel, como foi o caso do Circo no momento final. Todos eram importantes no espetáculo, tendo igual direito a atenção e a participação, conforme seus interesses, e deu bastante certo.

Assim como em algumas aulas saíamos desestruturadas por algumas brincadeiras não terem sido conforme pensávamos, ou por situações de conflito com violência entre as crianças, em outros momentos conseguimos perceber o valor da mudança de planos em prol do desenvolvimento de bens maiores, como a coletividade ou a percepção de si e do próprio corpo no movimento, nas atividades. Os planos de aula, a partir de nossas reflexões após as aulas, nos serviram como base para fundamentar a aula, mas não eram determinantes para o andamento da aula, e, portanto, avaliando essas situações, buscamos desenvolver planos de aula mais flexíveis e ampliados.

Percebemos também a importância da avaliação com as próprias crianças sobre o que ocorria nas aulas, como forma de registrar, mas também de compartilhar experiências. Contudo, nesses momentos sentimos bastante dificuldade em fazê-los falar sobre o que achavam ou sentiam. Mesmo em forma de desenho achamos que o fato de um querer copiar o desenho do outro prejudicava também nesse processo de troca e de diálogo.

Avaliando agora à luz dos autores referidos no referencial teórico deste trabalho, percebemos que esta avaliação assim como a troca de Experiências é algo que ocorre naturalmente durante a aula, e não necessariamente, com crianças nessa faixa etária, precisaria ser feito em um momento exclusivo para isso, pois por estarem em intenso aprendizado, a espontaneidade e as subjetividades estão sempre presentes em suas formas de movimentar-se e de interagir.

Para concluir, acreditamos que na ação pedagógica em Educação Física com crianças de 6 anos, mais que orientá-los e buscar envolvê-los no que se refere aos conteúdos da aula, o professor deve buscar conectar-se com a forma de vivenciar as Experiências que as

crianças têm. Deve entrar no mundo do imaginário e dar significado a Experiência de aprender vivendo, de ser espontâneo e dar valor ao simbólico, ao não falado, aquilo que muitas vezes não precisa de explicação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho procuramos ampliar algumas idéias já fixas e determinantes no campo da Educação Física referente a construção do conhecimento e valorização das Experiências que permeiam essa busca científica. Novos caminhos podem ser traçados com validade e critério, embasados nas Experiências de quem atua efetivamente como profissional/professor de Educação Física.

O mundo em que vivemos atualmente é caracterizado pelo antagonismo entre o conhecimento científico e o adquirido através das Experiências do mundo vivido, e isso ocorre também com o campo da Educação Física. O ser humano não aprende mais a conhecer seu mundo através de Experiências que realmente sejam significativas e que mude, acrescente algo a partir daquele momento, mas sim por uma visão das coisas que os especialistas têm, devido ao aumento do conhecimento técnico e especializado. Em seu processo de desenvolvimento, o saber da Educação Física se divergiu cada vez mais das subjetividades, fundamentando-se nas ciências matemáticas e estatísticas para afirmar-se enquanto verdade, absolutizando seus pressupostos metodológicos como única forma de se fazer ciência.

O conhecimento da escola também perpassa por estes valores, que através da racionalidade se desconectam das sensibilidades, das emoções, e isso é repassado para as crianças, que mesmo sedentas por aprender, são limitadas e submetidas a reducionismos e impedimentos, e aprendem a ser e ver o mundo de forma fragmentada. Estratégias permeadas pelo controle e estímulo a um só foco no aprendizado são vigentes nas didáticas escolares. Controle do tempo, do conteúdo, das falas, e até dos movimentos acabam por limitar o aprendizado e desconectar cada vez mais o ser humano de suas subjetividades, de suas emoções, já começando esse processo desde a infância. Reconhecer a criança, o ser humano, o movimento e o corpo de forma desconexa é desconsiderar a complexidade, o todo, é reduzir a totalidade do que somos e do que já fomos a apenas alguns de nossos aspectos, é reducionismo, e devemos tomar cuidado para dar-mos conta, no papel de professores, de como estamos realizando essa função.

Portanto este trabalho propõe ainda mais questionamentos no sentido de percebermos a participação de nossas emoções como base para nossas ações (no mundo vivido, incluindo nossa ação pedagógica), para desta forma conhecer, estudar e formar o ser humano a começar por nós mesmos. Neste sentido, pensamos que aproximar a Educação Física de outros campos que já tenham consagrada a sensibilidade e a subjetividade como ferramentas que o legitimam, como a Arte, pode ser um caminho para direcionar a Educação Física a sua amplitude e a do ser humano que se move, porque sente, enquanto sente.

A sensibilidade permite dar-se conta que a Experiência só é cognoscível quando nosso estado interno é de abertura a complexidade daquele aprendizado. Neste sentido pensamos a Experiência estética como possibilidade, fundamento, processo e conteúdo da condição humana e, portanto também na Educação Física, pois Estética propõe sensibilidade, experimentar emoções com o outro e consigo mesmo de forma significativa, e para isso a ética que nos rege deve permitir esta forma de percepção do mundo, do belo nas coisas simples que nos rodeiam, nas relações, no outro e em nós mesmos.

Para tanto, acreditamos que este trabalho venha para iniciar novos estudos neste sentido, inscritos através de uma Experiência Estética realizada na aula de Educação Física estudando a condição humana, já que este conteúdo não foi neste trabalho aprofundado pela pequena ou até inexistente literatura que fundamenta a Educação Física com esses pressupostos, com essa orientação. Deixemos essas indagações para um segundo momento, pois consideramos este trabalho apenas o começo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, P. C. A concepção de Aulas Abertas e Prática de Ensino de Educação Física Escolar: conhecimentos, intervenção e reflexão sobre o ensino da Educação Física. **Trabalho de Conclusão de Curso**, Florianópolis: UFSC, Educação Física, 2004.

BETTI, M. ZULIANI, L.R. Educação Física Escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, n. 1, 2002.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a Experiência e o saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan./Fev./Mar., n. 19, p. 20-28, 2002. (Trad. de João W. Geraldi – Unicamp/Depto. Linguística).

BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o circo e a Educação Física. **Revista Corporconsciência**, n. 12, p. 39-69, Santo André, 2003.

BOSCATTO, J. D.; KUNZ, E. Contribuições Teóricas para uma didática comunicativa no ambiente escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XIX, n. 28, p. 101-114, jul. 2007.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno CEDES: Corpo e Educação**, n. 48, 1999.

BRASIL, **Lei n. 11.114**, de 16 de maio de 2005. Altera os arts. 6º, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11114.htm, acesso em Abril de 2010a.

BRASIL, **Ministério da Educação**. Orientações para a matrícula das crianças de 6 (seis) anos de idade no Ensino Fundamental obrigatório, em atendimento à Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005, que altera os Arts. 6º, 32 e 87 da Lei nº 9.394/1996. Parecer n. 18/2005, aprovado em 15 de Setembro de 2005. Relatores: Cesar Callegari et al. Disponível em: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:TN-jEDu8mykJ:portal.mec.gov.br/index.php.%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D710%26Itemid%3D+Parecer+18/2005&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESjBwVAci61t2cVfT0I0eLuscMuxD8_ELvQ8b3CjbfFDJmdCys6lL8RWrzEwjgbrlRTeUb2GzWC11YSNv7gtowk72ZODVCK5KP3EBwJslIHMIb1M0wzBR9OxuV98n-tPxBEL0reI&sig=AHIEtbQYRIApHS eVUqc2BQhaUTYLIVVvww, acesso em Abril de 2010b.

BRASIL. **Ministério da Educação**, Ampliação do Ensino Fundamental para nove anos: relatório do programa. Brasília: Secretaria de educação Básica, 2004. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/9anosrelat.pdf>, acesso em Junho de 2010c.

BRITO. C. L. **Consciência corporal**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

CARDOSO, C. L. Emergência humana, dimensões da natureza e corporeidade: sobre as atuais condições espaço-temporais do 'se-movimentar'. **Revista Motrivivência**, v. XVI, n. 22, 2004. p. 93-114.

DAOLIO, J. A ordem e a (des) ordem na Educação Física Brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 115-127, set. 2003.

DARIDO, S. C. Educação Física de 1ª a 4ª série: Quadro atual e as implicações para a Formação Profissional em Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 4, p. 61-72, 2001.

DEBORTOLI, J. A.; LINHALES, M. A.; VAGO, T. M. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma Educação Física “para” e “com” as crianças. **Pensar a Prática**, Goiânia v. 5, p. 92-105, Jul./Jun. 2001.

DUARTE, R. Entrevistas em Pesquisas Qualitativas. **Educar**, UFPR, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FANTIN, M. **No mundo da Brincadeira**: jogo, brinquedo e cultura na educação Infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir. Corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1994.

GRUPO DE ESTUDOS AMPLIADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Diretrizes Curriculares para a Educação Física no Ensino Fundamental e na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis SC**: registro da parceria NEPEF/UFSC-SME/Florianópolis, 1993 a 1996. Florianópolis: o Grupo, 1996.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO (UFPE/UFSM). **Visão didática da educação física**: análises críticas e exemplos de aulas. Rio de Janeiro: Livro técnico, 1991.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. Experiência: uma categoria central na teoria didática das aulas abertas. In: **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. 2 ed. Ijuí-RS: Unijuí, 2003, p. 79-98.

HIRAI, R. T.; CARDOSO, C. L. Para a Compreensão da Concepção de “Aulas Abertas” na Educação Física Escolar: orientada no aluno, no processo, na problematização, na comunicação e ... **Motrivivência**: v. XVIII, n. 27, 2006, p. 119-136.

KUNZ, E. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia, **Revista Movimento**, Porto Alegre, Ano VI, v. 6, n. 12, 2000.

_____. (Org.). **Didática da Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2002, v. 2. (Coleção Ed. Física).

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Estudos Avançados, v. 12, n. 34, São Paulo Set./Dec. 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141998000300002&script=sci_arttext&tlng=en, acesso em Junho de 2010.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MATURANA, H.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**. As bases biológicas da compreensão humana. 5 ed. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MEINERZ, A. Concepção de Experiência em Walter Benjamin. **Dissertação** de mestrado. Programa de Pós-graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. URGs, Porto Alegre, 2008.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya. 4 ed. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2001.

MOLINA NETO, V. & TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999. p. 45-78.

SANTIN, S. **Educação Física**: Ética. Estética. Saúde. Porto Alegre, Edições EST, 1995.

TAFFAREL, C. N. Z. **Criatividade nas aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1985.

TREBELLS, A. A concepção dialógica do movimento humano: uma teoria do “se-movimentar”. In: KUNZ, E.; TREBELLS, A. H. **Educação física crítico-emancipatória**: com uma perspectiva alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006.

OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ANEXOS

Anexo 1 – Entrevistas com a Orientadora Pedagógica e com a professora de Educação Física do 1º ano do Ensino Fundamental da escola.

Entrevista com um representante do corpo administrativo/pedagógico da Escola.

Dados Pessoais

Nome: _____ Sexo: F () M () Idade: _____ anos

Função na escola: _____

- 1 – Comente sua história de formação e Experiência profissional até chegar nessa escola.
- 2 – O que você pensa e qual a posição da escola sobre a lei que obriga crianças de 6 anos a se matricularem no primeiro ano do Ensino Fundamental, aumentando este para 9 anos de duração.
- 3 – Como a escola se preparou/organizou (materiais, profissionais, instalações, etc) para inserção do 1º ano do Ensino Fundamental. Quais as maiores dificuldades neste processo?
- 4 – De que forma a escola foi informada sobre essa obrigatoriedade e de que forma a escola informou a comunidade?

Entrevista com professor de Educação Física do 1º Ano do Ensino Fundamental da escola.

Dados Pessoais

Nome: _____ Sexo: F () M () Idade: _____ anos

- 1 – Comente sua história de formação e Experiência profissional até chegar nessa escola.
- 2 – Comente suas concepções e propostas didáticas para a Educação Física escolar.
- 3 – O que você pensa sobre a lei que obriga crianças de 6 anos a se matricularem no primeiro ano do Ensino Fundamental, aumentando este para 9 anos de duração.
- 3 – Como você foi preparada e/ou se preparou para lecionar nessa faixa etária?
- 4 – Comente sua Experiência nas aulas de EF com esta faixa etária?
- 5 – Comente suas sensações, decisões e forma de comunicar-se que ocorrem durante a Experiência das aulas de Educação Física com o 1º ano do Ensino Fundamental.

Anexo 2 – Planos de aula seguidos dos comentários de cada aula ministrada na interlocução com o Estágio Supervisionado II em Educação Física.

PLANO DE AULA 1 - 01/10/09 (Quinta-feira)

Objetivo: iniciar a Experiência da intervenção propriamente dita, com as estagiárias já na figura de professoras, de forma que estimule a criatividade e o imaginário, onde cada criança a sua maneira realize as atividades de forma a se perceber nesta Experiência estética e sensível, no sentido de participar desta primeira se experimentando, estimulando a expressão e consciência corporal, percebendo a si mesmo e também tendo o outro como referência, para que no fechamento da aula, um registro em forma de desenho permita a reflexão sobre o ocorrido.

ATIVIDADE I: Apresentação.

Cada aluno irá colocar no quadro da sala de aula a primeira letra do seu nome, formando ao final uma grande minhoca no quadro, interagindo assim de forma lúdica com as crianças e nos aproximando cada vez mais das mesmas e das brincadeiras trabalhadas no circo.

ATIVIDADE II: Palhaçada.

As estagiárias utilizarão o nariz de palhaço como principal peça nesta atividade, colocando a importância daquele adereço enquanto uma máscara capaz de transformar realmente o ser humano, tornando-o capaz de brincar, criar e se explorar sem medo ou vergonha, e neste sentido, distribuir um nariz de palhaço para cada criança para então contar histórias e incitar mímicas e atividades de criatividade e expressão corporal que estimulem a imaginação e a assimilação do “clima” do Circo para as crianças.

ATIVIDADE III: Sombra.

Em um espaço maior, se possível, realizar uma atividade em duplas e em seguida em trios, onde a primeira criança realizará movimentos e deslocamentos para que os demais, vestidos com o nariz de palhaço, o sigam e copiem os movimentos deste primeiro, como se fosse a sombra desta criança, e depois trocar as funções.

ATIVIDADE IV: Registro desenhado.

Para finalizar a aula, sugere-se que realizem um registro construído no sentido de expressar em forma de desenho as impressões que as crianças já têm e que ficaram desta aula em relação ao palhaço, mas que faz referência de forma mais abstrata e “subliminar” ao que eles conhecem sobre o Circo.

Comentários sobre a aula 1 - 01/10/09 (Quinta-feira)

Esta primeira aula nos deixou bastante felizes e interessadas neste processo pelo qual representamos a função de responsável por aquela turma durante suas aulas de Educação Física. Ficamos entusiasmadas com a receptividade dos alunos e do professor Fredy, que mostraram-se receptivos a nossas idéias.

As estratégias que usamos nesta primeira aula para cativar a atenção dos alunos e estimular os a integrar-se ao projeto sobre o Circo foi simples e previsível, mas funcionou muito bem, pois nesta faixa etária, o imaginário e a caracterização/interpretação de personagens estão bastante presentes. O palhaço foi a figura escolhida para tornar presente em toda a rotina destas crianças, durante nossa interlocução, o projeto do Circo. Com uma figura que a turma chamou de Palhaço Lelé colado na parede da sala de aula, em cima do quadro, e com o auxílio da professora de sala Valmira, que introduziu a temática nos demais momentos em sala de aula, que não na Educação Física, o Circo da turma do 1º ano estava sendo montado, “armando a lona, que o espetáculo estava prestes a começar”! Ou pelo menos era o que nós pretendíamos.

Algumas coisas nos chamaram a atenção neste primeiro dia, uma delas foi a necessidade de atenção da aluna Ana Lívia, que com deficiência auditiva, se expressava de forma bastante intensa, e mais do que isso, não respeitava alguns combinados, como ficar sentada em seu lugar, ou não respeitar a vez do colega. Mas pelo que conversamos em aula, e com o professor Fredy, ela é bastante enérgica e se posiciona frente as situações como uma demonstração de força e de potência (entenda-se o oposto de impotência), pois ela pode não ouvir ou falar, mas tem vontades e quer participar das aulas.

A turma nos demonstrou também algumas de suas características como, atividade intensa, conversas paralelas, e fácil dispersão, mas também interesse e participação, carinho, alegria e que gostavam muito das aulas de Educação Física. Portanto sentimos a necessidade de rever algumas de nossas atividades já planejadas no sentido de torná-las mais dinâmicas e de fácil compreensão, pois alguns alunos como Bruno e Murilo quando dispersam-se, demonstram atitudes de violência e rebeldia com os colegas, e queremos amenizar estes tipos de eventos.

PLANO DE AULA 2 - 06/10/09 (Terça-feira)

Objetivo: Dar continuidade a primeira Experiência realizada na aula de Educação Física a qual teve as estagiárias como professoras e que foi introduzido a figura do palhaço “Lelé”, como “mediador” das ações. Tendo em vista também como foco da aula, possibilitar para as crianças o desenvolvimento da criatividade e o imaginário, estimulando a expressão e consciência corporal, a percepção de si mesmas e do outro, algumas propostas são feitas neste sentido, de deixar o imaginário solto e possibilitar a criação individual e a integração entre as crianças.

ATIVIDADE I: Apresentação do seu palhaço.

Como continuação da tarefa proposta na aula anterior, os alunos irão apresentar o desenho do seu palhaço e vão contar uma breve história sobre o que o seu palhaço andou fazendo durante este intervalo entre as duas aulas (no final de semana). Desta maneira tentaremos estimular a criatividade rápida de cada criança e envolvê-las no “mundo da imaginação”.

ATIVIDADE II: Mímica.

Nesta atividade tentaremos fazer com que cada aluno crie uma representação de algo que possa ocorrer na sua realidade escolar ou até mesmo com sua família e amigos; caso a criança tenha muita dificuldade em criar, para que todos participem, as estagiárias falarão uma informação para que esta seja representada através de mímica e a brincadeira continue e todos trabalhem sua percepção no sentido de tentar adivinhar o que o colega está tentando passar.

ATIVIDADE III: Sombra.

Em um espaço maior, se possível, realizar uma atividade em duplas e em seguida em trios, onde a primeira criança realizará movimentos e deslocamentos para que os demais, vestidos com o nariz de palhaço, o sigam e copiem os movimentos deste primeiro, como se fosse a sombra desta criança, e depois trocar as funções.

ATIVIDADE IV: Cambalhotas.

A fim de proporcionar mais uma vivência dita “do mundo dos palhaços”, as crianças irão realizar uma série de calhambotas, vivenciando diversas maneiras de realizar uma mesma atividade, pois as crianças poderão realizar também a atividade em duplas (duas ao mesmo tempo) e em trios, trabalhando assim o espírito de cooperação.

ATIVIDADE V: Caminhada imaginária.

As estagiárias irão estimular as crianças contando uma história que envolverá alguns percursos já existentes na escola, mas que estarão no imaginário das crianças de uma outra maneira, representando a história que está sendo contada. Por exemplo: as crianças terão que subir uma montanha; esta será representada pela arquibancada e assim a história vai se desenvolvendo, até a história ser finalizada.

Comentários sobre a aula 2 - 06/10/09 (Terça-feira)

A primeira atividade que propomos não foi realizada por todos da sala, na realidade apenas a Emily e o Vítor mostraram seus palhaços, coloridos de maneira caprichada, mas logo esperando o “prêmio” que seria dado para quem fizesse o palhaço mais bonito. O “prêmio” foi uma das figuras de contorcionistas trazidas em outra aula posterior. Na atividade de mímica tivemos uma surpresa: a Letícia, que normalmente mal fala na aula e de maneira geral, participou desta atividade sem ter sido diretamente motivada por nós, apenas viu o desenho que estava no livro e que era pra fazer a mímica (andando de patins), se levantou da cadeira e fez a mímica!!! Fato que nos deixou muito felizes, já que sua participação nas aulas era vista como um desafio.

Outro ponto alto de nossa interlocução deste dia foi a última atividade, da caminhada imaginária, onde imaginamos ver através de um binóculo um navio pirata e então desenvolvemos toda uma história com as crianças que “entraram” na brincadeira de uma forma muito verdadeira e criativa. Corremos aos arredores da quadra, fomos para a árvore que fica no canto do pátio fazer nossas espadas, voltamos para o local onde avistamos o navio e assim foi até ao final da aula, o que nos motivou e muito a continuar dando ênfase ao imaginário das crianças, ainda muito presente nessa faixa etária. Ao final, as próprias crianças deram a idéia de fazermos um telefone sem fio, onde usamos como “tema” os animais do circo, o que também nos deixou bastante satisfeitas com esta demonstração de criatividade e iniciativa por parte das crianças.

PLANO DE AULA 3 - 08/10/09 (Quinta-feira)

Objetivo: Possibilitar às crianças atividades que estimulem sua criatividade e imaginação, de forma que as mesmas consigam trabalhar em grupo respeitando os colegas e se percebendo como parte de um coletivo, onde as diferenças acabam sendo superadas e os alunos se relacionem de maneira mais integrada e cooperativa.

ATIVIDADE I: Corrida dos animais.

Sorteio de animais que as crianças terão que imitar enquanto correm em um espaço determinado, para evitar dispersões, possibilitando um momento de colocarem de maneira prática seu imaginário.

ATIVIDADE II: Corrida dos sentados.

No mesmo local pré-determinado, cada criança corre sentada, quem chegar primeiro, vence. O importante aqui é a integração e divertimento entre elas, não importando quem chegar primeiro.

ATIVIDADE III: Corrida de Calçados.

Corrida de duplas com cadarços amarrados. Trabalhar aqui a cooperação e respeito entre os alunos, já que “precisarão” do outro para alcançarem o objetivo de chegar a um determinado local.

ATIVIDADE IV: Macaquinho Chinês.

1, 2, 3 macaquinho chinês: a criança diz e vira, se pegar alguém se mexendo, este não sai da brincadeira, apenas fica “congelado” onde está, porém fazendo uma pose de um palhaço ou de um animal que ele preferir.

ATIVIDADE V: Circuito.

Será montado um circuito para que os alunos explorem o caminho que será construído especialmente para que eles testem suas habilidades através dos obstáculos como andar em cima de um banco cumprido, descer e passar por de baixo da mesa de ping-pong, fazer um rolamento, realizar uma “estrela”, subir e descer de uma árvore e etc. As crianças no meio do caminho, ou antes, podem ajudar a criar o percurso que pra elas fique mais interessante, não deixando a aula apenas centrada nas professoras.

ATIVIDADE VI: Mímica.

Como a imaginação e criação são o que mais atraem os alunos nesta fase, faremos com que os mesmo interpretem algumas ações (caso os alunos fiquem um pouco tímido no início, as estagiárias começarão a realizar as mímicas) representando o que acontece no circo como a apresentação do palhaço, dos bichos, do equilibrista etc. Ao final elas podem registrar a ação que mais gostaram de fazer em um desenho construído por elas individualmente ou em duplas.

ATIVIDADE VII: Telefone sem fio.

Fazer com que as crianças pensem em algum objeto ou ação que ocorre no circo e passem essa informação para o colega que está ao lado e assim sucessivamente até que o último da fila fale para o demais a informação que foi passada inicialmente.

Comentários sobre a aula 3 - 08/10/09 (Quinta-feira)

Esta aula, diferente da anterior, não funcionou muito bem. As crianças estavam muito agitadas e dispersas, o que dificultou e muito até mesmo a explicação das atividades. Na atividade I, onde o importante era o processo de criação e manifestação do “animal” de cada criança, os mesmos queriam mesmo é saber quem chegaria primeiro, mesmo sendo explicado várias vezes o principal objetivo. Em relação a atividade II, a mesma não teve uma aceitação mais por parte das meninas, que não queriam se arrastar pelo chão para não sujarem suas roupas; a Ana Beatriz Geremias estava com a roupa que ganhou de Dia das Crianças, então não quis de jeito nenhum participar do jeito que havíamos pensado.

Quando a atividade III foi pensada, nos veio à mente que todos iriam aderir rapidamente, já que ao nosso ver era uma atividade que envolve certo desafio de cooperação entre a dupla e divertimento, por ser algo que não fazemos no cotidiano. Porém a nossa expectativa não foi alcançada, já que apenas duas duplas de meninos quiseram tentar fazer a atividade, mas logo desistiram, pois queriam correr e não queriam ter que cooperar com o colega, o que nos deixou de certa maneira frustradas.

A partir da IV atividade, a aula desandou de vez. Os meninos ficaram fazendo de tudo menos participar da aula. Corriam, se xingavam e até brigavam, o que atrapalhou também o andar com as meninas, já que nossa atenção teve que ficar dividida em tentar fazer com que a aula tomasse outro rumo e “apartar” o que os meninos faziam. Todo esse tumulto foi bastante desgastante, já que o tom de voz teve que ser alterado, e os ânimos exaltados. No final da aula o sentimento que nos dominou foi de muita frustração, talvez por colocarmos uma

expectativa muito grande e esperando com que nossa aula tivesse uma participação de no mínimo mais que a metade da sala, algo que não se confirmou. A partir de então começamos a refletir mais sobre nossos panos de aula e nossa prática pedagógica.

PLANO DE AULA 4 - 15/10/09 (Quinta-feira)

Objetivo: Inserir outros elementos do circo que, juntamente com o palhaço compõem este universo. Para esta aula foram pensadas atividades que já fazem parte da realidade das aulas de Educação Física desta turma mas que também tem grande significado no circo, que é o equilíbrio através da corda. Com exercícios de concentração, mas contando também com práticas corporais que exigem agilidade, esta aula relaciona a figura do equilibrista em nossas aulas.

ATIVIDADE I: Outros personagens do Circo.

Após algumas figuras serem coladas no quadro, será realizada a chamada de forma que a estagiária solicite a cada aluno, na ordem da chamada, que indique uma figura do quadro que esteja presente no circo, e desta forma, em um espaço ao lado no quadro, será escrito pela estagiária o que for falado pelo aluno e a turma toda deve repetir. Ao final da atividade, os desenhos serão levados pelos alunos, para que sejam coloridos, e trazidos na próxima aula.

ATIVIDADE II: Pulando Corda.

Esta atividade consiste em pular a corda que é movimentada em círculos pelo estagiário e/ou professor em um primeiro momento. Onde as crianças vão demonstrar do que já brincam e de que forma exploram aquela atividade.

ATIVIDADE III: Equilibrando.

A corda será colocada no chão em linha reta e as crianças deverão passar caminhando sobre ela imaginando estar o fazendo em uma considerável altura e buscando desenvolver formas de se caminhar com maior equilíbrio, utilizando os braços e sem olhar para os pés, sentindo a corda e mantendo olhar fixo. No segundo momento da atividade, o desafio é expandido para os demais ambientes da escola, buscando equilibrar-se caminhando sobre a arquibancada, sobre o meio fio, etc.

Comentários sobre a aula 4 - 15/10/09 (Quinta-feira)

A aula deste dia teve seus objetivos alcançados. Com a atividade de início, em sala de aula, pudemos inserir os novos personagens do circo que serão trabalhados em nossas aulas, de forma mais lúdica e atrativa, utilizando imagens. O incentivo a fala e a participação dos alunos com atividades como esta, cativa a atenção daqueles mais dispersos em atividades paralelas e integra a turma em um mesmo objetivo.

A atividade de pular corda é sempre muito estimulante para esta turma. No período de observação anterior a este período de interlocução, notou-se que em muitas aulas de Educação Física as crianças pediam para pular corda, e o professor atendia o solicitado, e praticamente todos os alunos participavam da brincadeira, cantando as músicas que conheciam (“o homem bateu em minha porta”, “suco gelado, cabelo arrepiado”, “quantos namorados você tem”, etc.) e pulando muito bem.

Alguns desentendimentos em relação à ordem para quem pulava corda primeiro, ocorreram com alguns alunos querendo furar a fila, mas com a mediação das estagiárias, orientando para que respeitassem a vez do colega, e falas nesse sentido, a aula era retomada com tranqüilidade.

Quando a mudança de atividade foi sugerida, alguns alunos reclamaram, o que já era esperado pelas estagiárias, haja vista o interesse deles em pular corda. Para estimulá-los a participar da segunda atividade, colocou-se a relação do caminhar sobre a corda com o personagem do circo equilibrista, e assim o imaginário entrou em ação. A corda no chão deveria ser imaginada a 10 metros de altura, com o público em volta aplaudindo, como no circo, e funcionou bem.

PLANO DE AULA 5 - 20/10/09 (Terça-feira)

Objetivo: Promover conhecimento acerca dos personagens do Circo, suas funções e habilidades, assim como conhecer as práticas corporais que podemos experimentar nas aulas de Educação Física, relacionadas ao Circo e em que momentos em nosso dia-a-dia utilizamos estas formas de se movimentar.

ATIVIDADE I: Outros personagens do Circo.

Será realizada a chamada de forma que a estagiária solicite a cada aluno, na ordem da chamada, que fale algo sobre a figura do personagem do Circo que está no colada no quadro, dizendo o nome do personagem e uma coisa que este faz, e desta forma, em um espaço ao lado no quadro, será escrito pela estagiária o que for falado

pelo aluno, para toda a turma ver e lembrar. Ao final da atividade, vários desenhos estarão colados no quadro, sendo estes os personagens que trabalharemos em nossas aulas.

ATIVIDADE II: Equilíbrio em toda a Escola

Dando continuidade a aula anterior, buscar manter o equilíbrio e experimentar-se de forma desafiadora na arquiabancada da quadra, caminhando de costas, de lado, subindo degraus de formas variadas, etc.

ATIVIDADE III: Garrafão de um pé só.

Uma criança deverá tentar pegar os colegas somente cruzando um espaço pré determinado (garrafão) enquanto todos que estão fugindo somente podem o fazer em um pé só, e quem for pego passa a ser o pegador.

ATIVIDADE IV: Pega Linha.

Como já é uma brincadeira que a turma conhece, serão inseridos alguns elementos novos para acrescentar desafios e fazer parte da temática da aula, como por exemplo onde tanto pegador, quando quem foge, deverão correr sobre as linhas somente com deslocamento lateral, e em outro momento de costas e por fim terminam brincando correndo normalmente.

ATIVIDADE V: Ponta de Bailarina e Pé de Palhaço

Todos sentados no chão em círculo deverão aprender a fazer flexão e extensão com os pés (Ponta de Bailarina e Pé de Palhaço). Depois de feito isso as crianças deverão deslocar-se sobre as linhas da quadra das formas que aprenderam conforme a estagiária anunciar.

ATIVIDADE VI: Gostei e Não Gostei.

Sentados em círculo, todos deverão falar juntos as palavras “gostei” e “não gostei” batendo palmas com a mão do colega ao lado, e cada um em sua vez deverá dizer algo que gostou ou que não gostou da aula de hoje, como uma forma de reflexão.

Comentários sobre a aula 5 - 20/10/09 (Terça-feira)

A aula começou bastante interessante, pois retomamos o conteúdo de equilíbrio anteriormente trabalhado. Todos os alunos participaram, mas tivemos algumas dificuldades de explicar a atividade para Ana Lívia, já que sua auxiliar nunca freqüentava as aulas de Educação Física para facilitar na comunicação, mas Ana Lívia, muito observadora que é, se baseia no que os colegas estão fazendo e prontamente se insere nas atividades de forma alegre e participativa.

No segundo momento da aula os alunos não compreenderam a brincadeira, e não conseguiram executá-la, o que nos frustrou um pouco, pois a atividade poderia ter sido mal selecionada por seu grau de complexidade, ou a forma como tentamos mediar a brincadeira não deu certo, e os alunos se incomodaram com aquela situação e a aula acabou ficando conturbada deste momento em diante.

A atividade seguinte de pegar sobre a linha, já era bastante conhecida pelo grupo e ainda faz sentido quando relacionada com o trabalho do equilibrista, então funcionou bem, mas alguns acontecimentos que envolveram o Bruno e a Nicole (uma menina têm uma forma de “paixão”, se é que se pode dizer isso), mereceu um momento de intervenção, pois o Bruno teve novamente uma postura violenta e a Nicole chorou muito. Pensamos então em adotar a estratégia de deixar, na próxima aula, em sala para uma conversa, os alunos que tivessem atitudes inadequadas, como neste caso. E no decorrer da aula estes alunos ficaram sentados observando a turma.

Na atividade de sentar em círculo no centro da quadra, para realizarmos movimentos com os pés, o fato de associarmos aos personagens do circo, incitou o imaginário e gerou maior interesse nesta atividade, que mesmo não durando muito tempo na posição sentada, o grupo começou a deslocar-se pela quadra tentando realizar os movimentos de pé que exercitamos.

A preocupação com o que o colega fala ou acha está sempre presente nos comentários dos alunos (ex.: “Fulano não está sentado”, “Ciclano falou que eu não sei fazer”, etc.). Isto prejudica um pouco o andamento da aula, pois são inúmeros comentários deste tipo por aula, e todos querem a atenção do professor nestes momentos, justificando-se, explicando-se. Nossa intervenção neste sentido foi de chamar as duas partes para conversar e fazer com que eles se expressassem, e pedissem desculpas ao colega após caírem em si, e tem funcionado bem.

Como sugerido pelo prof. Giovani, pensamos uma forma de refletir ao final da aula, para concentrar os alunos em um momento de aprendizado e recuperação do que foi feito na aula. Desta forma criamos um joguinho simples para que cada um colocasse algo sobre a aula, mas não funcionou bem, pois se intimidaram e somente os alunos que estavam excluídos da aula por incomodarem se expressaram, e só o fizeram para dizer que a “aula foi chata”, o que imaginamos ser uma forma de expressar rebeldia e se posicionar contra nossa atuação já que ficaram de castigo.

Na aula anterior, Leonardo havia sido deixado em sala por subir nos canos mesmo tendo sido alertado pelas estagiárias para não caminhar sobre o apoio ao lado do portão lateral, pois poderia ser perigoso cair nas

pedras e ainda poderia machucar os colegas que estavam se apoiando com as mãos onde ele pisava. No início da aula uma conversa com Leonardo fez com que ele se comportasse muito bem e de forma participativa nesta aula. Na atividade final de reflexão, Leonardo colocou que uma coisa que ele não gostou foi de ter bagunçado. Isso nos mostrou que nossa atuação com ele, de o fazer refletir e se colocar de forma a perceber que esteve errado. Ficamos bastante felizes com este momento.

PLANO DE AULA 6 - 22/10/09 (Quinta-feira)

Objetivo: Como na última aula, as crianças estavam bastante dispersas, pensamos uma aula com o objetivo de oferecer mais opções para que possam escolher e assim aumentar a participação na aula. O objetivo desta aula também é que os estagiários interfiram menos na ação dos alunos, deixando-os experimentar com maior espontaneidade as atividades propostas e desta forma compreender melhor e mais livremente os conteúdos relacionados ao circo, mais especificamente, direcionados ao equilíbrio.

ATIVIDADE DO DIA: Escolha e experimente.

Um circuito com atividades diversas é montado no ambiente, que pode ser a quadra ou nos demais ambientes da escola. No circuito a Corda ficará disposta em nível amarrada na árvore para quem quiser pular. Na grade da quadra poderá ser realizada a ponte utilizando-a como apoio ou tentar escalar imitando uma aranha. No espaço de cimento no sentido do portão lateral, as crianças poderão experimentar o deslocar-se com uma colher na boca com um objeto circular em cima (substituindo um ovo). O brincar no parquinho terá os desafios já estão colocados pela própria estrutura do equipamento, como subir, escalar, trepar, etc. O direcionamento e a intervenção das estagiárias se darão com mais sutileza e no sentido de orientar as atividades, mas buscando estimular a espontaneidade das crianças.

REFLEXÃO FINAL

Em uma roda se buscará conversar sobre o que foi feito no dia de hoje, já que o grupo teve mais liberdade para dispersar-se entre as atividades propostas. E fazer relação com a aula passada onde a conversa final em sala foi no sentido de conscientizar as crianças sobre a forma de participar das aulas de ed. Física, se contribuiu ou atrapalhou a aula, e o que isso trás de bom ou ruim, para o grupo e para si mesmo.

Comentários sobre a aula 6 - 22/10/09 (Quinta-feira)

Para esta aula adotamos nova estratégia, após reflexão e conversa com alguns professores de Educação Física que trabalham com esta faixa etária. A idéia foi de colocar a disposição da turma diversas formas de explorar o movimento e se experimentar em atividades diferentes durante a aula, como uma forma de circuito aberto. Isto evitaria um desgaste por parte de quem atua como professor, por não exigir que toda a turma realize sempre uma só atividade, já que alguns alunos vinham discordando do direcionamento das estagiárias no sentido de imporem as atividades e brincadeiras, sem dar liberdade as crianças, e isto estava fazendo algumas crianças não participarem de parte da aula.

Esta aula foi como um “divisor de águas” em nossa intervenção. Pudemos nesta forma de atuação não ficar tão presas ao plano de aula, mas sim as crianças, podendo atuar como professoras, estagiárias e alunas neste processo. Conseguimos observar melhor o que acontecia, todas as crianças participaram da aula toda, brinquedos e materiais antes esquecidos no fundo do depósito de materiais de Educação Física foram redescobertos pelas crianças (como chinelão, perna de pau, etc.), e ao final da aula saímos menos cansadas e mais realizadas.

O professor Fredy apoiou nossa forma de intervenção neste dia e colocou que desta forma parece que estamos mais no caminho realmente da prática pedagógica do professor de Educação Física, pois percebemos a necessidade da realidade concreta daquela turma.

A brincadeira de pular corda sempre é bastante movimentada e tem maior participação, pois as crianças adoram e sempre brincam nas aulas do professor Fredy. Algumas situações de pequenas discussões, sempre entre os mesmos alunos, ocorreram, mas não causaram grandes problemas ou conseqüências.

PLANO DE AULA 7 - 27/10/09 (Terça-feira)

Objetivo: Como na última aula nosso objetivo foi alcançado, continuaremos com a estratégia de proporcionar para a turma várias atividades que já foram trabalhadas ou que os alunos podem estar criando, afim de deixarmos a aula com “a cara” mais das crianças, incentivando a criatividade e cooperação entre eles. Esperamos assim que a turma participe mais, como na aula anterior, mas que se mantenha no tema do circo.

ATIVIDADE INICIAL: Chamada com mímica.

Cada criança ao ser chamada pelo nome, terá que lembrar de alguma atividade ou animal que já foi falado em sala e passar esta “informação” aos demais colegas, porém em forma de mímica, o que estimula a criatividade e deixa “sem vergonha” a turma como um todo.

ATIVIDADE DO DIA: Circuito escolhido.

Um circuito com atividades diversas é montado no ambiente escolar, que provavelmente será fora da quadra, já que a mesma será utilizada por outra turma. Nos diversos ambientes terão várias possibilidades de brincadeiras, como utilizando-se da perna-de-pau, pular corda, andar obre a corda, passar sob a corda (diminuir a altura conforme a facilidade ou dificuldade das crianças) e também já introduzir atividades que identifiquem o malabarista, com atividades no parquinho, por exemplo; arcos que podem ser utilizados de diversas maneiras (até mesmo pra fazer mágica), assim como cones para fazer um percurso; “ginástica historiada” que deve ser estimulada pelas estagiárias e por fim fazer uma fila para passar as bolinhas de ping-pong um para o outro utilizando-se a colher de mão em mão.

CONVERSA FINAL

Conversar com as crianças no sentido de verificar o que elas vem pensando sobre a aula de Educação Física, se a aula está mais agradável desta forma mais “livre” e se elas conseguem associar as atividades com o circo.

Comentários sobre a aula 7 - 27/10/09 (Terça-feira)

A aula de maneira geral teve seu objetivo alcançado, tivemos a participação de quase toda a turma e a mesma teve vários momentos de criação entre eles, onde as crianças propunham atividades e criavam novas formas de brincar com objetos que até agora não tinham sido “recriados” pelas crianças, como é o caso do bambolê, onde as crianças fizeram um “trenzinho” engatando um bambolê no outro, fazendo assim uma atividade de cooperação e integração entre eles.

Na hora de se expor para fazer a mímica, nem todos quiseram participar, sendo os meninos mais resistentes, então se um deles não queria o outro certamente também não fez a atividade, mas participaram de outras maneiras na aula, como a retomada do navio pirata já trabalhado no início, desta vez a árvore foi “dominada” por quase todos os meninos (piratas) e as meninas eram as princesas e ficavam embaixo da árvore esperando pelo salvamento que viria por parte dos meninos.

As atividades no parquinho para introduzir a figura do malabarista, foi rapidamente substituída pelos navios piratas, rico em imaginação; mas acredito que no início quase todos fizeram pelo menos um percurso no parquinho se experimentando como malabaristas para o nosso circo, porém acreditamos ter de retornar um pouco mais nisso antes de continuarmos com os “conteúdos”.

A conversa final foi bem difícil de acontecer, já que a turma ficou bastante envolvida na brincadeira dos navios piratas e por isso foi difícil reuni-los para conversar, pois a grande maioria dos meninos ainda estavam na árvore e corriam de um lado pro outro. Mas tentamos colocar o que estávamos fazendo e que futuramente tudo isso estaria presente no nosso circo, inclusive a figura do malabarista, que foi o “tema” da aula de hoje.

PLANO DE AULA 8 - 29/10/09 (Quinta-feira)

Objetivo: Proporcionar aos alunos uma vivência do “trapezista” do circo, utilizando os espaços de dentro e fora da quadra da escola. Porém as estagiárias irão direcionar diretamente as crianças para algumas atividades, mas as mesmas também poderão criar e propor outros exercícios e brincadeiras, como vem acontecendo nas últimas aulas ministradas.

ATIVIDADE DO DIA: Um dia de equilibrista e/ou trapezista.

Um circuito com atividades diversas é montado no ambiente, que pode ser a quadra ou nos demais ambientes da escola. No circuito a corda ficará disponível amarrada na árvore para quem quiser subir e se equilibrar na mesma, fazendo o papel do trapézio, de forma que toquem o chão com os pés quando necessário, buscando desta forma, reduzir o perigo. Atividades de salto em diversas distâncias, pulando entre os bambolês no chão, colocarão o desafio de se projetar em outro ambiente, iniciando o movimento de troca de trapézios. Nesta aula, o equipamento “Parquinho” será muito importante, pois ele propõe desafios como troca de mãos ao se deslocar entre os ambientes, balanço, pendurar-se, etc., que indicam movimentos realizados pelo equilibrista. A interlocução das estagiárias se dará no sentido de colocar as semelhanças daqueles movimentos com os movimentos específicos de trapézio.

REFLEXÃO FINAL

Como tem acontecido e vem “dando resultado” faremos uma “reunião” com as crianças ao final de todas as atividades no sentido de fazer com que as mesmas reflitam no que elas fizeram no espaço e no tempo da aula, buscando justamente uma maior compreensão e reflexão dos objetivos das atividades e o que vem ocorrendo com a turma, em relação a comportamento, relacionamento, se contribuiu ou atrapalhou a aula, e o que isso trás de bom ou ruim, para o grupo e para si mesmo.

Comentários sobre a aula 8 - 29/10/09 (Quinta-feira)

Como na aula anterior, as crianças tiveram bastante criatividade em “recriar” algumas atividades, o que nos mostrou que estamos caminhando pelo caminho certo, de deixar a aula um pouco mais “livre” para que as próprias crianças desenvolvam algumas capacidades, sem precisar de uma atuação tão direcionada por parte das estagiárias. O parquinho foi um pouco melhor aproveitado do que a aula anterior, porém os meninos ainda são o desafio maior de participação, já que os mesmos querem sempre jogar futebol, correr, pular e até “se pegarem” ao invés de tentar fazer alguns exercícios como o do malabarista, trapezistas e/ou equilibrista.

A Letícia foi um destaque nessa aula, participando de todas as atividades em que motivávamos a participação das crianças, fazendo tudo com bastante cuidado e delicadeza, mesmo sempre muito quieta, pra não dizer calada. A Ana Livia as vezes acaba por atrapalhar a aula no sentido de querer chamar a atenção a todo custo, querendo ela rodar a corda, o que não é bem visto pelos demais colegas, gerando um conflito. Outro que toda aula gera uma intriga é o Bruno, sempre empurrando e até mesmo brigando com muitos colegas, o que tem que ser sempre muito conversado, gerando um desgaste entre as estagiárias e os próprios alunos, mas que faz parte do cotidiano escolar.

PLANO DE AULA 9 - 03/11/09 (Terça-feira)

Objetivo: Dando continuidade ao projeto do circo, hoje será falado sobre a figura do “contorcionista”, que ultrapassa limites do próprio corpo realizando movimentos plásticos e belos. Com as crianças buscaremos realizar atividades de alongamento, mas tentando manter a aula mais ativa, para proporcionar além de exercícios de percepção corporal, a participação de todos em atividades de corrida e brincadeiras já conhecidas.

ATIVIDADE I: Chamada e conversa

Em sala de aula, será conversado com os alunos sobre o que será feito na Educação Física neste dia, e ainda vamos buscar lembrar dos personagens do circo que já foram trabalhados em nossas aulas até agora.

ATIVIDADE II: Correr com bambolê

Todos no final da quadra deverão, ao sinal da estagiária, correr até o outro lado da quadra e pegar o bambolê, e com ele na mão, voltar girando-o no braço direito, e depois fazer o mesmo no esquerdo. Na segunda parte da brincadeira, será feita a mesma corrida, mas quando pegarem o bambolê, os alunos deverão colocá-lo no chão e pular dentro dele e então passa-lo pelo corpo até sair pela cabeça e buscar coloca-lo mais a frente, e entrar no bambolê novamente e assim sucessivamente provocando o deslocamento.

ATIVIDADE III: Contorcendo

As estagiárias passarão exercícios como ponte, borboleta com as pernas flexionadas, posição da vela (deitados colocar a mão embaixo da cintura e tentar suspender o quadril com as pernas estendidas) e todos deverão tentar imitar.

ATIVIDADE IV: Desenhando

Para pensar no que foi feito no dia de hoje, a estratégia do desenho como forma de registro será utilizada, onde de forma livre todos deverão buscar lembrar de algum movimento realizado na última atividade, que remeteu ao contorcionista.

Comentários sobre a aula 9 - 03/11/09 (Terça-feira)

Como ainda havia alguns conteúdos que ainda estavam pendentes para ser passados em nosso projeto, pensamos esta aula de maneira um pouco diferente do que vínhamos fazendo, quase que no formato das primeiras aulas, onde todo o grupo realizaria as mesmas atividades. Contudo nossa interlocução se deu de forma contínua ao que vínhamos fazendo, e aula acabou por, naturalmente, se organizar de forma tranqüila, participativa e alcançando todos os objetivos.

Por mais que os movimentos do contorcionista deveriam ainda ser tratados nas aulas, não ficamos presas ao plano de aula e criamos as formas de colocar as atividades junto com as crianças. A corrida com o bambolê funcionou tranqüilamente e as crianças ficaram bastante estimuladas ao correr e experimentar diversas maneiras de se movimentar com o bambolê, desde o deslocamento até o movimento de membros com ele. Os

meninos acabaram por criar maneiras de utilizar o bambolê fazendo trenzinho ou deslocando-se com maior dificuldade, tendo que passar o bambolê por todo o corpo para poder sair do lugar. Estas formas de brincar e se experimentar sugeridas pelos próprios alunos enriqueceram as aulas e iam aumentando na medida em que estimulávamos este tipo de atitude.

Nas atividades de contorcionismo, com colchonetes no chão, e em formação de círculo, experimentamos realizar movimentos de iniciação ao alongamento de forma mais plástica, como a ponte, borboletinha, estrela entre outros. Os meninos se entediaram um pouco no decorrer da atividade e pediram para jogar futebol, e como a participação e a colaboração da turma toda se deu de forma entusiasmada em toda a aula, deixamos-os jogar futebol, pois também só faltavam alguns minutos para acabar a aula.

Com as meninas mantivemos a formação em círculo e realizamos uma espécie de relaxamento enquanto conversávamos sobre as aulas. Este momento foi muito interessante, pois pudemos ter uma noção do que elas estavam achando das aulas e o que estavam aprendendo. Ainda conseguimos focalizar todo o entusiasmo naqueles movimentos tranqüilos de relaxamento, fazendo-as perceber seu corpo e sua atuação sobre ele.

Apesar de a atividade final de desenho não ter sido realizada por falta de tempo, as meninas realizaram uma espécie de registro simbólico ao refletirem sobre o que estava acontecendo, e infelizmente os meninos não participaram deste momento. Nossas expectativas para esta aula não eram as maiores, mas ficamos bastante realizadas, pois percebemos que independente do plano de aula que criarmos, com diversas atividades dirigidas ou apenas uma diversificada, a didática e a metodologia utilizada para a mediação desses conteúdos tem realmente grande influência no aprendizado das crianças e no “cotidiano pedagógico” do professor.

PLANO DE AULA 10 - 05/11/09 (Quinta-feira)

Objetivo: Retornar a atividade de desenho feito na aula anterior, para quem deseja concluir este seu registro. E para a aula de terça feira que vem, pensamos em realizar nosso próprio circo, e portanto, a aula de hoje servirá de planejamento para este momento, onde definiremos papéis e estratégias para representar as figuras de nosso circo.

ATIVIDADE DO DIA: Organização do Circo do 1º ano.

Quem quiser concluir o desenho realizado aula passada poderá o fazer e os demais participam do que foi planejado para o dia de hoje. Pensamos em realizar o planejamento do momento mais esperado da nossa interlocução, onde realizaremos o nosso circo. Com nossos personagens e brincando de viver naquele momento os que aprendemos até em nossas aulas até então. Esta organização será feita em sala de aula e todos deverão ter papéis, sejam eles de organizadores, ajudantes ou personagens do circo, pois toda a turma deve participar deste momento, construindo juntos o nosso “Circo do 1º ano”.

Comentários sobre a aula 10 – (05/11/09) (Quinta-feira)

Creemos que o planejamento ocorreu de forma um pouco agitada, porém alcançou os principais objetivos da aula, pois todas as crianças, inclusive aquelas que não estavam presentes nesta aula, foram incluídas com alguma função e/ou personagem em nosso circo. Todos colocavam o que gostariam de representar em nosso circo e a estagiária anotava em uma tabela as funções, para posteriormente organizar uma ordem de apresentação. O desenho realizado na terça-feira não foi retomado pois a aula tem menor duração nas quintas-feiras e talvez perdêssemos parte do planejamento já que as crianças demoraram para se acalmar e ouvir as estagiárias. Além disso a maioria das crianças alegaram ter terminado seu desenho e aqueles que não terminaram estavam mais preocupados em escolher seus personagens do Circo, e só falavam nisso.

A escolha dos personagens foi interessante, pois algumas situações com meninas muito amigas, como a Sara e a Nicole só queriam participar se tivessem a mesma função. Outra coisa foi que a Amanda e a Emily, sempre participativas, queriam executar quase que todas funções.

Como o dia estava lindo, as crianças estavam ansiosas para sair de sala de aula e correr, e como o planejamento deu certo e sobrou alguns minutos antes do recreio, as crianças deveriam utilizar esses minutos para praticar os movimentos do personagem que executariam em nosso Circo na próxima aula.

Foi dito também às crianças que, quem tivesse disponibilidade, trouxesse uma roupa diferenciada, bastante colorida e que se sentisse bem, para trocar na hora da apresentação do Circo. Com a Ana Lívia, foi pedido a sua auxiliar que explicasse a ela que a função de bailarina teria sido sugerida pra ela, já que está sempre dançando e interpretando balé em nossas aulas, e ela adorou a idéia.

Os meninos, em especial o Anderson, têm pedido bastante para jogar futebol, e em alguns momentos, por estarmos em duas estagiárias, conseguimos nos dividir e cada uma ficar com um grupo menor de crianças, pois do futebol as meninas não querem participar. Sabemos que na prática não funciona assim e, portanto a organização da turma de forma unificada, com todos em uma mesma atividade, garante uma melhor mediação do professor. Contudo achamos que os alunos “mereciam” esta retribuição pela maior participação e menos

problemas causados por estes alunos nas últimas aulas, após nossas conversas, e não vimos problema em ter este tipo de ação.

PLANO DE AULA 11 - 10/11/09 (Terça-feira)

Objetivo: Como combinado na aula anterior, cada criança representará algum personagem que fará parte do *nosso grande circo*, como descrito abaixo. Através do ambiente circense, os alunos terão possibilidade de uma vivência “real” em que serão os atores principais, de forma lúdica, mas sem perder o fio condutor e também como consequência disso as habilidades motoras serão vivenciadas, como o equilíbrio na figura do equilibrista, a flexibilidade do contorcionista que se realiza através de “pontes” e até mesmo da criatividade em realizar mímicas imitando os animais.

ATIVIDADE DO DIA: O nosso CIRCO.

Com o ambiente previamente arrumado para o cenário circense, devidamente preparado e caracterizado, iremos até a sala de aula verificar se os “personagens” estão prontos para o grande espetáculo, sendo eles: 3 crianças no chinelo e dois realizando as cambalhotas, representando a figura do “palhaço”; uma menina realizando a “ponte”, uma bailarina (Ana Lívia) e mais duas meninas no bambolê compondo o grupo das “contorcionistas”. Já a figura do “equilibrista”, muito disputada pelos meninos, será composta de algumas atividades como andar sobre uma corda disposta no chão, como também pendurada na árvore; pular corda e andar na perna de pau. A figura do “trapezista” será realizada no parquinho da escola, onde possui uma estrutura mais adequada. Há também o “domador de animais” que terá que conduzir feras como o leão.

Para auxiliar nessas atividades, existe a figura dos “ajudantes”, que irão auxiliar no giro da corda e o ajudante de “mágico”, figura tão aguardada, mas que ainda não tem nenhuma criança definida para assumir este papel, talvez pela falta de alguma mágica realizada pelas próprias estagiárias, o que poderia instigar na procura por mais algumas por parte dos alunos e os mesmos serem o mágico do nosso circo. Para mediar todo esse processo, as estagiárias, terão o papel de “apresentadoras” e conduzirão o grande espetáculo, tentando fazer com que todas as crianças entrem no “mundo do circo” e soltem sua criatividade na vivência dessa real fantasia.

Comentários da aula 11 – 10/11/09 (Quinta-feira)

Três crianças não participaram do circo, pois não foram para a aula (Ana Lívia, Ana Geremias e Wanderlei), o que foi uma pena, já que as mesmas, principalmente a Ana Lívia estava com bastante expectativa para a realização desta atividade (ela seria uma das bailarinas). Mas de maneira geral, alcançamos nosso objetivo, já que todos que estavam presente se apresentaram através dos personagens do nosso circo e participaram da socialização, onde ao final foi servida pipoca para todos; somente a Letícia não comeu a pipoca, apenas ficou segurando o copo cheio e não participou muito da integração com o grupo, mas ficava sempre perto e observava muito. Contamos com a participação da Angélica (estagiária de docência) que auxiliou filmando todos este evento de conclusão do projeto, e que contribuiu bastante, já que foi editado o vídeo e feito um breve “documentário” para ser passado aos alunos no último dia de interlocução com as crianças, como parte da avaliação.

Contamos com outras participações no nosso espetáculo, duas representantes da coordenação da escola, que ficaram “cuidando” para ver se todos estavam participando das atividades, o que foi um pouco inadequado em nosso ponto de vista, já que o Murilo não estava bem e num certo momento, depois de ter se apresentado, saiu de perto de todos e se isolou no pátio da escola. Neste momento tentamos conversar com ele e convidá-lo a voltar para a atividade que estava bem diferente neste dia, mas não adiantou; somente quando a Salvelina foi atrás dele e deu uma bronca, o mesmo voltou contrariado para o grupo, o que talvez não tenha sido a melhor forma de conduzir esta situação, já que elas estavam ali convidadas párea assistir a apresentação e não mediar dificuldades. Apesar da Letícia não ter participado do “momento pipoca”, quando chegou a hora dela se apresentar como “equilibrista”, a mesma foi bem firme em “guardar” seu lugar na fila para que ninguém entrasse na sua frente e realizou a atividade com um cuidado muito grande para que sua apresentação ficasse muito boa, o que nos deixou bastante satisfeitas.

Nesse momento em que todos tiveram seu espaço para mostrar o que aprenderam ou até mesmo já sabiam e tiveram a oportunidade de exercitar e ensinar aos colegas, verificamos que houve uma diminuição das diferenças e dos preconceitos entre eles, um fato que mostrou isso foi que a Sara deu a prioridade para que a Emily se apresentasse primeiro nas estrelas e pontes realizadas por elas, fato que nas aulas sempre observamos o contrário. Alguns alunos ficaram envergonhados em realizar as atividades, como a Aparecida, Náthaly e alguns meninos, pois se um deles não participasse, os demais já não queriam também. Mas como um todo, o momento final de nossa interlocução foi bastante rico e prazeroso, nos trazendo um sentimento de “dever cumprido” e de muita satisfação desta troca com as crianças, resultado da nossa dedicação em todo esse período.

PLANO DE AULA 12 - 12/11/09 (Quinta-feira)

Objetivo: Como é nosso último dia de intervenção com a turma do primeiro ano, iremos avaliar o que foi construído e trabalhado com eles nesse período. Também vamos registrar um momento onde concluímos nossa intervenção, que foi a aula anterior, através de filmagem e fotos, deixando para os alunos o registro fotográfico.

ATIVIDADE I: Avaliação e registro.

Iniciaremos a aula dentro do ambiente da sala de aula, onde é mais fácil a conversa com a turma por eles estarem todos reunidos num espaço fechado. Tentaremos provocar um diálogo afim de que eles falem o que pensam sobre o período que estivemos com eles, o que eles aprenderam e também conversar um pouco sobre as relações entre eles e com os demais professores. Como forma de manter registrado o momento do resultado do que havíamos construído até então, entregaremos para cada criança uma foto da aula anterior onde realizamos o circo do primeiro ano. Colocaremos também para as crianças, nossas impressões e o que nós, como professoras da turma, sentimos em toda esta vivência.

ATIVIDADE II: Brincadeiras livres.

Caso sobre tempo, já que teremos apenas uma aula com a turma, levaremos a mesma para a quadra onde terão uma série de brinquedos a disposição das crianças para que as mesmas criem suas brincadeiras e tenham um momento lúdico entre elas. As estagiárias irão mediar essas atividades para que todas as crianças participem de alguma brincadeira e principalmente que se relacionem entre si de maneira respeitosa e de amizade.

Comentários sobre a aula 12 - 12/11/09 (Quinta-feira)

Este momento foi de muita emoção com a turma, que pôde se ver no vídeo que fizemos com nossa aula anterior, do circo do 1º ano. Todos gostaram bastante do vídeo, querendo assistir mais de uma vez; realmente foi um momento bem gratificante, pois foi o resultado concreto de toda nossa interlocução com as crianças. O professor Fredy e a professora de classe, Valmira, participaram desse momento e também demonstraram bastante satisfação com o trabalho realizado, colocando em sua fala que já tiveram outras estagiárias com a turma, mas que nenhuma soube valorizar e reconhecer o trabalho desenvolvido ao longo do ano pela professora de classe e professor de Educação Física da turma.

Com certeza ao final saímos com a sensação de dever cumprido, já que as próprias crianças demonstraram também seus “sentimentos” por nós e por nossas aulas, reconhecendo nossa trajetória nesse curto espaço de tempo. Com certeza esses momentos vão ficar em nossas memórias como um período único em nossa formação e levaremos os aprendizados, e todas as outras “marcas” que aconteceram neste momento do estágio II não só para nossa formação acadêmica, mas como seres-humanos em constante construção.